

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGEFB
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DOS
QUERERES E PODERES DA INTERNET

Franciéle Trichez Menin

Francisco Beltrão – PR
2017

Suelen T. Menin



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGEFB
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

FRANCIÉLE TRICHEZ MENIN

**SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DOS
QUERERES E PODERES DA INTERNET**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação - Nível de Mestrado – Área de Concentração: Educação, Linha de Pesquisa: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientador: Dra. Giseli Monteiro Gagliotto.**

Francisco Beltrão – PR

2017

Catálogo na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Unioeste – Campus de Francisco Beltrão

Menin, Franciéle Trichez

M545s Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir dos
quereres e poderes da internet. / Franciéle Trichez Menin. –
Francisco Beltrão, 2017.
174 f.

Orientadora: Prof^a Dra. Giseli Monteiro Gagliotto.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão,
2017.

1. Educação sexual para adolescentes. 2. Internet na
educação. 3. Psicanálise. I. Gagliotto, Giseli Monteiro. II.
Título.

CDD 20. ed. – 372.372

Sandra Regina Mendonça CRB – 9/1090

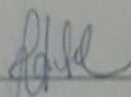
FOLHA DE APROVAÇÃO

FRANCIÉLE TRICHEZ MENIN

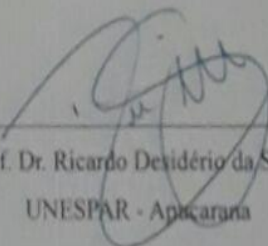
TÍTULO DO TRABALHO: SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO
SEXUAL A PARTIR DOS QUERERES E PODERES DA INTERNET

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado, Área de Concentração: Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestra em Educação a autora.

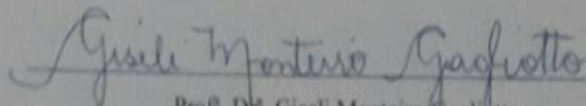
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Janaína Damasco Umbelino
UNIOESTE - Francisco Beltrão



Prof. Dr. Ricardo Desidério da Silva
UNESPAR - Apucarana



Prof.ª Dr.ª Giseli Monteiro Gagliotto
(Orientadora) PPGEFB/UNIOESTE - Francisco Beltrão

Francisco Beltrão, 12 de maio de 2017

*Dedico este trabalho os meus pais que são as
razões do meu viver!
A minha irmã Suelen que é a força e inspiração
dos meus dias!
Ao meu pequeno maninho Bryan que trouxe luz e
alegria para meus dias!
Ao meu marido que me acompanhou com tanta
paciência durante estes anos!
A todos os adolescentes e professores por uma
Educação Sexual Emancipatória!!!*

AGRADECIMENTOS

A Deus por me permitir a vida e cada vitória conquistada, por me presentear com a melhor família que alguém pode ter, por imumar os dias de escuridão me guiando e mostrando os caminhos. Obrigada Deus por todas as pessoas que tenho em minha vida e por cada obstáculo que preciso enfrentar, pois cada um me deixa mais forte do que posso imaginar!

Aos meus pais, que são a razão do meu viver, sempre foram a luz e o guia no meu caminho, os que me deram força e direção. Mãe, Pai, obrigada por serem e estarem sempre ao meu lado, me abraçando, me acalmando e mostrando que quando parecia o fim, era possível seguir em frente. Pelas vezes que pensei em desistir e mostraram que eu era capaz, este mestrado não é meu, é NOSSO. Vocês são o ar que respiro, são tudo que tenho desde que cheguei a vida, amo vocês.

A minha mana Su ou minha princesinha hehehe. Mana você me fez seguir em frente muitas vezes, quando pensava em desistir lembrava que sempre fui seu exemplo e que precisava terminar tudo por nós. Sim por nós, pois tudo que conquisto é meu e seu, desde o seu nascimento és minha boneca, minha menina, minha princesa, e não importa quanto tempo passe sempre serás assim nossa relação. Minha irmã, amiga, aluna, companheira, confidente e como você diz 'minha quase filha', neste momento você passa pela adolescência e me motivou a desenvolver esta pesquisa, sendo minha maior inspiração. Mana obrigada por todos os momentos que ficou as noites conversando comigo pro sono não tomar conta de mim. Obrigada pela inspiração que é na minha vida. Mana obrigada por ser a mentora e autora da capa da minha dissertação, sem você não teria conseguido. Mana te amo mais que tudo nessa vida, hoje e sempre minha princesa!!!

#EnquantoHouverVocêDoOutroLado,AquiDoOutroEuConsigoMeOrientar.

"Anjo mais velho" OTM.

Ao meu Maninho Bryan que chegou em nossas vidas inesperadamente em meio ao mestrado, momento de loucura e correrias, você me fez apertar o botão do Pause, espere, olhe para o lado, a vida é muito maior que isso. Sim é mesmo meu pequeno, com você percebi que vale a pena viver e lutar. Amor da mana sempre estarei ao seu lado, hoje não sou mais nada sem você. Te Amo meu Príncipe.

#SóEnquantoEuRespirar,VouMeLembrarDeVocê,SóEnquantoEuRespirar "Anjo mais Velho" OTM.

Ao meu marido Maicon que com todo seu amor e paciência esteve ao meu lado durante estes anos, os quais foram difíceis, com muitas lágrimas e vontades de desistir, porém foi minha força e coragem para seguir em frente. Obrigada por ser esse marido e príncipe maravilhoso que és, essa história é nossa, construímos e vamos desfrutar daqui em diante.

Te Amo. *#TeAmareiDeJaneiroAJaneiroAtéOMundoAcabar.* "De Janeiro a Janeiro" Nando Reis.

As minhas filhas dogs Tekila e Lilica por estarem ao meu lado nos dias e madrugadas de estudo, latindo, chorando e pedindo carinho, por deitarem e ficarem me olhando enquanto eu estudava, amo vocês.

Agradeço a minha madrinha, minha segunda mãe, por se fazer presente em minha vida, pelas comidas nos momentos que não sentia fome, pelas palavras que eu conseguiria, obrigada madrinha por tudo sempre, te amo demais.

Obrigada a minha linda Nona Maria que já faleceu e não pode presenciar e festejar aqui na terra comigo esta vitória, mas sei nona que festeja aí de cima, pois sempre se fez presente em minha vida. Te Amo.

Obrigada aos meus avós maternos que entenderam meus momentos de ausência e mesmo assim estiveram presentes. Obrigada Nona e Nono vocês são exemplos em minha vida amo demais vocês.

Quero agradecer aos meus sogros que sempre me apoiaram e entenderam meus momentos de distância durante a pesquisa mesmo morando ao lado da casa de vocês, obrigada por serem os lindos que sempre foram e claro por me presentear com o filho de vocês que tanto amo. Amo Vocês.

Agradeço as minhas cunhadas Cris e Dani por todos os anos de convivência e por se fazerem presente em minha vida, por entenderem a loucura que é a minha vida de estudante. Obrigada aos meus cunhados Valdecir e Marcelo por fazerem minha cunhadas lindas felizes, mas claro por serem tão bacanas e me aturarem kkkkk.

Ao meu cunhado Gabriel que chegou a pouco tempo, mas até aqui tens feito minha irmã feliz e isso é o mais importante, e claro se for diferente o bicho pega para o teu lado rapaz kkkkkk, mas além das brincadeiras obrigada.

A todas as minhas tias, tios, primos e primas por entenderem minhas 'doideiras' durante esse tempo e também pela minha ausência, pois antes costumava visitar as pessoas, e em dois anos desapareci, mas não façam festa agora estou voltando para incomodar e filar comida kkkkk. Adoro vocês todos.

Aos meus afilhados Alana e Davi. Alana por aturar essa madrinha maluca que várias vezes esteve distante, mas agora vai ter que me aguentar. Ao Davi que chegou em minha vida durante o mestrado e posso dizer foi um dos melhores presentes que ganhei até hoje. Amo demais vocês meus pequenos, meus presentes de Deus.

Aos professores Ricardo Desidério e Janaina Damasco Umbelino gostaria de agradecer o aceite em participarem da banca do meu trabalho, obrigada por todas as considerações e incentivos durante este processo, a participação de vocês foi simplesmente fundamental e inesquecível. Prof^o. Ricardo obrigada pelas conversas e palavras, mesmo com pouco tempo que nos conhecemos, posso afirmar que você encanta as pessoas que estão a sua volta, ganhou mais uma fã, obrigada por direcionar um pouco do seu tempo para a leitura e participação na dissertação!!! Prof^a. Jana o que falar? Obrigada por fazer parte da minha vida desde a graduação, és e sempre serás um exemplo a ser seguido por seus alunos, uma

mulher lindamente determinada, obrigada pelo carinho de sempre e por dividir um pouco dos seus conhecimentos comigo e com meu trabalho!!!

Devo todo agradecimento e admiração a minha orientadora Giseli Monteiro Gagliotto, que mesmo a tantos emaranhados de dúvidas acreditou em meu potencial e me oportunizou fazer parte do Lab. Adolescer e Lab. GEDUS, os quais me motivaram a chegar até aqui. Prof^ª. Gi, obrigada por tudo que vivemos, por permitir que eu tenha me tornado esta pessoa mais forte e corajosa, a menina indefesa se tornou uma leoa em busca do seu caminho com determinação e fé. Obrigada Prof^ª. e estendo meu agradecimento a Manu e ao Cris que estão me aguentando a 5 anos na casa de vocês, dividindo momentos de alegrias, tristezas, festas, despedidas, obrigada por tudo, não há palavras para descrever o que já vivi neste tempo perto de vocês, aaaahhh prometo que agora não vou mais incomodar tanto kkkkk.

Agradeço aos professores da graduação em Pedagogia matutino dos anos de 2011 a 2014, os quais me mostraram o encanto em ser professora, me despertaram o desejo de seguir em frente. Principalmente aos professores Eduardo Jacondino e Iara Henn que estiveram presentes para além da sala de aula, me orientando e passando forças para o processo de seleção do mestrado.

Devo o agradecimento aos professores do Mestrado em Educação que me ensinaram a trilhar o caminho da pós-graduação, os rumos da dissertação e a importância da Educação. Obrigada professores: André, Sonia, Benedita, Clésio, José Luiz, Maria Ester e Sueli Martins, pelos exemplos e incentivos em seguir em frente, vocês são o exemplo de coragem e determinação.

Aos alunos que participaram do Laboratório Adolescer e motivaram a minha pesquisa, todos são inesquecíveis com suas peculiaridades. Agradeço em especial a alguns que mantiveram contato durante a dissertação e que foram de fundamental importância me transmitindo forças positivas para continuar, são eles: Dieferson (Fefe), Douglas (Dodo), Eduarda (Duda), Wender, Jonatan, Fernanda (Fer). Obrigada a todos pela companhia alegria e confiança!

Quero agradecer aos alunos do Segundo ano de Pedagogia matutino do ano de 2016 que me acolheram e me instigaram o amor pela docência no ensino superior, só vocês sabem o quão difícil foi o momento do estágio de docência pelos problemas de saúde familiar e sempre estiveram ao meu lado, obrigada por cada palavra e abraço, serão inesquecíveis em minha vida, obrigada: Alessandra, Ana Paula, Antonio (Junior), Bruna, Daiane, Dulce, Dyeniffer, Edileuza, Elizangela, Guínyfa, Isis, Jaqueline, Josieli, Kétellyn, Marcelina, Maria, Marilei, Natiele, Patrícia, Simone, Taciane, Tainá e Tamara.

Aos colegas do Mestrado que estiveram juntos nessa loucura durante dois anos, obrigada a cada um pela sua presença, obrigada pelas pizzas, bolos, cafés e o principal as risadas, que mesmo nos momentos mais difíceis estávamos rindo juntos. Obrigada Denize Santi, Denise Lenzi, Gisele, Rosangela, Jaqueline, Gerson, Felipe, Nathanael, Juliano, Antonio, Andréa, Maricélia, Moacir, Indianara, Juliana e Suzana.

A pequena grandiosa Ze (Zelinda) pelos momentos de força e pelas palavras de apoio sempre, obrigada também por nos cobrar os prazos da maneira mais gentil que alguém consegue fazer, porque juro que queria ter um pouco da sua paciência kkkk. Ze você é a melhor secretária te adoro, te levo comigo para todo sempre, obrigada sua linda.

Agradeço ao Núcleo Regional de Educação de Francisco Beltrão pela recepção e abertura para realizar a pesquisa nos colégios. Bem como, obrigada aos colégios pela recepção e participação, desculpe por não poder citar nomes por questões éticas na pesquisa.

Agradeço aos professores e adolescentes que participaram da pesquisa, sem vocês não seria possível ter chegado até aqui. Obrigada.

Quero agradecer as minhas colegas 'gedulindas' que fizeram parte da minha história dentro do LAB GEDUS até aqui, adoro a parceria desde 2012: Ana, Eritânia, Andressa, Aline, Gislene, Micheli, Carine, Suzane, Gislene, Rosangela, Jaqueline, Valdevina, Nathiele, Julia, Gisele Paris, Raoany, Gessica, Caroline, Sabrina, Maria Luiza (Malu), Maria, Juliana e todas as outras.

Agradeço aos colegas do NEDDIJ pelo tempo que permaneci entre vocês: Ana Luiza, Fernando, Adrieli, Kamila, Willian, João, Andressa, Jaqueline, Gabriela, Thaís e aos outros que posso ter esquecido o nome, e claro a prof^a. Melisa pelo tempo do NEDDIJ e pelas conversas durante todos esses anos, pelas mensagens durante o mestrado mesmo estando longe.

A minha amiga, irmã, comadre, parceira, confidente, Gi o que falar de você? Como te agradecer se a pessoa boa com palavras é você? Bom nada que eu te fale, escreva, grite vai demonstrar o tamanho do meu agradecimento, só nós sabemos o que passamos uma ao lado da outra nestes dois anos, mas podemos confessar que os anos de 2016 e início de 2017 superou nossas expectativas kkkkk. Obrigada por compartilhar cada momento, cada conhecimento comigo, obrigada pelas cuias, pelos mates, pelos brigadeiros, sorvetes, é claro o ENO para poder ajudar kkkkk. Você me deu o mais belo presente que poderia ganhar o meu afilhado DAVI, Gi obrigada por confiar esta responsabilidade a mim, por deixar eu participar do nascimento dele, por estar com vocês todos os dias. Nos meus agradecimentos entra o compadre Evandro por dividir você comigo, a Ana e o Samuel os lindos que iluminaram muitos dias de estudo. Não teria conseguido sem você, obrigada por tudo por cada palavra sua na minha dissertação. TE AMO.

A minha amiga loka vermelha Fran minha parceira até de nome, como nos nominamos onde as Fran's passam a loucura ta feita kkkk. Amiga obrigada por seu apoio e ombro amigo desde a seleção para o mestrado, momento em que estava sozinha e você me acolheu, abriu sua casa e compartilho seus conhecimentos. Amiga não teria conseguido terminar este mestrado sem você e quem sabe nem mesmo ter entrado. Fran obrigada pelas leituras, ajudas, conselhos, sugestões, dias que tirou para me ajudar, você é mais que especial. Obrigada pelos chimas com gostinho de casca de laranja, pelos cafés pra acordar, pelo simples fato de existir. É claro

obrigada ao Bili e o João por me aturarem e suportarem na casa de vocês, mas principalmente por dividirem você Fran comigo kkkk. Te adoro loka.

A minha amiga mais que especial Suzane (SU) por ser este encanto de menina/mulher que esteve ao meu lado durante muitos desafios no mestrado, dividiu a minha casa comigo, viu minhas lágrimas, escutou meus pits, escutou minhas músicas altas, amiga te amo de mais e não teria sido possível terminar este mestrado sem sua ajuda. Su você foi fundamental, obrigada por todas as leituras, sugestões e ajuda, por cada abraço apertado, és mais que especial na minha vida, nunca se esqueça que está no meu coração sempre.

As minhas amigas irmãs Ana Carla e Eritânia, pelos anos de amizade e compaheirismo.....

Aninha não sei como expressar meu carinho por você em palavras, desde a primeira vez que te olhei sabia que era amizade verdadeira na certa, e sabe né que eu e minhas previsões somos um perigo kkkkk. Amiga obrigada por cada momento compartilhado, por cada palavra, por cada café e festa, por cada conhecimento, obrigada por ser esta pessoa especial. Você conseguiu se fazer presente ao meu lado nestes anos mesmo estando a quilômetros de distância por conta do doutorado, cada mensagem sua fez a diferença, cada abraço nas suas visitas a nossa cidade foram importante, amiga irmã obrigada por existir Te amo bonequinha.

Taninha o que falar para você? Amiga quem diria que nós que não nos suportávamos vamos contruir uma amizade tão bela e verdadeira. Obrigada por cada momento vivido nestes cinco anos, por deixar eu fazer parte do seu processo de mestrado e por fazer parte do meu agora. Amiga irmã obrigada por cada chimarrão com as cuias diferentes, pelos chás de gengibre com canela para que eu não esquecesse de tomar, por cada pote de pipoca, por cada lágrima, abraços, sorrisos, gritos, cantorias compartilhadas. Agradeço por cada vírgula, ponto, palavras, frases, textos, livros compartilhados neste momento, simplesmente obrigada por estar presente. Taninha saiba que mesmo estando longe neste final se faz mais do que presente nos meus dias, mesmo não estando perto me ajudou e se não fosse sua ajuda não teria conseguido, seu abraço faz falta, sua risada e suas cuias agora não tão perto fazem falta, mas essa distância me deixa feliz por saber que você foi conquistar sua história. Amiga irmã obrigada te amo.

A Kami em agradecimento, pelas palavras que me motivaram muitas vezes e claro minha linda pelas mensagens e meditações para tirar as tensões do mestrado. Te Amo sua loca cheia de luz.

A Rao pelas palavras e apoio em meio as angústias, por ler parte do meu trabalho e falar que não estava tão ruim quanto eu imaginava kkkkkk.

A Ro pelos momentos de estudo principalmente durante o primeiro ano, pelos momentos compartilhados em meio as loucuras, pelas noites estudando até a madrugada, obrigada Ro por abrir as portas da sua casa para mim. Estendo o

agradecimento ao seu esposo Lucio e seu filhote Henrique que compreenderam os momentos que estávamos doidas mergulhadas nos livros. Obrigada.

Jaque amiga obrigada por todos os momentos compartilhados, pelas conversas em meio as lágrimas desesperadas, pelo carinho e compreensão, pelas risadas nas viagens. Obrigada sua linda por tudo, por todo estudo e alegria de se viver.

A minha amiga Samanta por entender meu distanciamento durante estes anos, por estar ao meu lado mesmo que por mensagens. Amiga obrigada por sua amizade que passa por anos e se faz cada vez mais forte em meu coração. Te adoro amiga sua loka.

Aline amiga obrigada por compreender os dias que combinei e não consegui lhe encontrar e por entender meu distanciamento mesmo querendo estar perto. Te adoro demais minha linda, amizade de colégio para vida toda.

Denize minha "marida" kkkkk nunca vou esquecer que casamos por tanto tempo juntas desde a graduação hehehehe, quem diria as meninas que nem se olhavam caem na mesma sala de aula e constroem uma amizade forte como uma rocha, e para completar vem a aprovação das duas no mestrado, e novamente nós na mesma sala. Amiga te adoro demais.

Marcelo irmão de coração obrigada pelas cervejas, por escutar minhas angústias, por me dar força quando o que via eram lágrimas com vontade de desistir. Obrigada por estar ao nosso lado meu e do Maicon a todo instante.

Obrigada a todos que permaneceram em minha vida mesmo com a minha ausência e loucura durante estes anos, afinal quem permanece ao nosso lado durante o mestrado prova que são amigos para a vida toda. Obrigada a todos por tornarem este momento possível. Todos vocês estão em meu coração.

RISE

I won't just survive
Oh, you will see me thrive
Can't write my story
I'm beyond the archetype
I won't just conform
No matter how you shake my core
Cause my roots, they run deep, oh
Oh, ye of so little faith
Don't doubt it, don't doubt it
Victory is in my veins
I know it, I know it
And I will not negotiate
I'll fight it, I'll fight it
I will transform
When, when the fire's at my feet again
And the vultures all start circling
They're whispering: You're out of time
But still, I rise
This is no mistake, no accident
When you think the final nail is in, think
again
Don't be surprised, I will still rise
I must stay conscious
Through the madness and chaos
So I call on my angels
They say
Oh ye of so little faith
Don't doubt it, don't doubt it
Victory is in your veins
You know it, you know it
And you will not negotiate
Just fight it, just fight it
And be transformed
Cause when, when the fire's at my feet
again
And the vultures all start circling
They're whispering: You're out of time
But still, I rise
This is no mistake, no accident
When you think the final nail is in, think
again
Don't be surprised, I will still rise
Don't doubt it, don't doubt
Oh oh, oh oh
You know it, you know it
Still rise
Just fight it, just fight it
Don't be surprised, I will still rise

ERGUER

Eu não vou apenas sobreviver
Oh, você me verá triunfar
Você não pode escrever a minha história
Estou além do arquétipo
Eu não vou apenas me conformar
Não importa o quanto você me desestabiliza
Porque as minhas raízes são profundas, oh
Oh, você aí, de tão pouca fé
Não duvide, não duvide
A vitória está em minhas veias
Eu sei, eu sei
E não, eu não vou negociar
Eu vou lutar, eu vou lutar contra isso
Vou me transformar
Quando, quando o fogo estiver novamente
em meus pés
E os urubus ficarem rodeando
Eles estarão sussurrando: Seu tempo
acabou
Mas ainda assim eu me erguerei
Isso não é um erro, nem um acidente
Quando você achar que suas garras me
pegaram, pense melhor
Não se surpreenda, eu ainda me erguerei
Devo ficar consciente
Através da loucura e do caos
Então eu chamo meus anjos
Eles dizem
Oh, você aí, de tão pouca fé
Não duvide, não duvide
A vitória está em suas veias
Você sabe, você sabe
E você não vai negociar
Vá lá e lute, lute contra isso
E se transforme
Porque quando, quando o fogo está em meus
pés de novo
E os urubus ficarem rodeando
Eles estarão sussurrando: Seu tempo
acabou
Mas ainda assim eu me erguerei
Isso não é um erro, nem um acidente
Quando você achar que suas garras me
pegaram, pense melhor
Não se surpreenda, eu ainda me erguerei
Não duvide, não duvide
Oh, oh
Você sabe, você sabe disso
Ainda me erguerei
Vá lá e lute, lute contra isso
Não se surpreenda, eu ainda me erguerei

MENIN, Franciéle Trichez Menin. **Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir dos quereres e poderes da internet**. Dissertação de Mestrado em Educação-Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – campus de Francisco Beltrão, 2017, 174f.

Pensar sobre a sexualidade, adolescência e Educação Sexual a partir dos quereres e poderes da internet nos levou a esta pesquisa que teve por objetivo entender como se dá o uso da internet no espaço escolar, se havia Educação Sexual nos colégios pesquisados, bem como, qual é a influência da internet na sexualidade dos adolescentes pesquisados. Para isto, realizamos pesquisa bibliográfica e de campo, com cunho qualitativo e quantitativo. Elencamos as seguintes categorias de análise para pesquisa: Internet e Adolescência, Adolescência e Sexualidade, Adolescência e Educação Sexual, Sexualidade e Educação Sexual. Utilizamos o material coletado como aporte histórico, com base no referencial teórico metodológico do materialismo histórico dialético. Para a pesquisa bibliográfica, realizamos as buscas descritivas de nossas categorias nos bancos de dados de teses e dissertações dos programas *stricto sensu* das Universidades Estaduais do Paraná, totalizando sete (07) instituições. Encontramos dezessete (17) dissertações de mestrado, entretanto, não discutiam o objeto desta pesquisa, também não encontramos pesquisas que se relacionassem a todas as categorias de análise. A pesquisa de campo ocorreu com a coleta de dados junto a quarenta e três (43) adolescentes e vinte e dois (22) professores, ambos do Ensino Médio em quatro (04) colégios estaduais da rede pública do município de Francisco Beltrão - PR. Os colégios foram elencados a partir do maior número de alunos e de professores do município, além de sua inserção em diferentes contextos sociais, o que permitiu uma visão ampla das realidades relacionadas ao objetivo da pesquisa. A coleta de dados foi realizada por aplicação de questionários semiabertos para todos os participantes por meio de dez (10) perguntas cada. Ancoradas nas pesquisas bibliográfica e de campo, verificamos a maneira que a Educação Sexual e o uso da internet está sendo realizado nas instituições de ensino. De acordo com os dados obtidos, foi possível constatar a falta de compreensão da internet como uma ferramenta pedagógica, para além de uso esporádico e da importância da Educação Sexual Emancipatória durante a adolescência. Portanto, mesmo sendo os professores, educadores indispensáveis no cotidiano dos adolescentes, estes por diversas vezes, não percebem quão importante é seu trabalho para o desenvolvimento e formação do adolescente. Da mesma forma, desconhecem a importância da Educação Sexual Emancipatória em sala de aula, uma vez que suas formações não dão conta de prepará-los para exercer, com segurança, tal função. Salientamos no decorrer da dissertação nossa luta em defesa da formação continuada dos professores, bem como o uso da internet como ferramenta pedagógica, para exercer uma Educação Sexual Emancipatória – em sala de aula e para além dela; na vida dos adolescentes. Essa formação contribuirá no processo de ensino e aprendizagem possibilitando uma adolescência saudável, na qual os indivíduos entendam a si e ao outro, primando o respeito pessoal e social.

Palavras-chave: Adolescência. Internet. Educação Sexual Emancipatória. Professores. Psicanálise. Formação Continuada.

MENIN, Franciéle Trichez Menin. **Sexuality, adolescence and sexual education from the wills and powers of the internet**. Dissertação de Mestrado em Educação- Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) – campus de Francisco Beltrão, 2017, 174f.

Thinking about sexuality, adolescence and sexual education from the wills and powers of the internet led us to this research that, study aims to understand how the use of the Internet in the school space occurs, if there was sexual education in the schools analysed, as well as how is the influence of the Internet on the sexuality of the adolescents surveyed. For this, we perform bibliographical and field research, with a qualitative and quantitative character. We categorize the following categories of research analysis: Internet and Adolescence, Adolescence and Sexuality, Adolescence and Sexual Education, Sexuality and Sexual Education. We used the collected material as historical contribution, based on the theoretical methodological reference of historical dialectical materialism. For the bibliographic research, we conducted the descriptive searches of our categories in the databases of theses and dissertations of the stricto sensu programs of the Paraná State Universities, totaling seven (07) institutions. We found seventeen (17) master's dissertations, however, they did not discuss the object of this research and we found research that related to all categories of analysis. Field research was carried out with the collection of data from fortythree (43) adolescents and twenty-two (22) teachers, both from the high school in four (04) state colleges of the public network of the Francisco Beltrão – PR town. The colleges were listed from the largest number of students and teachers in the town, as well as their insertion in different social contexts, which allowed a broad view of the realities related to the research objective. Data collection was done by applying semi-open questionnaires to all participants through ten (10) questions each. Anchored in bibliographical and field research, we verify the way that Sexual Education and the use of the Internet is being carried out in educational institutions. According to the data obtained, it was possible to verify the lack of understanding of the Internet as a pedagogical tool, besides sporadic use and the importance of emancipatory Sexual Education during adolescence. Therefore, teachers are indispensable educators in the daily life of adolescents, they often don't realize how important their job/action is for the development and training of adolescents. Similarly, they are unaware of the importance of Emancipatory Sexual Education in the classroom, since their formations don't account for preparing them to exercise, safely, such a function. We emphasize in the course of the dissertation our struggle in defense of the continued formation of teachers, as well as the use of the internet as a pedagogical tool, to exercise an Emancipatory Sexual Education – In the classroom and beyond; In adolescents' lives. This training will contribute to the process of teaching and learning, enabling a healthy adolescence, in which individuals understand themselves and the other, personal and social respect.

Keywords: Adolescence. Internet. Emancipatory Sexual Education. Teachers. Psychoanalysis. Permanent education.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Lugares em que procuram informações sobre sexo e sexualidade de acordo com os adolescentes.....	114
GRÁFICO 02: Sites utilizados com orientação do professor segundo os adolescentes.....	116
GRÁFICO 03: Sites que o adolescentes acessam durante as aulas com orientação segundo os professores.....	116
GRÁFICO 04: Horários em que acontecem as conversas sobre sexo e sexualidade na escola segundo os adolescentes.....	126
GRÁFICO 05: Sites utilizados fora do espaço escolar para obter informações sobre sexo e sexualidade de acordo com os adolescentes.....	128
GRÁFICO 06: Sobre a existência de aulas de Educação Sexual nos colégios segundo os adolescentes.....	138
GRÁFICO 07: Sobre a existência de aulas de Educação Sexual nos colégios segundo os professores.....	138
GRÁFICO 08: Sobre a existência de projetos de Educação Sexual nos colégios de acordo com os adolescentes.....	140
GRÁFICO 09: Sobre a existência de projetos de Educação Sexual nos colégios de acordo com os professores.....	140

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: dados dos colégios elencados para a realização da pesquisa.....	89
TABELA 02: Internet e Adolescência	94
TABELA 03: Adolescência e Sexualidade	96
TABELA 04: Adolescência e Educação Sexual.....	97
TABELA 05: Sexualidade e Educação Sexual.....	97
TABELA 06: O que é Sexo e Sexualidade?.....	112
TABELA 07 : Informações que buscam na internet de acordo com os adolescentes.	118
TABELA 08: Respostas dos professores sobre sentirem-se preparados para falar sobre sexo e sexualidade com os adolescentes	122
TABELA 09 : Opiniões sobre o uso da internet no espaço escolar	133
TABELA 10: De quem é o dever de exercer a Educação Sexual na vida dos adolescentes.....	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LABORATÓRIO ADOLESCER: Laboratório de Educação Sexual Adolescer.

LAB GEDUS: Laboratório e Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade.

NEDDIJ: Núcleo de Estudos e Defesa dos Direitos da Infância e Juventude.

OMS: Organização Mundial da Saúde.

UEL: Universidade Estadual de Londrina.

UEM: Universidade Estadual de Maringá.

UEPG: Universidade Estadual de Ponta Grossa.

UENP: Universidade Estadual do Norte do Paraná.

UNESPAR: Universidade Estadual do Paraná.

UNICENTRO: Universidade Estadual do Centro-Oeste.

UNIOESTE: Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 01: Lei Municipal que proíbe o uso de celulares em sala de aula.....173

Anexo 02: Lei Estadual que proíbe o uso de celulares em sala de aula.....174

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 01: Carta de Apresentação.....	162
APÊNDICE 02: Termo de consentimento livre e esclarecido da instituição.....	163
APÊNDICE 03: Termo de consentimento livre esclarecido dos professores.....	164
APÊNDICE 04: Termo de Assentimento Informativo Livre Esclarecido para adolescentes.....	165
APÊNDICE 05: Termo de consentimento livre e esclarecido para os pais.....	166
APÊNDICE 06: Perfil de identificação dos professores e adolescentes.....	167
APÊNDICE 07: Questionário Adolescentes.....	168
APÊNDICE 08: Questionário Professores.....	171

SUMÁRIO

CAMINHOS PERCORRIDOS	19
I – SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E INTERNET.....	25
1.1 Construção Histórica do Conceito de Sexualidade.....	26
1.2 Adolescência: a construção histórica de um conceito moderno	31
1.3 Adolescência: o desenvolvimento psicosssexual e a busca de identidade segundo a psicanálise.....	43
1.3.1 “Adolescência Normal” e suas características segundo a teoria psicanalítica	54
1.4 A Relação Internet e Sexualidade na Adolescência	63
II – Método: fundamentação teórico-metodológica da pesquisa	80
2.1 Abordagem e o Tipo de Pesquisa	81
2.2 Delimitação do objeto de estudo e procedimentos para a coleta de dados.....	87
2.3 Produções Acadêmico-Científicas nas Universidades Estaduais no Paraná	94
III OS QUERERES E OS PODERES DA INTERNET NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS-ADOLESCENTES E DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA	108
3.1 Sexo, Sexualidade, Educação Sexual e Internet nos Colégios: a visão dos adolescentes e professores participantes da pesquisa	108
3.2 Educação Sexual nos Colégios Pesquisados	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS:	155
APÊNDICES	162
ANEXOS	1734

CAMINHOS PERCORRIDOS

*Mudaram as estações Nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu Tá tudo assim
Tão diferente
Se lembra quando a gente
Chegou um dia a acreditar
Que tudo era pra sempre
Sem saber
Que o pra sempre, sempre acaba[...]
[...]Agora
Tanto faz
Estamos indo
De volta pra casa*

*"Mudaram as Estações"
Renato Russo*

A escolha do objeto foi decorrente das minhas experiências durante o período de graduação na Licenciatura em Pedagogia. Em minha trajetória, participei como bolsista em projetos de pesquisa e de extensão, promovidos pela universidade, o que foi instigando o interesse pela busca de novos conhecimentos. As temáticas centrais que permeavam os projetos que participei eram a Educação Sexual¹ e a Violência Sexual.

Primeiramente, fiz parte do Projeto *Laboratório de Educação Sexual Adolescer*², o qual estive, no período de um ano, vinculado à Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná (SETI). Tal projeto foi desenvolvido na Escola Oficina Adelíria Meurer, no município de Francisco Beltrão – PR, no ano de 2012, com uma equipe formada por dois professores da universidade – um coordenador e outro orientador, duas bolsistas recém-formadas em Pedagogia e três bolsistas estudantes de graduação do referido curso.

A Escola Oficina Adelíria Meurer é diferenciada das demais do município, por oferecer atividades às crianças e aos adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social, no contra turno das atividades curriculares da base nacional comum. Também prepara e encaminha os adolescentes para o mercado de trabalho. Inicialmente, trabalhamos durante alguns meses na montagem da sala, para desenvolver um espaço diferenciado e ambiente agradável, com o objetivo de instigar a participação dos adolescentes, durante os encontros. As atividades de Educação Sexual

¹ “Ressaltando que, nesta pesquisa, além de dotarmos e acreditarmos que o uso da terminologia Educação Sexual seja o mais adequado, a mesma será utilizada com as iniciais maiúsculas, pois se refere a um campo da Ciência” (SILVA, 2015, p. 02).

² Será chamado durante o texto de Laboratório Adolescer.

Emancipatória³, buscavam a igualdade de direitos entre os sexos, os gêneros e a diversidade sexual dos adolescentes, sempre pautada em conhecimentos científicos.

No *Laboratório Adolescer*, atendíamos adolescentes das mais variadas classes sociais. Tínhamos, aproximadamente, 150 alunos entre 10 e 18 anos, os quais eram distribuídos em 08 grupos, conforme as faixas etárias. No início do trabalho, os adolescentes brincavam e “faziam piada” confundido sexo e sexualidade, os quais tinham hábito de maliciar aspectos da sexualidade, situação recorrente em muitos espaços sociais. No desenrolar do projeto, os adolescentes passaram a compreender a proposta de Educação Sexual como necessária à condição sexual ontológica de todo ser humano.

No ano em que trabalhei no *Laboratório Adolescer*, discutimos temáticas relacionadas à sexualidade, ao sexo, às violências, às mídias, aos métodos contraceptivos, entre outros temas inerentes à Educação Sexual. Planejavamos atividades diferenciadas para trabalhar tais temáticas; algumas metodologias utilizadas foram: dinâmicas, filmes, músicas, desenhos, rodas de conversa, documentários, trabalhos em grupo e debates das percepções e aprendizados dos adolescentes.

Nas rodas de conversa, os adolescentes relatavam ver novelas, filmes e vídeos que mostravam cenas de sexo, violências e conflitos com pessoas próximas e familiares, fazendo também, comentários preconceituosos sobre a diversidade sexual. Ao debatermos com os adolescentes, letras de músicas⁴ (algumas que faziam parte do cotidiano deles), eles perceberam que se deixavam levar pelas “modinhas”, e mesmo sem se darem conta, reproduziam os valores predominantes na sociedade em que estavam inseridos, afetando a si mesmos e/ou outras pessoas. Eram comuns comentários entre os colegas, a respeito de fotos ou postagens na internet, em *sites* de bate-papo, que envolviam seus colegas. Outro ponto forte nas conversas entre os adolescentes, eram os comentários dos meninos tratando as meninas como objetos⁵, utilizando de sentimentos para enganar ao outro, como forma de se autovalorizar (falas das meninas que achavam estar sendo enganadas).

³“Educação Sexual Emancipatória, combativa ou política, pois está comprometida com a transformação social. [...] as ações que podem levar a transformação compreendem as que estão voltadas para a construção da liberdade sexual, no sentido de poder viver a sexualidade livre de sentimentos de culpa e de opressão social” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 40).

⁴As músicas trabalhadas foram: Adultério com Mr Catra; Vem em mim Dodge Ram com Gustavo Lima; Não tô valendo nada com Naiara Azevedo; Feijoada completa com Chico Buarque; Sinal disfarçado (participação Israel Novais) com Zé Ricardo e Thiago; Se eu descobrir com Mc Beyonce; Ela é top com Mc Bola e, Cachorrote com Mc Leozinho.

⁵ “Tem que pegar um monte de meninas mesmo”, “eu também já peguei a menina lá”, “aquela fica com qualquer um”, entre outras.

Ao tratar da sexualidade, os adolescentes, grande parte das vezes, se referiam à internet como meio de informações e traziam conhecimentos acerca da sexualidade, ali adquiridas, sem qualquer tipo de orientação. Quando questionávamos os adolescentes se conversavam em casa com os pais e/ou responsáveis sobre sexualidade, a maioria dizia que não. Perguntávamos se na escola havia esse tipo de diálogo, e nos respondiam que quando os professores conversavam a respeito da temática, se referiam apenas à parte biológica.

Assim, durante o desenvolvimento do trabalho no Laboratório *Adolescer*, buscamos produções bibliográficas para a elaboração dos encontros a respeito das mídias (entre elas a internet). Nesse caminho, encontramos uma pesquisa de Afonso (2001) que envolve a adolescência e a sexualidade, na qual o autor entrevistou adolescentes que relatavam que as principais fontes de informação utilizadas, no que se refere à sexualidade são livros, amigos e revistas. O autor salienta que os meios de comunicação são de importante representatividade, trazendo informação para os adolescentes; acompanhada de discursos, ideologias, interesses e valores a serem seguidos.

É inevitável que, em alguns momentos do dia, utilizemos a internet, seja ela por diversão, busca de informações, bate-papo ou como mero passatempo. Concordo que, a internet é uma importante aliada, na busca de informações de toda ordem, a qual proporciona respostas com rapidez. No entanto, as informações veiculadas na internet, por si só, não dão conta do tratamento aprofundado que a compreensão da sexualidade requer. Por isso, a família e a escola devem discutir, junto aos adolescentes, aspectos afetivos e biológicos da sexualidade, para que esses saibam interpretar as informações virtuais como uma verdade entre outras, e não, como a única verdade e o único modelo a ser seguido frente aos questionamentos e às dúvidas.

Durante a experiência como bolsista de extensão no *Laboratório Adolescer*, tivemos dificuldades em encontrar produções científicas que relacionassem internet, sexualidade, Educação Sexual e adolescência, simultaneamente. Isso impulsionou o desejo em buscar articulações entre essas categorias de análise nesta pesquisa de mestrado.

Ao mesmo tempo em que trabalhei no *Laboratório Adolescer*, desenvolvi o projeto de pesquisa *Melanie Klein e a Sexualidade: das Experiências com Crianças ao Campo Pedagógico*⁶, na forma de Programa de Iniciação Científica Voluntária.

⁶ Uma pesquisa teórico-bibliográfica realizada a partir de textos da Psicanálise Freudiana no que se refere à sexualidade infantil. O foco da pesquisa foi o estudo das obras de Melanie Klein. Tendo por objetivo

Também participei do projeto de extensão *Psicanálise, Cultura e Educação*⁷ desenvolvido no Grupo de Pesquisa Educação e Sexualidade (GEDUS). Neste, realizávamos grupos de estudos e debates sobre Educação Sexual e Sexualidade baseados na teoria psicanalítica freudiana e lacaniana.

E, por último, fiz parte do projeto de extensão intitulado *Núcleo de Estudos e Defesa dos Direitos da Infância e da Juventude – NEDDIJ*⁸, no qual atendíamos crianças e adolescentes, em situação de risco social e/ou que se encontravam em momento de reestruturação familiar pela separação dos pais, envolvendo casos das mais variadas formas de violência, dentre elas a Violência Sexual. É válido destacar que todos os projetos dos quais participei tiveram como orientadora a professora Doutora Giseli Monteiro Gagliotto.

Estas vivências desencadearam alguns questionamentos como: O que é internet? O que é sexualidade? Os professores trabalham a sexualidade em suas disciplinas? Os professores receberam ou recebem formação para trabalhar as dificuldades cotidianas, que envolvem as temáticas desta pesquisa? De quem é a função de realizar a Educação Sexual? Qual está sendo a função da internet na vida dos adolescentes? É realizado algum trabalho com os adolescentes no espaço escolar, a respeito das informações trazidas pela internet? Para os adolescentes e professores, a internet tem influência na Educação Sexual? No entendimento de professores e adolescentes, a internet é uma referência de Educação Sexual?

Destacamos que, em nossa sociedade atual, a internet é uma referência de Educação Sexual, voltada para a produção e reprodução do Capitalismo; assim, lançamos o problema central da pesquisa: em que medida a internet pode viabilizar a Educação Sexual Emancipatória de adolescentes do Ensino Médio, em colégios estaduais públicos do município de Francisco Beltrão - PR?

Para a realização da pesquisa estivemos cunhadas na abordagem qualitativa e quantitativa, visando o melhor caminho para o seu desenvolvimento. Realizamos a revisão bibliográfica na busca de teses e dissertações, produzidas nos programas de pós-graduações *stricto sensu* das universidades estaduais do Paraná, definindo como

conhecer os trabalhos da referida autora e encontrarmos interlocuções entre as experiências clínicas da mesma e a educação.

⁷ Este projeto foi decorrente do Grupo de Estudos Psicanálise, Cultura e Educação, criado pela necessidade de desenvolvimento de trabalho sobre a sexualidade em diversas teorias, seriam os autores principais Freud, Lacan e Dolto.

⁸ O objetivo do projeto foi desenvolver política pública no atendimento, defesa e proteção de crianças e adolescentes que estão em situação de risco ou que tenham seus direitos violados e também a aqueles que pratiquem atos infracionais.

categorias de análise a internet, a adolescência, a sexualidade e a Educação Sexual no espaço escolar. Utilizamos como instrumento de coleta de dados, para a pesquisa de campo, questionários semiestruturados com adolescentes e professores do Ensino Médio⁹ Normal e Profissional. Após a coleta e sistematização dos dados, apresentaremos a análise e discussão dos resultados da presente pesquisa.

O estado da arte das produções sobre a influência/importância da internet e da sexualidade na adolescência norteou a fundamentação teórico-metodológica do presente estudo. As produções que tivemos acesso colaboraram para a construção do roteiro e para o desenvolvimento da pesquisa de campo – utilizando os questionários semiestruturados para chegar ao nosso objetivo. Por meio da pesquisa de campo para a aplicação dos questionários junto aos adolescentes e professores, conseguimos maior aproximação da realidade das instituições de ensino.

Ressaltamos que, para realizar a investigação do problema de pesquisa, elegemos os 04 colégios, com o maior número de alunos e de professores do Ensino Médio, no município de Francisco Beltrão - PR. Nesse sentido, por questões de ética na pesquisa, não colocaremos o nome dos colégios elencados, os quais estão identificados durante o texto como Colégios 01 – 02 – 03 – 04. Corroboramos com o conceito de ética apresentado por Nosella (2008) que

é querer um certo bem geral, uma vez que existam as condições materiais e técnicas indispensáveis para a concretização desse bem. A cada momento histórico, o homem enfrenta novos problemas; quando descobre as condições para a sua solução, a determinação política de resolvê-los torna-se um dever, isto é, uma questão ética. Pesquisa é descobrir novos conhecimentos que possibilitem a solução dos novos problemas enfrentados pela humanidade. Em outras palavras, a pesquisa transforma o problema técnico em questão ética (p. 255).

O público alvo da pesquisa consistiu-se de adolescentes e professores do Ensino Médio da rede estadual pública de ensino. A investigação foi realizada a partir de dois questionários adaptados para cada público que participou da pesquisa.

As perguntas dos questionários buscaram investigar se existem situações de uso da internet para a pesquisa sobre sexualidade dentro dos colégios, tendo em vista, que o adolescente clama por respostas e os professores precisam receber uma formação adequada em Educação Sexual para lidar com as questões pertinentes à fase e a esse desafio educacional contemporâneo. No decorrer da pesquisa, nos colégios, percebemos

⁹ Todas as vezes que colocarmos Ensino Médio nesta pesquisa, estamos nos referindo tanto ao ensino Regular quanto Profissional, pois dois dos colégios que pesquisamos dispunham desta possibilidade aos adolescentes.

que a caminhada enquanto pesquisadoras é instigante e desafiadora exigindo determinação, paciência e persistência. No desenrolar da pesquisa de campo e no contato direto com os indivíduos participantes, observamos a importância e a relevância do nosso trabalho para a Educação Sexual.

Escolhemos dividir nossa dissertação em três capítulos, possibilitando apresentar cada passo de construção de conhecimentos. No primeiro capítulo intitulado: *Sexualidade, Adolescência e Internet*, apresentamos o estado da arte referente às temáticas que envolvem a pesquisa. Desenvolvemos, também, estudos a respeito da sexualidade na adolescência e a construção da identidade do adolescente, a qual é envolvida e influenciada pela constante presença da internet no cotidiano da sociedade.

Já, no segundo capítulo intitulado: *Método: fundamentação teórico-metodológica da pesquisa*, apresentamos a abordagem, o tipo de pesquisa, a delimitação do nosso objeto de estudo, bem como os instrumentos e metodologia para realização da pesquisa bibliográfica e de campo. Estão expostos os resultados obtidos na pesquisa bibliográfica em cada Universidade pesquisada e também os encaminhamentos realizados para a pesquisa de campo, a qual tem os resultados apresentados no capítulo vindouro.

No terceiro e último capítulo, *Os Quereres e os Poderes da Internet na Perspectiva dos Alunos-Adolescentes e dos Professores Participantes na Pesquisa*, apresentamos a pesquisa de campo, a partir dos questionários aplicados aos adolescentes e aos professores, a sistematização, análise e discussão dos dados coletados, o que possibilitou identificar em que *sites* os adolescentes mais buscam informações relacionadas à sexualidade e quais os assuntos mais pesquisados na internet. Também, como os professores compreendem o uso da internet no espaço escolar e como se dá a Educação Sexual dos adolescentes, a partir de suas experiências nos colégios, durante as aulas com esses alunos.

A pesquisa também apresenta nossas considerações finais, assim como toda base bibliográfica que compuseram este trabalho.

I - SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E INTERNET

Neste capítulo, apresentamos o estado da arte das temáticas que envolvem a pesquisa, ou seja: Sexualidade, Adolescência e Internet. Nesta construção teórica e histórica dos conceitos, buscamos também a relação estabelecida entre tais temáticas, o que possibilita entender a presença destas no ambiente escolar e na vida do adolescente contemporâneo. Neste sentido, iniciamos a construção histórica pelo conceito da Sexualidade, apresentando parte de sua trajetória apoiadas principalmente nos estudos de Gagliotto (2009), envolvendo, também, os trabalhos de Nunes e Silva (1997) e Figueiró (2006).

A seguir, apresentamos o histórico do conceito da adolescência, iniciando pelas abordagens de Ariés (2006), desde a infância para a chegada da adolescência, na modernidade. Também utilizamos os estudos de Hall através de Cesar (2008) e Calligaris (2000) sobre o desenvolvimento do adolescente, fase essa com turbulências, dúvidas, enfrentamentos e descobertas perante à sociedade vigente. A perda do corpo infantil e a aceitação de um novo corpo, mais próximo do adulto, momento pelo qual é considerado novo para algumas atividades e velho para outras, fase que é resolvida com a descoberta, pelo adolescente, de sua nova identidade.

No ponto que dá sequência ao capítulo, trabalhamos sobre o desenvolvimento psicosssexual do adolescente, com base na teoria psicanalítica, desde os tempos de Freud e a criação da psicanálise. Abordamos, assim, as fases do desenvolvimento psicosssexual infanto-juvenil até a chegada da puberdade e a construção da nova identidade do adolescente, também abordado como “normal e anormal”, discutido-se esses conceitos com base nos escritos de autores cuja abordagem é psicanalítica.

No último ponto do capítulo, abordamos a relação entre a internet e a sexualidade na adolescência. Contextualizamos a internet e sua trajetória histórica e de que maneira as duas categorias se relacionam, influenciando na busca e construção da identidade na adolescência. Adentramos esse universo considerando a internet como uma ferramenta pedagógica na construção do conhecimento.

1.1 Construção Histórica do Conceito de Sexualidade

Neste ponto, abordamos o histórico do conceito da sexualidade nas sociedades ocidentais, para isto, estivemos pautadas em alguns autores como: Nunes e Silva (1997), Figueiró (2006) e Gagliotto (2009, como principal referência para a construção desse histórico). Mostramos desde a influência da Grécia, considerando que ela faz parte do início da construção do conhecimento científico, sobre o tema, na civilização ocidental até os dias de hoje.

De acordo com Gagliotto (2009), a compreensão da sexualidade e do sexo se dá a partir do entendimento dos temas de acordo com a mitologia, considerando que “mito” não é mentira, mas algo que uma sociedade já acreditou, já viveu. Nesse sentido, corroboramos com Gagliotto (2009, p. 21) quando consideramos que “[...] as mitologias refletem nossos valores e preceitos sexuais – nossas atividades humanas são provenientes de uma mitologia subjacente, onde o mito não é o oposto da verdade como quer a ciência positivista e nem a mitologia é antônimo de realidade”.

Na mitologia grega, existia o culto da fertilização, no qual acreditava-se que a mulher detinha o poder da fertilização e, assim, não reconheciam que a gravidez era fruto da relação sexual entre o homem e a mulher, mas algo mágico e misterioso. A mulher grávida era levada para dormir no campo, com o objetivo e crença de fertilizar a terra para as plantações, pois relacionavam o poder de fertilização na agricultura com o poder de gerar filhos. Ela ainda ficava responsável por cuidar das casas, dos filhos e das plantações, trabalhando em grupos pelo bem social de toda a comunidade. Este período, no qual a mulher era considerada um ser sagrado, ficou conhecido como matriarcado. A sociedade manteve-se dessa forma até 5.000 anos a.C. com a chegada da Revolução Agrícola.

Com o início da propriedade privada, os relacionamentos sexuais passaram a ser exercidos por casais, com o objetivo de deixar herdeiros legítimos dos bens dos clãs. Os relacionamentos matrimoniais começam a ser monogâmicos e as famílias seguem o patriarcado na linhagem sanguínea paterna. Para tanto, as relações sexuais passaram a ter um único objetivo: a reprodução. Nesta época, as mulheres tornaram-se submissas e fiéis aos maridos, enquanto eles podiam ter relacionamentos extraconjugais (GAGLIOTTO, 2009). Ressaltamos que não é nossa intenção detalhar as características do período, mas é possível encontrar conteúdo em alguns autores tais como: Engels (1982), Mead (1988) e Gagliotto (2009).

Em nosso estudo, primamos por entender o histórico do conceito de sexualidade, sobre o desenvolvimento dos papéis construídos socialmente sobre homem e mulher. Nesse sentido, acreditamos que não somos formados puramente pela natureza biológica e nem somente determinados socialmente, ou seja, defendemos que a sexualidade é uma construção social, cultural, psicológica, biológica e histórica do ser humano.

Ainda, de acordo com Gagliotto (2009), entendemos que a sexualidade é formada nas culturas clássicas, conforme três sociedades citadas por Nunes (1987): a tradição dos hebreus, os quais criaram a bíblia para organizar a escrita no ocidente, influenciando, de forma religiosa, a moral dando ao homem o direito de exercer o patriarcado, sendo que as mulheres precisavam preservar-se virgem até o casamento; a cultura dos romanos com a tradição de que o casamento é um contrato de controle do homem sobre a mulher, a qual deixa de ser propriedade do pai para ser propriedade do marido por meio do dote e, a cultura dos gregos, que criam a tradição filosófica, escolar, jurídica e pedagógica, as quais refletem até os dias atuais. Para este povo a questão da reprodução também era mais importante no casamento, pois os homens detinham a necessidade de conquistar novos territórios a partir das guerras.

Neste período, as meninas eram educadas para os afazeres domésticos e preparadas para se casarem logo após as primeiras menstruações, geralmente com homem de mais idade. Já para os meninos, o casamento era desestimulado até cerca de vinte e poucos anos, bem como as relações homossexuais eram estimuladas desde que acontecesse com os mestres de sua educação moral e intelectual até o término dos estudos. Os meninos eram preparados para as guerras, a partir de aulas de ginásticas, dança e lutas para o fortalecimento dos músculos (GAGLIOTTO, 2009).

Durante o contexto da Idade Média, o corpo era fonte de pecado de acordo com a religiosidade seguida, a qual determinava a sexualidade como algo errado, digno de condenação, ou seja, a moral cristã direcionava a vida da sociedade, na qual o homem enquanto marido mandava na esposa e como pai mandava nos filhos. No século IV, período da vivência de Santo Agostinho, a mulher era considerada um objeto do demônio que pervertia os homens puros (GAGLIOTTO, 2009). Segundo esta mesma autora, a sexualidade na Idade Média era considerada pecado por totalidade, sendo neste tempo a Bíblia o livro sagrado que regia a moral cristã.

O próximo momento histórico é a Idade Moderna que teve início no século XV e ao longo da sua história ocasionou alguns acontecimentos no que se refere ao relacionamento entre o “homem com a natureza, com a cultura, com a política, com a ética e com a estética” (GAGLIOTTO, 2009, p.29). Neste período, a ciência recebeu

valor revolucionário, começando a ser reconhecida como verdade e passou a impulsionar a civilização. O homem e a natureza passaram a ser valorizados e colocados em frente ao divino e o sobrenatural, conforme pontua Gagliotto (2009).

Segundo a mesma autora (2009), durante a modernidade, as principais mudanças que ocorreram foram no campo social, político, cultural e econômico, as quais influenciaram o entendimento sobre o homem e a natureza, levando a novas concepções de mundo e sociedade. Neste período, as questões referentes à sexualidade começam a ser ligadas ao Capitalismo e à sua lógica de produção, e, para tanto, era necessário inibir o prazer sexual para que toda energia produzida no corpo fosse deslocada ao trabalho alienado, gerando um acúmulo de capital. A mulher começa a ser vista a partir de sua capacidade de gerar filhos e trabalhar, as forças do sexo eram direcionadas à produtividade. Foi neste mesmo tempo que a sexualidade foi concebida de acordo com o caráter higienista, forçando os olhares para as questões fisiológicas dos órgãos sexuais, reprodução e doenças sexualmente transmissíveis (GAGLIOTTO, 2009).

Desta maneira, o trabalho com Educação Sexual começou a ser introduzido na escola (meados do século XVIII), mas com grande repressão exercida pela cultura dominante. A partir do século XX, houve o período conhecido como Pós-modernidade, no qual as transformações levaram o corpo antes direcionado para a reprodução, agora para o consumo, deixando uma visão de mercadoria diante da vivência capitalista. Neste mesmo tempo, segundo Gagliotto (2009),

o sexo virou mercadoria que pode ser comprada e vendida como outro produtor qualquer. Essa padronização compulsiva e coletiva de fazer da sexualidade uma moeda de troca representa a ausência de ética, de estética e de liberdade humanas. É uma forma de ditadura e repressão que obriga e submete o homem ao exercício de uma sexualidade impessoal, instantânea, fugaz, sem afeto, mecânica, quantitativa, deserotizada e consumista (p. 33).

Neste sentido, durante os séculos XIX e XX, a sexualidade esteve vinculada aos discursos médico e científico, os quais desconsideravam a sexualidade infantil e senil, tratando, ainda, sexo e sexualidade como sinônimos. Já durante a contemporaneidade, a sexualidade volta a ser vista pelas Ciências Humanas, a partir dos estudos da Psicologia, Antropologia, Psicanálise e Pedagogia (GAGLIOTTO, 2009). Sendo assim, salientamos que buscamos diferenciar sexo de sexualidade pautadas em alguns autores como: Nunes e Silva (1997), Figueiró (2006) e Gagliotto (2009).

Corroboramos com Gagliotto (2009, p. 36) ao ensinar que “[...] o sexo está relacionado ao órgão sexual, à marca biológica e procriativa dos seres vivos”, enquanto a sexualidade “[...] é um conceito que ultrapassa o nível reprodutivo naturalista para significar a qualidade do sexo, caracterizando-se como condição ontológica, essencialmente humana”. Bem como, partilhamos dos conceitos de sexo e sexualidade que caminham na mesma direção, também apresentados por Nunes e Silva (1997) da seguinte forma:

É possível entender *sexo* como a marca biológica, a caracterização genital e natural, constituída a partir da aquisição evolutiva da espécie humana enquanto animal. Já a *sexualidade* é um conceito cultural constituído pela qualidade, pela significação do sexo. Nesta definição, somente a espécie humana ostentaria uma sexualidade, uma qualidade cultural e significativa do sexo (grifo dos autores, p. 66).

E ainda podemos considerar os ensinamentos de Figueiró (2006), ao apresentar a sexualidade como

[...] uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais (p. 42).

Destacamos que, mesmo com tantos autores renomados da área lutando pelo entendimento da sexualidade, ela ainda é relacionada apenas aos órgãos sexuais, ao ato sexual, desvinculada das relações sexuais e emoções. Salientamos que é imprescindível reconhecer a sexualidade, como algo que está presente na vida do ser humano desde a sua concepção até a sua morte, a qual não é intacta, pois passa por modificações e transformações conforme as vivências, fases e realidades de cada pessoa.

Por diversas vezes, professores e pais acreditam que, não falar sobre sexo e sexualidade durante a infância está protegendo a criança, pois acreditam que falar sobre os temas instiga a curiosidade precoce. Porém, a sexualidade está presente desde o nascimento e desta maneira a criança tem curiosidades sobre o próprio corpo, sobre ver o seu corpo e o do outro, instigando as curiosidades sobre as diferenças e semelhanças.

Assim, podemos afirmar que a sexualidade faz parte do desenvolvimento humano e está com a pessoa a todo tempo e local.

Também, na escola, a sexualidade é constante, desde a relação entre professor-professor, professor-aluno e aluno-aluno e ao reconhecer a sexualidade e trabalhar com ela nos espaços escolares, torna possível um bom relacionamento entre os indivíduos envolvidos nesse processo, pois para muitas crianças, a escola e o professor são os espaços e pessoas em que possa confiar e ou receber conhecimentos sobre sexualidade, o que diminui a vulnerabilidade infantil, melhorando ainda o desempenho escolar.

O papel do professor é fundamental para o trabalho de educar crianças e adolescentes quanto à sexualidade, principalmente na adolescência quando surgem as dúvidas e questionamentos acerca das questões biológicas, como por exemplo, a prevenção de DSTs, gravidez na adolescência, ou também sobre os sentimentos que regem essa fase da vida. É importante lembrar que os pais e/ou responsáveis desempenham papel fundamental no desenvolvimento da sexualidade das crianças e adolescentes, porém o trabalho entre família e escola se complementa, o que proporcionaria ao adolescente o suporte ideal para a formação do mesmo.

Na Contemporaneidade, temos a presença das tecnologias no cotidiano das pessoas, as quais são fontes de informação e comunicação no mundo, principalmente entre adolescentes. As tecnologias geralmente são utilizadas como suporte para conseguir as respostas desejadas, para comunicar-se com pessoas que conhecem pessoalmente ou não, para interação social ou ainda, mero passa tempo. A família e a escola precisam exercer suas funções de educar os adolescentes para a sexualidade, tanto quando ao uso das tecnologias. Estas temáticas estão presentes na vida e no desenvolvimento dos adolescentes, assim a sexualidade e as tecnologias precisam ser trabalhadas em sala de aula e em casa e não ignoradas pelos educadores e pais.

A educação precisa compreender as questões relacionadas aos sentimentos, prazeres, direitos e respeito a si e ao outro, ao exercer sua sexualidade com responsabilidade e liberdade. Nesse sentido, tanto os pais quanto a escola devem educar as crianças e os adolescentes com compromisso, sem julgamentos sobre os valores culturais e familiares.

Por isso, acreditamos que o reconhecimento da sexualidade e da Educação Sexual, devem acontecer desde a infância, formando sujeitos que sejam donos de si mesmos, que se entendam, se (re)conheçam, que olhem para o outro com compreensão e respeito, formando uma sociedade crítica, que respeite a cada membro de sua comunidade.

1.2 Adolescência: a construção histórica de um conceito moderno

*Não sei porque insisto
em querer buscar resposta pro que eu já sei.
O que sou não sei,
busco razão pra encarar os meus conflitos.
Estou pedindo ajuda; vem me ajudar.
Não sei porque insisto
em buscar resposta pro que eu já sei.
Estou confusa; preciso de ajuda
pra resolver as minhas dúvidas.
Eu sei que o mundo não gira ao meu redor.
Será ?
Não sou criança,
não sou adulta,
sou apenas adolescente tentando me encontrar há, há.
Se hoje sei o que quero,
amanhã tudo é mistério.
Não sei o que se passa em minha cabeça,
tudo é confuso.
Às vezes penso que gostar é apenas convivência.
Não sei porque brigo tanto com meus pais.
Porque tento ser diferente,
tentando buscar razão pra explicar a minha própria razão.
Oh mãe tenha paciência
com a sua adolescente que não sabe escutar.
Oh mãe tenha paciência
com a sua adolescente que precisa se encontrar.*

*"Conflitos de Uma Adolescente"
Thais Serra*

Em função de explicar a história do conceito da adolescência, é necessário nos remetermos, primeiramente, à história da infância, bem como, expormos as transformações sociais relacionadas a essas duas fases da vida. Ainda, para expressar com rigor científico estas duas categorias, é necessário o aporte teórico apresentado por alguns autores como Calligaris (2000), Ariés (2006), César¹⁰ (2008) que trabalha com os conceitos de Hall, entre outros. Os autores fazem parte da construção do conceito e do reconhecimento da infância e da adolescência, e dos escritos sobre as transformações históricas que as envolvem.

¹⁰ Foi utilizado a obra de César (2008) para falar sobre a obra de Hall por não termos acesso a obra.

Ariés (2006) em seu livro “História Social da Criança e da Família”, publicado pela primeira vez, em 1975, abordou, significativamente, a história da infância e da adolescência nas sociedades ocidentais. Esta obra evidencia as concepções históricas e mudanças ocorridas nas “idades da vida¹¹” através dos séculos a contar do século VI até o século XX. Nesse sentido, o autor se refere às fases da vida como “idades da vida”, ou seja: infância e puerilidade; juventude e adolescência; velhice e sensibilidade. As características de cada fase eram definidas a partir das singularidades.

Segundo o mesmo autor (2006), a infância se resumia ao período entre o nascimento e os sete anos de idade (ausência ou pouca desenvoltura da fala). Já, a puerilidade, se estendia até os quatorze anos. Na sequência, a adolescência aparecia, ainda em discussão, podendo oscilar entre vinte e um e trinta e cinco anos de idade (fortalecimento dos membros, desenvoltura da força). A juventude estava enrustida da força para o trabalho, ajudando a si e aos outros.

Segundo Ariés (2006, p. 17), “até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”. A infância pode ser considerada um fenômeno recente, constituído, principalmente, após o século XII, período da Idade Média. Antes do século XII, a criança não tinha reconhecimento e não produzia efeitos emocionais nas sociedades a qual pertencia; o índice de mortalidade infantil era alto, devido a questões relacionadas à fome, tragédias, falta de saneamento básico, pouco cuidado ou nenhum quanto à saúde das crianças. A morte infantil, não era considerada uma perda com sofrimento, pois se uma criança morria, outra logo chegaria para ocupar esse lugar e assim por diante, cumprindo as funções que lhes eram destinadas socialmente.

Durante a infância, conceito constituído na Idade Moderna, a preocupação dos pais de baixa condição econômica era, ensinar as crianças sobreviventes a trabalhar para ajudar nos afazeres domésticos e na lavoura. Já, as crianças advindas de famílias nobres, eram preparadas para as guerras e tarefas eclesiásticas¹². Em ambas as realidades, é possível perceber, ao longo da história, que os pais só tinham tempo para se dedicarem às crianças enquanto as ensinavam os deveres a serem cumpridos.

A partir do século XVI, a criança e a infância começam a receber uma atenção especial. E é na Europa que, entre os séculos XVI e XVII, as crianças são diferenciadas

¹¹ Termo utilizado por Ariés (2006) para denominar as fases da vida em seu livro História Social da Criança e da Família.

¹² Atividades relacionadas à religião e ao deveres divinos.

dos adultos. Neste mesmo período, inicia-se um sentimento chamado de “paparicação¹³”, que considera a criança objeto lúdico para o adulto. A Europa traz para o Brasil, seus olhares, suas visões sobre a categoria infância, bem como, seus valores e costumes.

No século XVIII, com a chegada do Iluminismo, tiveram início os estudos e as pesquisas relacionados à infância, começando, também, as preocupações com a formação das crianças. A escola apresentava como tarefa: educar, transmitir conhecimentos, orientar as crianças e prepará-las para a vida e para o trabalho.

Durante o período de colonização do Brasil, entre os séculos XVI e XIX, os filhos de senhores estudavam e, os filhos de pobres e escravos iniciavam sua vida de trabalho na infância, a partir dos sete anos de idade. As relações econômicas influenciavam os acontecimentos que envolviam as crianças, acarretando nos abandonos em orfanatos, entregas para amas de leite e, até mesmo, o infanticídio.

Salientamos que enquanto na Idade Média, as crianças aprendiam, no mesmo espaço do adulto, os trabalhos domésticos e da lavoura; na Idade Moderna, os ensinamentos se davam em espaços diferenciados para adultos e crianças. Neste sentido, para que a educação surtisse efeito, era preciso afastar as crianças da convivência social dos adultos, para que assim, se formassem indivíduos obedientes às regras impostas socialmente.

Segundo Ariés (2006), as casas das famílias eram extensas, agregando por muitas vezes, tios, tias, primos e avós sobre a mesma residência. O sustento da família vinha da agricultura, na qual todos trabalhavam juntos, explorando e buscando um bem comum que fosse para toda família. Após a Revolução Industrial, que aconteceu entre os séculos XVIII e XIX, durante a Idade Moderna, o número de integrantes nas famílias passou a ser menor. Houve uma nuclearização da família, de modo que cada casa passou a ser composta pelo casal e seus filhos, e, inclusive, a quantidade de filhos foi reduzida. Uma família de poucos filhos começou a ser vista como o protótipo – modelo das famílias modernas. Com o início da Revolução Industrial, a renda familiar passou a advir do trabalho nas fábricas, dentro do perímetro urbano; neste contexto, as crianças eram preparadas para exercer atividades de trabalho no mercado industrial.

Ainda no século XVIII, a educação das crianças era deixada a cargo da escola, em virtude dos pais não terem tempo para realizá-la, pois estavam vendendo sua força de trabalho aos donos das fábricas para o sustento familiar. A escola tinha o dever de educar as crianças para o mercado industrial, afim de que fossem obedientes e

¹³ Termo utilizado por Ariés (2006) em sua obra: “História Social da Criança e da Família”.

disciplinadas no trabalho. As fábricas contratavam homens, mulheres e, também, crianças, principalmente, porque a mão-de-obra infantil era mais barata.

Del Priore (2013) ensina que na Modernidade, a escola começou a ser uma instituição de proteção e de preocupação com a educação, higiene e saúde da criança. O cuidado com a saúde foi determinante no aumento do número de crianças sobreviventes; assim, a morte infantil passou a significar um momento delicado, que envolvia sofrimento pela sua perda. Toda a preocupação e cuidado das famílias em proporcionar uma vida digna às crianças, fez com que diminuíssem a geração de muitos filhos. Aqueles que nasciam, sobreviviam por muito tempo e para além da infância; dessa maneira, não havia necessidade de gerar muitas crianças com a intenção de que apenas algumas sobrevivessem. Houve, neste momento histórico, mudanças no tratamento dado às crianças; cada vez mais as famílias intensificavam a necessidade de cuidados de higiene e de educação para que todos pudessem dispor de condições melhores de vida.

Já no século XIX, a criança começou a ocupar o centro da família, recebendo investimentos econômicos, afetivos e educacionais. Para Badinter (1985),

No século XIX, o Estado, que se interessa cada vez mais pela criança, vítima, delinquente ou simplesmente carente, adquire o hábito de vigiar o pai. A cada carência paterna devidamente contatada, o Estado se propõe substituir o faltoso, criando novas instituições. (...) É verdade, não obstante, que a política de assumir e proteger a infância traduziu-se não apenas numa vigilância cada vez mais estreita da família, mas também na substituição do patriarcado familiar por um “patriarcado de Estado” (grifo da autora, p. 288 – 289).

Assim, a partir do século XIX, foram criadas leis de proteção à infância na Europa, e, em 1959, foi aprovada a Declaração Universal dos Direitos da Criança¹⁴. Mais recentemente, em 1990, foi elaborado o Estatuto da Criança e do Adolescente¹⁵. Desta forma, consideramos as idades entre 10 e 19 anos como adolescência, conforme é apresentado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Todos esses documentos citados, na forma de lei, devem assegurar os direitos da criança e do adolescente. Direitos que, por diversas vezes, são desrespeitados no mundo industrial e tecnológico.

¹⁴ Declaração adaptada para crianças a partir da declaração Universal dos Direitos Humanos. Apresenta 10 (dez) princípios a serem seguidos para que a criança tenha uma vida digna. <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/direitodacrianca.htm>

¹⁵ É a lei brasileira que garante os direitos e deveres da criança e do adolescente. <http://www.unicef.org/brazil/pt/ECA25anosUNICEF.pdf>

A partir do Capitalismo industrial¹⁶ e do Liberalismo¹⁷, a criança passa a ser vista como consumidora em potencial. O desenvolvimento tecnológico¹⁸ do século XX direciona a criança para a economia, usando-a para o trabalho, para a publicidade e para o consumo. Nesse contexto, o mercado capitalista começa a produzir produtos específicos para as crianças, como por exemplo: programas televisivos; desenhos animados; roupas; calçados; brinquedos; produtos de beleza e higiene pessoal; entre outros.

Portanto, a constituição da criança e da infância é social, cultural e histórica e está permeada por diversos acontecimentos que levaram ao desenvolvimento e à valorização da categoria. A infância está sujeita às mudanças a partir das transformações sociais, culturais e históricas do contexto no qual está inserida.

Em relação à adolescência, foram incorporados sistemas de educação obrigatórios. Ainda, no século XVIII, a adolescência começou a ser observada e conhecida no âmbito educacional pelos educadores. No decorrer do século XIX, o discurso médico sobre a adolescência atentou para as transformações corporais e biológicas relacionadas às moças e aos rapazes. Para tais educadores, os corpos de crianças estavam passando por mudanças para se tornarem corpos de adultos capazes de exercerem suas funções sexuais e sociais, na sociedade vigente.

A adolescência foi caracterizada, no século XIX, como um momento crítico do desenvolvimento humano, vista como risco para o próprio indivíduo e para a comunidade. Inicia-se, então, a ordenação de regras, as quais buscavam higiene e saúde, visando restringir os indivíduos e condenar as condutas que fugissem do ideal. As condutas recebem atenção nos consultórios médicos, em busca de um tratamento medicamentoso para as perversões¹⁹. Neste sentido, a Medicina se aliou à psicologia e à psicanálise para o tratamento daquilo que considerava “doença”.

Com a atenção da Ciência, a puberdade começou a ser atendida pela Medicina com prescrições higiênicas, problematizando, principalmente, a questão do desejo sexual, o qual se tornou o foco dos estudos do século XIX. A puberdade passou a ser

¹⁶ Oriundo da Inglaterra, esse movimento da segunda fase do Capitalismo, teve início na primeira Revolução Industrial no século XVIII chegando até o século XIX na segunda Revolução Industrial.

¹⁷ Pode ser definido como conjunto de princípios e teorias políticas, as quais defendem a liberdade política e econômica. Desta forma, os liberais são contrários aos poderes e controle político e econômico do Estado.

¹⁸ O desenvolvimento tecnológico foi essencial para consolidar a produtividade necessária para sustentar o Capitalismo. Neste processo, o importante é o aumento de produção, e conseqüentemente o acúmulo de capital nas indústrias, sendo durante este processo que se verificou a mão-de-obra barata de mulheres e crianças no mercado de trabalho.

¹⁹ Doença diagnosticada pela Medicina nos indivíduos que fugiam das regras e padrões sociais estabelecidos para adolescência.

considerada um instinto que dá origem aos problemas da adolescência, e o que proporciona uma energia vital, uma busca pela vida. Todas estas ocorrências da adolescência desenvolveram a necessidade de observação contínua, de treinamento e de prescrição de atividades que mantivessem os indivíduos ocupados e cansados para que não houvesse tempo para emergir o desejo sexual.

Já, o século XX foi marcado pela I e II Guerra Mundial, as quais assinalaram o desenvolvimento da adolescência. Anterior às guerras, a adolescência, era trazida nos livros, como uma fase de preguiça e indisciplina. Porém, durante e, posteriormente, ao período supracitado, pesquisadores apontavam a importância da força de trabalho dos adolescentes para a comunidade nas quais estavam inseridos. Ou seja, é possível afirmar que o conceito de adolescência é moderno e está articulado com o ideal de liberdade. A adolescência para Calligaris (2000), é

[...] um mito, inventado no começo do século 20, que vingou sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial. A adolescência é o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam. Ela é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época. Objeto de inveja e de medo, ela dá forma aos sonhos de liberdade ou de evasão dos adultos e, ao mesmo tempo, a seus pesadelos de violência e desordem. Objeto de admiração e ojeriza, ela é um poderoso argumento de marketing e, ao mesmo tempo, uma fonte de desconfiança e repressão preventiva (p. 09).

Portanto, é no século XX que a juventude e a adolescência foram separadas. A alegria e a espontaneidade da adolescência apareceram com suas especificidades enquanto idade de vida:

[...] pela primeira vez exprimiu a mistura de pureza (provisória), de força física, de naturismo, de espontaneidade e de alegria de viver que faria do adolescente o herói do nosso século XX, o século da adolescência. [...] A “juventude”, que então era a adolescência, iria tornar-se um tema literário, e uma preocupação dos moralistas e dos políticos (grifos do autor, ARIÈS, 2006, p. 14).

Segundo César (2008), outro grande autor e este considerado o “pai da adolescência” é Stanley Hall, um psicólogo que publicou uma obra de 1300 páginas no ano 1904, intitulada “*Adolescence: its psychology and its relations to anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*”, que foi dividida em 18 capítulos e 02 volumes. César (2008) pontua que, para Hall, a adolescência é como um segundo nascimento, em que o indivíduo tem a oportunidade de perpassar os estágios vividos,

anteriormente, sendo confusa e complexa, principalmente, pelas rápidas transformações que regem seu desenvolvimento e repercute na vida do adolescente, da família e da comunidade na qual está inserido.

César (2008) apresenta que Hall considerava o adolescente como um ‘novo sujeito’, envolvido por variados problemas como a ‘delinquência e a sexualidade’, que ainda permeiam os estudos atuais sobre a adolescência. César (2008), acrescenta, ainda, que vários autores tentaram se distanciar dos pensamentos de Hall, porém este foi o primeiro a estudar a adolescência com dedicação durante toda sua vida. Seu trabalho representa o primeiro tratado da adolescência até os anos setenta. E, segundo Hermeto e Martins (2012), Hall entendia a adolescência como “um estágio de agitação emocional e de rebelião, no qual o comportamento variava entre o mau humor silencioso e atitudes selvagens e arriscadas [...] um começo necessário de algo muito melhor” (p. 47).

Os estudos de Hall sobre a teoria do desenvolvimento estiveram estritamente relacionados à teoria psicanalítica de Freud (CÉSAR, 2008). E dessa mesma forma, os escritos de Anna Freud sobre a adolescência corroboravam com a ideia inicial de Hall, que considerava como fase de “crise”, como um período de perturbações e transtornos necessários para que o adolescente se desenvolvesse, plenamente, alegando que toda esta instabilidade era essencial para a formação do indivíduo.

O “adolescente” é aquele que **não é** mais uma criança, mas ainda **não é** um adulto, ideia expressa coloquialmente na imagem da “adolescência” como ‘idade do retalho’: trata-se de indivíduos grandes demais para serem ‘descartados’, e pequenos demais para serem ‘aproveitados’ (grifos da autora, CÉSAR, 2008, p. 73).

Ao longo da história sobre a construção da adolescência, ainda, é possível identificar as contribuições do psicólogo Maurice Debesse, o qual ficou conhecido pelo importante trabalho que apresentou em 1943, intitulado: *L’adolescence*; uma produção de referência mundial para a psicologia da adolescência. Para César (2008) Debesse pensava de maneira mais aprofundada que Hall, ressaltando os aspectos sociais e orgânicos da adolescência, definindo-a como “[...] um conjunto de transformações corporais e psicológicas que ocorreriam entre a infância e a idade adulta, sendo que a puberdade abarcaria o tempo das mudanças orgânicas e a juventude marcaria o seu aspecto social” (CÉSAR, 2008, p. 78).

Diante do autor Ariés (2006) as mudanças na história da adolescência no século XX, diz respeito às transformações comportamentais dos pais dos adolescentes em relação aos papéis sociais na vivência com seus filhos, compreendendo os mesmos com

o auxílio da ciência e da Psicopedagogia. No mesmo século, houve um período sem o reconhecimento da adolescência e outro período “em que a adolescência é a idade favorita” (p. 15). A adolescência foi vivenciada e constituída, seguindo normas e padrões sociais. Daí a importância de considerar que os adolescentes vivem em culturas desiguais, construindo vivências afetivas e sexuais conforme a realidade a que pertencem.

Ao pesquisarmos o conceito de adolescência, verificamos que advém do latim *adolescere*, que significa crescer, aparecendo, primeiramente, nos estudos ocidentais. E, ao longo do desenvolvimento histórico e cultural da adolescência, a categoria começa a ser considerada um ideal, no qual, muitos desejam pertencer, sem prazo determinado para mudança.

O tempo da adolescência surge como fruto da Modernidade, dos movimentos históricos e sociais, forçando, por sua vez, alterações e transformações significativas na subjetividade. Trata-se de uma operação psíquica efetuada no interior de cada subjetividade, em equivalência aos processos simbólicos de “adultificação” presentes nas sociedades tradicionais (grifo da autora, GUTIERRA, 2003, p. 29).

A adolescência é permeada por diversas transformações, devendo ser observada com atenção no desenvolvimento do indivíduo, que em períodos históricos anteriores eram desconsiderados e ignorados. Segundo César (2008), Hall acreditava que a Adolescência podia ser entendida como uma zona de turbulência e contestação, sendo construída em meio a dificuldades e lutas nas relações familiares. Os adolescentes eram, constantemente, vigiados e distanciados de suas famílias, o que estimulava a busca por individualidade e privacidade. A procura por amigos, grupos e pares crescem, se tornando um passo importante na vida do adolescente.

As mudanças na Adolescência envolvem sentimentos, comportamentos, gostos, atitudes e valores morais, sociais e religiosos que permeiam sua vida. O indivíduo é constituído por experiências vividas, as quais lhe forma um ser único, com suas especificidades, que pode ou não se identificar com algum grupo social da sua vivência; todos somos seres individuais. É diante da realidade do adolescente, que este irá se identificar com grupos de outros adolescentes que partilham das mesmas ideias, gostos, padrões, etc (CÉSAR, 2008).

Diante de todas as mudanças históricas que envolvem a adolescência corroboramos, com Calligaris (2000), ao apresentar a Adolescência como uma fase

1. Que teve o tempo de assimilar os valores mais banais e mais bem compartilhados na comunidade (por exemplo, no nosso caso: destaque pelo sucesso financeiro/social e amoroso/sexual);
2. Cujo corpo chegou à maturação necessária para que ele possa efetiva e eficazmente se consagrar às tarefas que lhes são apontadas por esses valores, competindo de igual para igual com todo mundo;
3. Para quem, nesse exato momento, a comunidade impõe uma moratória.
4. Cujos sentimentos e comportamentos são obviamente reativos, de rebeldia a uma moratória injusta;
5. Que tem o inexplicável dever de ser feliz, pois vive uma época da vida idealizada por todos;
6. Que não sabe quando e como vai poder sair de sua adolescência (p. 15, p. 21).

Para a sobrevivência do adolescente em sociedade, ele é preparado por diferentes instituições: familiar; escolar; religiosa; midiática; social; dentre outras. Mesmo estando fisicamente pronto, o adolescente é considerado um dependente da família, ainda não reconhecido como adulto e deve esperar, aproximadamente, uns 10 anos, tempo que é estimado para se preparar para o trabalho, o amor e o sexo. Desta maneira, “apesar da maturação dos corpos, a autonomia reverenciada, idealizada por todos, como valor supremo, é reprimida, deixada para mais tarde” (CALLIGARIS, 2000, p. 17).

Concomitantemente, aos valores repassados aos adolescentes, é instaurado um ideal, que precisa ser situado acima de qualquer outro valor: o ideal da independência. Termo conceituado por Calligaris (2000) como um momento de

Instigar os jovens a se tornarem indivíduos independentes é uma peça-chave da educação moderna. Em nossa cultura, um sujeito será reconhecido como adulto e responsável na medida em que viver e se afirmar como independente, autônomo – como os adultos dizem que são (p. 17).

Os trabalhos apresentados por Calligaris (2000) revelam que os estudos sobre a adolescência trazem controvérsias, ao instigar que o adolescente atingiu a maturação para ser independente e ao mesmo tempo é reprimido, sendo condicionado a esperar um tempo maior para adentrar ao mundo e às atividades dos adultos. Essas e outras contradições constituem a adolescência como uma categoria norteadas por dúvidas, que não é possível definir, cronologicamente, tempo de duração.

O adolescente visualiza que está perdendo o corpo e o jeito de ser criança. O ser criança lhe proporcionava o amor incondicional dos adultos a sua volta; entretanto, já na

fase da adolescência ocorre um conjunto de dúvidas e contradições espelhadas no ser criança e no ser adulto. Nessa transição, o adolescente espera uma resposta do que deve ser perante a sociedade. Ou seja, o sentimento de perda vem sem nada em troca, nem ao menos o reconhecimento da sociedade, sendo “novo” para realizar atividades que deseja e “velho” para atividades relacionadas às crianças.

Segundo Calligaris (2000) o adolescente “por consequência, ele não é mais nada, nem criança amada, nem adulto reconhecido” (p. 24), “pois os adultos se contradizem. Parecem negar a óbvia maturação de seu corpo e lhe pedir que continue criança; e tentam mantê-lo em uma subordinação que contrasta com os valores que eles mesmos lhe ensinaram” (p. 26).

Todos passamos pela adolescência para chegar à vida adulta e, em cada época, são transformações diferentes que ocorrem, mas não podemos comparar umas às outras. E, é a partir das mudanças entre uma época e outra, entre uma comunidade e outra que os adolescentes se organizam em grupos sociais em que tenham maior afinidade. Conforme Calligaris (2000), “os adolescentes, como vimos, se reúnem em grupos que podem ser mais ou menos fechados, mas sempre apresentam ao mundo uma identidade própria, diferente do universo dos adultos e dos outros grupos” (p. 57).

Desta forma, ao longo da história, a adolescência passa a ser um ideal cultural, no qual “o adolescente, então carrega em si a obrigatoriedade de realização do ideal recalçado pelo adulto, ou seja; o ideal de autonomia, de liberdade e de ausência de regras” (GUTIERRA, 2003, p. 26). A imagem do adolescente reflete os desejos recalçados dos adultos, recalque²⁰ este realizado pelas regras sociais, pelas leis que regem as comunidades, o que torna a adolescência uma categoria vista como rebelde e de difícil contato. Todo o desejo do adulto faz com que julgue as atitudes dos adolescentes, escondendo, muitas vezes, em seu inconsciente, a vontade de realizar as mesmas atividades e desafios, ter a utopia de ser livre, de ter independência, de ir além da sua realidade cotidiana. Corroboramos com Calligaris (2000) ao dizer que

Os adolescentes pedem reconhecimento e encontram no âmago dos adultos um espelho para se contemplar. Pedem uma palavra para crescer e ganhar um olhar que admira justamente o casulo que eles queriam deixar. Moral da história: o dever dos jovens é envelhecer (p. 74).

²⁰ A palavra recalque é oriunda da Psicanálise e tem como função filtrar desejos do inconsciente que não são suportados no consciente, sendo assim, ela é utilizada como barreira.

Conforme já vimos, anteriormente, a luta por reconhecimento durante a adolescência vem desde o final do século XIX, a partir dos avanços industriais e tecnológicos. A adolescência é vivenciada e construída seguindo normas e padrões sociais. Daí a importância de considerar que os adolescentes vivem em culturas desiguais, estabelecendo relações afetivas e sociais conforme sua realidade, processo em que a educação tem função fundamental, na preparação do adolescente para convivência social e cultural na sociedade em que vive.

Diante da constituição do adolescente, frente a todas as dificuldades e mudanças que o cercam, a tecnologia e seus avanços se fazem presentes, proporcionando informações das mais diversificadas formas, a qualquer hora em que o adolescente precisar e sobre o que ele quiser. No entanto, nem sempre o adolescente recebe orientação sobre como fazer o uso correto das informações de que dispõe. Daí a necessidade de alguém, mais experiente, no ambiente da família e da escola intervir junto ao adolescente para orientá-lo.

Os recursos tecnológicos vêm nos séculos XX e XXI se aprimorando rapidamente para suprir as necessidades da sociedade capitalista. Neste contexto, as mídias exercem um papel de criadoras de necessidade e consumo de produtos que mantenham o Capitalismo. As mudanças que envolvem aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais, tornam os adolescentes presas fáceis para o consumo desenfreado. As mídias, em especial, a internet, desde o final do século XX têm influenciado o comportamento dos nossos adolescentes. Convém salientar que muitas das influências acabam sendo, extremamente, prejudiciais ao desenvolvimento de muitos deles. Apresentam estereótipos, como por exemplo: a busca pelo corpo perfeito; usar produtos que estão na moda; trabalhar para ter reconhecimento social; entre outros. O adolescente, muitas vezes, não consegue sozinho refletir sobre o que ouve e vê, reproduzindo, inconscientemente, as ações projetadas na internet.

A partir da propaganda do corpo ideal, da roupa que está na moda, da aparência padronizada, do trabalho como fonte de reconhecimento social, os estereótipos determinam as condições ideais para o corpo e a mente dos adolescentes, os quais inculcam uma falsa relação com a vida (normalmente acompanhada de permanente insatisfação). Por sofrerem com o preconceito e a exclusão (do mundo dos adultos), os adolescentes passam, não raras vezes, por problemas relacionados à baixa autoestima e rejeição de si próprios, o que os tornam vulneráveis às propagandas/internet de base capitalista e prejudicam a construção de sua identidade.

Pela necessidade de consolidar seu sentimento de identidade, os jovens procuram nos grupos ideológicos um continente, uma caixa de ressonância para sua concepção de mundo, algo que lhes ofereça uma perspectiva de continuidade futura de seus projetos de vida (NETO & OSORIO, 2011, p. 135 – 136).

A quantidade de informações trazidas pela internet, destinadas ao público adolescente, cresce cotidianamente; no entanto, a qualidade dos conteúdos aparece distorcida da realidade da maioria dos nossos adolescentes. Criam padrões e impõem modelos que negam a subjetividade do indivíduo, provocando o deslocamento do adolescente de si mesmo. De acordo com Neto & Osorio (2001)

É na escola e no meio social a que o indivíduo pertence, que se iniciam os condicionamentos e as exigências sociais que irão determinar um outro tipo de atitude e que também influirá no seu comportamento. Essa conduta considerada mais superficial ou *ideologia periférica* que pode não estar de acordo com a ideologia central, é passível de mudanças e transformações, mas poderá, no correr dos anos, fazer parte integrante da estrutura central da pessoa (p. 117).

A educação tem função de preparar o adolescente para o mercado de trabalho, com especificações da função a ser exercida. Objetiva formar indivíduos que pensem em trabalhar e consumir para, assim, manter os padrões e as classes sociais. Neste caminho, a escola tem a tarefa de formar o adolescente para a sociedade, porém, atua em prol de uma formação para o trabalho que qualifica estes jovens para a obediência, seguindo a lógica capitalista. Diante de todas as transformações da adolescência e ampla possibilidade que a internet dispõe, no século XXI, precisamos enquanto sociedade, pensar e agir orientando os adolescentes para que consigam discernir o que é necessário e bom para si.

1.3 Adolescência: o desenvolvimento psicosssexual e a busca de identidade segundo a psicanálise

*Eu quero ficar perto
De tudo o que acho certo
Até o dia em que eu mudar de opinião
A minha experiência
Meu pacto com a ciência
Meu conhecimento é minha distração
[...] O meu rádio relógio mostra o tempo errado
[...] as vezes dá preguiça
Na areia movediça
Quanto mais eu mexo mais afundo em mim
[...] São coisas que antes eu somente não sabia...
Agora eu sei...!*

*"Coisas que Eu Sei"
Danni Carlos*

Para abordarmos o desenvolvimento psicosssexual do adolescente e a sua busca de identidade, nos amparados no referencial psicanalítico, tomando como ponto de partida os estudos e descobertas acerca da Sexualidade Infantil de Sigmund Freud, médico neurologista, formou-se em 1881 e começou a trabalhar no Hospital Geral de Viena. Neste hospital, via de regra, era proibido admitir pacientes acometidos de histeria²¹. No entanto, Freud sensibilizava-se com o sofrimento desses pacientes e costumava admiti-los, contrariando as determinações da direção do hospital.

O interesse de Freud estava em descobrir a origem da histeria, uma vez que a Medicina Ortodoxa da época, por não encontrar as origens dessa doença no organismo, acusava o doente de estar encenando os sintomas. Freud, estudioso que era, não acreditava que fosse fingimento dos pacientes e, muito menos, que os pacientes estivessem sob o efeito de ações demoníacas, como queria crer toda a comunidade médica da sociedade vienense.

Foi ao conversar com Breuer, médico que também estava intrigado com a histeria e intentava conhecer sua origem, que Freud soube dos passos que ele já havia avançado no tratamento da doença, utilizando o método da hipnose com pacientes

²¹ De acordo com Laplanche e Pontalis (2001, p. 211) a Histeria é “classe de neuroses que apresentam quadros clínicos muito variados. As duas formas sintomáticas mais bem identificadas são a histeria de conversão, em que o conflito psíquico vem simbolizar-se nos sintomas corporais mais diversos, paroxísticos (exemplo: crise emocional com teatralidade) ou mais duradouros (exemplo: anestésias, paralisias histéricas, sensação de “bola” faríngea, etc), e a histeria de angústia, em que a angústia é fixada de modo mais ou menos estável neste ou naquele objeto exterior (fobias)”.

históricos. Assim, Freud e Breuer passaram a trabalhar juntos utilizando a hipnose para o tratamento da histeria. Freud conseguiu uma bolsa de estudos e foi a Paris para ser aluno de Charcot, médico francês, estudioso da técnica da hipnose. Lá, aprendeu que através da hipnose era possível criar ou eliminar sintomas nos pacientes; que, em estado de hipnose, os pacientes não apresentavam os sintomas históricos, mas ao saírem daquele sono profundo, voltavam a manifestar todos os sintomas.

Freud volta para Viena e dá continuidade aos atendimentos junto a Breuer. Eram criticados e ridicularizados pela comunidade médica, que denominavam a hipnose de “magia negra”. Breuer que já estava fazendo uso da hipnose há algum tempo, vinha obtendo avanços no tratamento com seus pacientes. Observava que sob a hipnose, os históricos ouviam e seguiam suas ordens e assim os sintomas desapareciam. Porém, ao voltarem da hipnose, os sintomas reapareciam.

O primeiro caso que pediu para ser escutada sem ser hipnotizada, tocada ou olhada foi de Emmy Von N. e, a partir deste atendimento, Freud passou a conversar com a paciente, a qual falava aquilo que lhe viesse à cabeça, sem organizar o que iria dizer. O médico trabalhava na busca de juntar as falas e auxiliar a paciente a interpretá-las. Essa técnica foi batizada como Associação Livre de Ideias e foi através dela que muitos pacientes viram seus sintomas serem eliminados sem hipnose, pois a conversa com o médico levava a lembrança de traumas vividos na tenra infância, os quais originavam os sintomas na vida adulta. Quando o paciente trazia à tona lembranças traumáticas que estavam esquecidas, a cura da histeria acontecia. Isso fez com que Freud compreendesse a existência de uma força invisível que tivesse o poder de controlar nossas vidas fora do nível da consciência; o que denominou inconsciente²².

Ao longo do trabalho, a partir da fala Freud, adotou-se a experiência e método da fala sobre todos os assuntos que poderiam ocorrer no atendimento do paciente, fazendo com que não pensasse e organizasse o que queria dizer, apenas contasse o que estava pensando. Desta forma, Freud chegava às lembranças e traumas guardados no inconsciente do paciente, os quais causavam os sintomas, as neuroses, entre elas a

²² Segundo Cunha (2010, p. 94) o inconsciente é “[...] uma região da personalidade habitada por pulsões reprimidas, que não são conscientes [...]”, afirma ainda que está no inconsciente tudo o que não temos consciência da existência, o que foi reprimido moralmente, e desta forma internalizadas pelo indivíduo. Nesse sentido, a sexualidade é uma das principais categorias que são reprimidas socialmente, a qual é considerada um tabu, como algo sujo e pecaminoso, sendo necessário reprimir para ser aceito socialmente, ficando assim as repressões dos assuntos relacionados à sexualidade em nosso inconsciente. É importante, também, lembrar que Freud chegou ao inconsciente na busca de resposta das histerias, e junto ao inconsciente descobriu que estas doenças se relacionavam com a vivência da sexualidade dos indivíduos ainda na infância.

histeria. O paciente estava consciente enquanto falava, contribuía, significativamente, para a melhora dos sintomas, sendo tarefa do psicanalista interpretar sua fala.

Convém salientar que a descoberta do inconsciente, por Freud, foi extremamente contestada pela ciência. Em uma época em que a Medicina era unicamente organicista e ortodoxa e a Psicologia era a da consciência, positivista; falar em inconsciente era tarefa para quem não tinha medo de ser questionado, enfrentado e diminuído.

Freud sofreu perseguições e foi ridicularizado em todas as suas descobertas, mas a maior empreitada do grande estudioso foi quando ele descobriu que os traumas e neuroses de seus pacientes na vida adulta, que há muito ficam guardados no inconsciente, estão associados à sexualidade. Essa descoberta foi negada inclusive por Breuer, o que fez com que Freud preferisse defender sua teoria da existência de uma sexualidade desde a infância ao se dobrar para os fricotes de seu amigo Breuer, que como toda a sociedade vienense vivia protegido por seus puritanismos e tabus. Mesmo com todos os problemas, Freud não desistiu. Criou a Teoria Psicanalítica, defendendo que todo trauma e toda neurose adulta tem sua origem nas questões sexuais.

Iniciamos nossas reflexões, ainda no período da infância, a partir do reconhecimento das fases do desenvolvimento psicosssexual infantil para falar sobre o desenvolvimento do adolescente, o qual é decorrente dos acontecimentos e resoluções da sexualidade infantil. Logo, o reconhecimento da sexualidade na infância ocorreu quando Freud fundou a Psicanálise no século XX, pois anteriormente acreditavam que a sexualidade teria início somente a partir da adolescência, com a chegada da puberdade.

No ano de 1905, Freud reconheceu e apresentou, em sua obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, que a sexualidade nasce como função biológica seguindo para além dessa, envolvendo a função psíquica e social. Durante seus estudos, Freud ensinou que a sexualidade está presente no indivíduo desde o nascimento e lhe acompanha até a morte. Segundo Gagliotto (2014),

[...] o conceito fundante da sexualidade humana para Freud, a atividade de mamar do bebê como gênese da sexualidade. Reconhecido como reflexo, biologicamente, herdado, a sucção tem como objetivo primário saciar a fome. Vinculado ao prazer dessa satisfação, encontra-se um prazer paralelo, ou seja, o prazer sexual (p. 107).

Nesse sentido, é a partir da obra supracitada que Freud (2002), afirma que, “o princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado à necessidade do alimento. A atividade sexual apoia-se primeiramente em uma das funções que servem à

preservação da vida, e só depois torna-se independente delas” (p. 60). Guimarães (2002) acrescenta que

Freud explica o desenvolvimento por fases de maturação da libido, ou seja, da energia afetiva original que propulsiona o organismo na realização de seus objetivos. Essas fases seriam sucessivas e progressistas e, em cada uma delas, a organização libidinal se apoiara numa zona erógena corporal, produzindo uma fantasia básica e uma modalidade de relação como objeto (p. 46).

Desta forma, a autora explica que a libido na teoria psicanalítica é a energia que orienta a busca por prazer e ligações afetivas, as quais envolvem o desenvolvimento infantil e a organização da fase adulta. Estas vivências foram trabalhadas por Freud a partir do momento em que ele se aproximou dos estudos psíquicos, para além da biologia abordada até o momento, pois, com a ajuda dos estudos psicológicos, que ele chega à teorização das fases do desenvolvimento psicosssexual que envolvem a libido. Essas fases foram nominadas por Freud, como: *fase oral* (00 a 01 ano), *fase anal* (01 a 03 anos), *fase fálica* (03 a 06 anos), *período de latência* (06 a 09 anos) e *fase genital* (aproximadamente 10 anos).

Fase oral: nesta fase, a satisfação do prazer infantil, ocorre na região da boca. Por isso, que nesta fase, a criança leva os objetos que entra em contato até a boca, e é por esta ação é ligada à zona erógena que a criança conhece o mundo. Após o nascimento, a primeira e principal busca da criança, é o seio da mãe e é por meio da sucção, que ele obtém o alimento e a satisfação do desejo. Pois, segundo Freud (2002) “quem já viu uma criança saciada recuar do peito da mãe e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da expressão da satisfação sexual em épocas posteriores da vida” (p. 60). Ou seja, depois da primeira vez que a criança se alimentou e conheceu o seio da mãe, a mesma entende que aquilo lhe deu prazer e satisfaz seus desejos; dessa forma aprende formas de buscar e conseguir o seio novamente para sucção, que é a busca pelo prazer para além do alimento. Esta fase se encerra, a partir do desmame, acarretando na próxima fase, denominada fase anal.

Fase anal: aqui a criança inicia a aquisição do controle das fezes e da urina, os chamados esfíncteres, e a satisfação do prazer concentra-se na região anal. Assim, a criança começa a desenvolver obsessão sobre suas produções (fezes), querendo brincar com elas. Nessa fase, a criança também percebe que consegue controlar a saída das fezes do seu corpo, e aprende as primeiras noções de higiene pessoal. A criança pode

reter as fezes e desenvolver problemas intestinais, como forma de satisfação ou confronto à vontade do adulto (mesmo inconscientemente), mostrando que tem controle sobre suas produções. Pois, segundo Freud (2002), “os distúrbios intestinais tão frequentes na infância providenciam para que não faltem a essa zona excitações intensas” (p. 64).

Fase fálica: durante essa fase, a atenção da criança se volta para o descobrimento dos órgãos sexuais e também da falta deles (no caso da menina que não possui pênis). Nesse sentido, as crianças começam a se defrontar com as diferenças entre o corpo do menino e da menina, visualizando a falta do pênis na menina, acreditando que ele tenha sido arrancado (complexo da castração). Nessa fase, ainda ocorre o desenvolvimento do *Complexo de Édipo*, o qual de acordo com Násio (2007)

[...] é um desejo sexual próprio de um adulto, vivido na cabecinha e no corpinho de uma criança de quatro anos e cujo objeto são os pais. A criança edipiana é uma criança alegre que, em toda inocência, sexualiza os pais, introduzindo-os em suas fantasias como objetos de desejo e imitando sem pudor nem senso moral seus gestos sexuais de adultos (p. 10).

Período de Latência: contempla especificamente o impulso sexual, mais direcionado aos desejos inconscientes reprimidos socialmente. Nesse sentido, o deslocamento da libido sexual é direcionado para o gasto de energia com atividades como: esporte, estudos, brincar com amigos, entre outros, até o início da puberdade.

Fase Genital: nesta fase do desenvolvimento, a atenção da criança se volta novamente para os órgãos genitais, retomando os impulsos sexuais anteriores, porém, agora direcionados para relações amorosas, pois chega o início da puberdade. De acordo com Freud (2002), “as atividades sexuais dessa zona erógena, que faz parte dos órgãos sexuais propriamente ditos, são, sem dúvida, o começo da futura vida sexual “normal” (p. 66). Momento no qual, começam os conflitos decorrente da adolescência ao longo da sua história, marcados pelas mudanças biológicas, corporais, afetivas, psicológicas e sociais em decorrência da puberdade.

Nessa fase, menino e menina sabem as diferenças entre seus sexos, buscando a satisfação sexual, a partir de relações com o outro e/ou a partir da masturbação. Com a chegada da puberdade e da adolescência, o adolescente inicia a busca e construção por uma nova identidade, aquela que não é mais de uma criança e ainda não é de adulto.

O complexo de Édipo é vivido na infância durante a fase fálica, entre aproximadamente 03 e 06 anos de idade, definido por Násio (2007) como,

[...] a experiência vivida por uma criança de cerca de quatro anos que, absorvida por um desejo sexual incontrolável, tem de aprender a limitar seu impulso e ajustá-lo aos limites de seu corpo imaturo, aos limites de sua consciência nascente, aos limites de seu corpo imaturo, aos limites de sua consciência nascente, aos limites de seu medo e, finalmente, aos limites de uma Lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetivos sexuais. Eis então o essencial da crise edípica: aprender a canalizar um desejo transbordante (p. 12).

Este momento envolve vários sentimentos, entre eles estão: agressividade, medo, amor, ódio entre outros que estão relacionados aos desejos sexuais no que concerne a relação com seus pais (geralmente) do sexo oposto. Ou seja, o menino deseja a mãe, desenvolvendo o desejo de eliminar a presença do pai na relação, bem como, a menina deseja o pai e quer eliminar a mãe para não ter concorrência, para que não precise dividir o sentimento e a presença.

Neste sentido, se faz necessário a castração para que renuncie ao desejo incestuoso e siga as regras sociais e culturais. Neste processo, uma das formas de castração é a descoberta da ausência do pênis/falo, o qual faz com que se sinta menos que o outro que possui o pênis/falo. Sendo assim, a ausência do pênis na mãe é um dos motivos que revolta a menina e faz com que esta coloque-se contra a figura materna, achando que esta é fraca, dirigindo seu desejo ao pai que possui tal poder. E o menino tem medo da castração, pois entende que a menina era igual a ele e perdeu o pênis/falo por algo que tenha feito de errado como, por exemplo, o sentimento incestuoso.

A castração pode ser entendida simbolicamente como uma impossibilidade de retornar ao estado narcísico que fomos tirados no nascimento. A primeira castração que é exercida sobre cada indivíduo é o corte do cordão umbilical, e neste determinado processo a autora da castração seria a mãe. Assim, a castração pode significar perda ou falta, bem como, a imposição de limites sobre os desejos. Sendo possível convivermos em sociedade e exercermos nossa autonomia a partir das castrações realizadas, pois é através da castração que somos inseridos e aprendemos a viver conforme a moral e lei da cultura e sociedade.

Salientamos então que, as leis vêm para relacionar os desejos aos processos de socialização, pois quando somos castrados de alguma forma, o sentimento que nos toma conta é a falta, ficando incompletos e vulneráveis às possibilidades que venham nos apresentar como objetos desejantes. Porém, é necessário lembrar que ações exageradas, em processos de castração podem se tornar negativas e, até mesmo, causar danos e traumas psíquicos que podem evoluir até mesmo para futuras neuroses.

Desta forma, corroboramos com Násio (2007) ao dizer que “o Édipo é a dolorosa e iniciática passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos, jamais serão capazes de se satisfazer totalmente” (p. 12). Assim, o que se vive na experiência do Édipo fica registrado no inconsciente, o qual persiste até a morte como fantasias, estas que influenciam a definição da identidade sexual do indivíduo, bem como sua personalidade e afetividade.

Nesse sentido, ressaltamos a importância de satisfazer a curiosidade e questionamentos das crianças, de acordo com os limites e possibilidade de cada momento. Pois, se simplesmente negar a resposta, a explicação, “a curiosidade não satisfeita vira ansiedade de saber e pode desencadear um comportamento que expressa uma ansiedade difusa, podendo evoluir para algum distúrbio na personalidade” (NUNES & SILVA, 2006, p. 55).

É imprescindível entender qual realmente é a pergunta e/ou curiosidade da criança, para que não apresente questões que não são pertinentes e importantes para ela no momento, para não falar sobre algo que a criança não queira ouvir. Ou seja, nunca interpretar a pergunta por si só, sem entender o que a criança realmente quer saber, o que ela está buscando ouvir.

A sexualidade infantil é muito mais autêntica porque as crianças em geral não precisam provar nada a ninguém e também não estão preocupadas com os padrões de “normalidade” que a sociedade impõe aos adultos. Reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base de seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade. Porque, afinal, não existe uma separação entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta. Existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e consequentes (grifo dos autores, NUNES & SILVA, 2006, p. 52).

Salientamos que, é em decorrência do desenvolvimento psicosssexual da criança, que se chega à puberdade (consequentemente à adolescência), caracterizada como uma reedição dos impulsos sexuais vividos nas fases anteriores a ela.

Parado em frente do espelho, caçando espinhas, medindo as novas formas de seu corpo, desejando e ojerizando seus novos pelos ou seios, o adolescente vive a falta do olhar apaixonado que ele merecia quando criança e a falta de palavras que o admitam como par na sociedade dos adultos. A insegurança se torna assim o traço próprio da adolescência (CALLIGARIS, 2000, p. 25).

As mudanças corporais e psicológicas que ocorrem na adolescência, influenciam na construção do ser adolescente, bem como, na formação de sua identidade ,

modificando as relações dele com a família e com a sociedade. Nesse sentido, a partir das leituras realizadas sobre os escritos de Freud que envolvem o termo identidade, fica explícito que Freud não se preocupou em conceituar diretamente a palavra, mas usa-a como qualquer outra do vocabulário alemão.

Em diversos escritos, a identidade aparece com um sentido muito próximo do seu uso corrente, em contextos e situações muito parecidas com aquelas em que cotidianamente nos referimos à identidade de algo ou de alguém ou à identidade entre duas pessoas, processos, mecanismos ou objetos. Assim, considero importante entendermos um pouco o uso do equivalente alemão de identidade em seu uso cotidiano (CUNHA, 2000, p. 214 – 215).

Desta forma, Cunha (2000) deixa claro, que de acordo com o dicionário “Duden” a palavra *identitat* = identidade possui o mesmo significado que o dicionário brasileiro Aurélio, ou seja, identidade é algo único, sem possíveis cópias. A identidade é singular e própria do indivíduo, sendo influenciada pela sociedade, política e cultura vivenciada. É importante ressaltar que o termo identidade aparece sem muita exatidão, psicanaliticamente, pois de acordo com as interpretações realizadas, a identidade é marcada para além da semelhança e sim para a diferença aparente, com uma ordem advinda da essência, ou ainda falado da “natureza” do indivíduo (CUNHA, 2000). Portanto, salientamos que seguimos esta definição de identidade adolescente, a busca deste por seu caminho e reconhecimento próprio.

Segundo Calligaris (2000), a partir da chegada da Modernidade, é disseminado e direcionado um ideal para que o adolescente siga, o ideal da independência, ressaltando que, as ações da sociedade interferem na formação do adolescente, que é necessário que o adolescente, siga as imposições, padrões, ideais e valores, de acordo com a comunidade vigente.

Diante de todas as mudanças e percursos vividos na adolescência, a puberdade aparece por meio de transformações corporais. Nas meninas, iniciam através do aparecimento dos pêlos nas axilas e pubianos, o crescimento dos seios, início da ovulação e da primeira menstruação. Nos meninos, através do crescimento dos pêlos na axila, pubiano e na face, mudança na voz, desenvolvimento dos músculos e emissão de sêmen. Neste sentido, a puberdade, representa a oportunidade de encontro com o outro, da relação sexual e da reprodução, canalizando a fase na genitalidade, o que envolve o desenvolvimento psicosssexual do adolescente.

Gutierra (2003) nos explica que é possível considerar o início da puberdade um momento propício para que as neuroses se manifestem. Pois, segundo os escritos

freudianos, a respeito do excesso de libido nesta fase, há a acentuação nas diferenças sexuais, o que faz com que a psicanálise entenda a puberdade, como uma fase de definições sobre a conduta sexual, o que resulta em psiconeuroses ou na vida sexual normal, conforme é denominada por Freud (GUTIERRA, 2003). Desta forma, salientamos que a pulsão sexual, durante a puberdade, vai para além da simples obtenção de prazer individual, visando, também, a possibilidade de reprodução.

As mudanças corporais da puberdade são as primeiras a serem reparadas, durante toda a história da adolescência até os dias de hoje. A partir da visualização das mudanças de que a criança está se tornando um adolescente, iniciam as reclamações familiares e sociais, de desobediências, rebeldias e conflitos. Destacamos que as relações no ambiente familiar, primordialmente, com o pai e a mãe, quando ainda criança, são importantes para o adolescente e seu desenvolvimento, preparando-o para lidar com as mudanças da adolescência, reagindo de diversificadas formas frente às transformações, para que lide da melhor forma possível.

É durante as mudanças da adolescência e da construção de identidade que o adolescente busca um grupo, com o qual se identifica, que partilhe das mesmas ideias, conceitos, gostos, etc. Este grupo pode ser da família, de amigos, da escola, de ídolos, entre outros, mas seja qual for o grupo é importante para a construção da identidade do adolescente. O que os “outros” pensam sobre o adolescente é importante, pois as opiniões que recebe lhe proporciona sentimentos, que o levam ao autoconhecimento que auxilia na formação da identidade.

Entre as dificuldades encontradas na adolescência está o discernimento de qual comunidade e padrão social se encaixa, pois não é mais criança e também não é adulto, o que dificulta o entendimento do adolescente sobre seu lugar, bem como, os adultos não visualizam um lugar específico para o adolescente na sociedade, assim como a criança e o adulto possuem o reconhecimento. Essas questões podem desencadear ansiedade e questionamentos, a partir dos quais, os adolescentes buscam a descoberta da sua individualidade na sociedade, procurando, também, o entendimento e a descoberta do outro.

Na adolescência, tudo parece urgente, as decisões e ações precisam ser rápidas para satisfazer o desejo do adolescente, ou seja, Knobel (1981) apresenta que, “quando se nega a passagem do tempo, pode-se conservar a criança dentro do adolescente como objeto morto-vivo” (p. 43). Para o autor, a negação do tempo é importante para a formação do adolescente, e a maneira que lidam com os lutos que lhes envolvem nessa fase da vida.

As dificuldades relacionadas ao tempo e às mudanças da adolescência, transformam, por diversas vezes, o adolescente em um indivíduo solitário, o qual se vê sozinho o tempo todo, como se ninguém se lembrasse ou se importasse com ele. Diferentemente do que sentia quando era criança, pois a atenção se voltava para ele o tempo todo, as brincadeiras, demonstrações de carinho, as vezes que falavam “eu te amo”, se tornam escassas com a chegada da adolescência.

Na adolescência, as ações da família e da sociedade desenvolvem papel importante para a formação de sua identidade, porém, a ação destas duas comunidades também pode dificultar as vivências e experiências dos adolescentes, “a sociedade, mesmo manejada de diferentes maneiras e com diferentes critérios socioeconômicos, impõe restrições à vida do adolescente” (KNOBEL, 1981, p. 53). Nesse sentido, os adolescentes precisam se adaptar ao mundo adulto, à sociedade em que vivem, às atividades que precisam desempenhar, pois as oportunidades para eles têm restrições, inclusive, da convivência social. Para que o adolescente consiga conviver em sociedade, ele passa por três tipos de luto, que são apresentados na obra organizada por Aberastury e Knobel (1981), que seriam: *o luto pelo corpo infantil, o luto pela identidade e pelo papel infantil e, o luto pelos pais da infância.*

O luto pelo corpo infantil ocorre a partir do momento em que o adolescente começa a perceber as mudanças em seu corpo, que deixa a estrutura de criança, e ainda precisa assistir às transformações com sentimento de impotência, pois não tem como mudar o desenvolvimento e percurso das mudanças. O momento é de perda do corpo infantil, mas ainda sem maturidade mental para que isso aconteça, o que força o adolescente a aceitar a sua nova aparência, ficando mais próximo ao mundo do adulto. E durante estas mudanças, é importante as relações estabelecidas com a família e com a sociedade, o que modifica as formas de aceitação da nova posição de ser adolescente.

Nesse luto pelo corpo infantil, o adolescente pode fantasiar, viver como personagens, em busca de uma fuga, algo que lhe permita as dependências e carinhos obtidos quando criança. As relações com a família e com a sociedade, a aceitação das mudanças ou a vivência como personagem em busca de fuga, acarreta nos conflitos e rebeldias que são retratados pelos adultos da sociedade; o adolescente como um indivíduo “rebelde, sem limites”. E são essas relações e o luto pelo corpo infantil que desencadeiam no próximo luto a ser vivido pelo adolescente, o luto da identidade e papel infantil.

O luto pela identidade e pelo papel infantil, é decorrente das relações de dependência quando criança, das necessidades de receber ajuda do outro, do mais velho,

do adulto. O adolescente passa por confusões neste momento, por buscar a dependência infantil e, concomitantemente, a independência do adulto. Nessas buscas, responsabiliza os pais ou pessoas próximas por suas ações, tenta se eximir de responsabilidades e obrigações que lhe são atribuídas. São nessas relações com o outro, durante a confusão de identidade, que leva o adolescente a buscar um grupo com o qual se identifique, que proporcione sentimento de estabilidade e aproximação social.

O encontro com o outro parecido com o adolescente, proporciona uma sensação de potencialidade que possuía antes, enquanto encontrava-se sozinho no luto pelo corpo e identidade infantil. Corroboramos com Rosenthal e Knobel (1981), ao apresentarem que

Amor e ódio, culpa, reparação, são intermitentemente vividos com intensidade e rapidamente eliminados, para voltar a ocupar posteriormente o pensamento, num processo constante de aprendizagem que significa este jogo de manejo objetal e afetivo (p. 82 – 83).

A partir da aceitação da perda do corpo, da identidade e do papel infantil o adolescente visa a substituição dos pais da infância, que caracteriza o terceiro luto. *O luto pelos pais da infância* está relacionado com as dificuldades do adolescente em lidar também com os lutos anteriores, e ainda precisa buscar sua nova identidade. É necessário que o adolescente vá se separando de seus pais, e este movimento traz angústias e conflitos para o adolescente, bem como para seus pais, os quais também enfrentam dificuldade na aceitação dos lutos perante as mudanças dos filhos. Conforme nos apresenta Aberastury (1981),

“não só o adolescente padece este longo processo, mas também os pais têm dificuldades para aceitar o crescimento como consequência do sentimento de rejeição que experimentam frente à genitalidade e à livre manifestação da personalidade que surge dela” (p. 14).

A relação vivida pelo adolescente, quando criança com seus pais, será importante para o processo de luto pelos pais da infância e influencia na maneira que o adolescente conseguirá passar por seus lutos e chegará à maturidade, à vida adulta, na qual estará preparado para a sociedade em que vive. Ressaltamos que, os papéis familiares que utilizamos como exemplo seriam os estáveis, com bons relacionamentos e diálogos, os quais proporcionam o necessário para a criança e adolescente de acordo com sua faixa etária.

Já quando, as figuras parentais são conflituosas, ou em que a criança é a detentora de toda a atenção, sem o adulto viver uma vida para além da criança, dificulta a identificação da criança e do adolescente. Esses buscam alguma coisa ou alguém que se identifique, programas/filmes que assistem, atrizes e atores, cantores (as), grupos de amigos, entre outros, que forneçam os limites necessários às relações, sejam boas demais ou ruins ao extremo. As relações necessitam limites, nada que for exagerado será proveitoso e bom.

Os lutos e mudanças levam o adolescente a ter as atitudes consideradas conflituosas, rebeldes, mal-humoradas, entre outras, as quais salientamos ser normal durante a adolescência, determinando a passagem e reação no percurso dos lutos enfrentados. Corroboramos então, com Aberastury (1981) ao ensinar que, “o sofrimento, a contradição, a confusão, os transtornos são deste modo inevitáveis; podem ser transitórios, podem ser elaboráveis, mas devemos perguntar-nos se grande parte da sua dor não poderia ser suavizada mudando estruturas familiares e sociais” (p. 17).

Todos os desafios que norteiam a adolescência fazem com que o adolescente seja inseguro, pois este transita entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chegou, o que o leva a pensar quem realmente é, parece apenas um ser vazio, alguém que não tem lugar na sociedade, ele fica fragilizado o que acarreta em baixa autoestima, problemas de relacionamento, chegando à depressão, automutilação e até mesmo a tentativas de suicídio.

Considerando todas essas mudanças e lutos que o adolescente enfrenta pelo que lhe leva à procura de identificação para formar sua identidade; desta forma, buscamos entender a classificação de adolescência “normal” e “anormal” citada por alguns autores conforme é possível observar no ponto seguinte.

1.3.1 “Adolescência Normal” e suas características segundo a teoria psicanalítica

Salientamos que para entender e analisar o desenvolvimento do ser adolescente, buscamos aporte na teoria psicanalítica, no que concerne à formação do adolescente. Os conflitos da adolescência são decorrentes das mudanças, cobranças e responsabilidades impostas ao adolescente que há pouco ainda era uma criança indefesa e dependente. Os adultos julgam, incomodam e ameaçam os adolescentes, como forma de manipular suas ações, rejeitando que o adolescente não é mais uma criança e que este novo indivíduo necessita de liberdade e atenção, para que se desenvolva e aceite o seu novo papel

social. As ações dos adultos em manipularem a vida do adolescente acarretam nos casos de rebeldia, conflitos e violência, tão presentes nos dias atuais. Casos esses que se caracterizam como maneiras do adolescente se defender de uma sociedade que não o deixa viver, que não lhe apresenta oportunidades, que apenas dificulta a sua formação e seu encontro consigo mesmo até chegar a nova identidade.

A sociedade apresenta casos, cenas de conflitos e violências entre os próprios adultos, os quais são, neste momento, o espelho para o adolescente, pois, este busca em alguém o ideal, uma figura de identificação, para fugir de indivíduos que quer se distanciar, por ações e formas de viver que não lhe agradam, conduzindo a busca por outro indivíduo para se identificar, que é o ideal a ser espelhado. Nesse movimento de procurar um ideal, alguém, um grupo de identificação, é que o adolescente visa um líder para substituir a autoridade dos pais, ou então deseja ser o líder, para, então, reproduzir as ações de seus pais.

Diante dos conflitos, é necessário lembrar a importância do diálogo da família com a criança, porque esta ação refletirá na forma como o adolescente se relacionará e se sentirá com relação a família e à sociedade. É necessário escutar o adolescente, pois ele vive a angústia de ser ouvido sem ser julgado e punido, de ser um indivíduo presente e reconhecido socialmente; nesse sentido, procura encontrar seu lugar e entender quem ele é. O diálogo e a cultura familiar são aspectos importantes, que exercem influência na formação do adolescente e de seu futuro quando adulto. Pois, a família e os valores atribuídos e seguidos por essa, permeiam diferentes ambientes como: religião, cultura, educação, entre outros que o adolescente precisa adquirir para o exercício futuro, aquele esperado pela sociedade vigente.

As ações e valores que permeiam a vida familiar e social do adolescente, concomitantemente às mudanças biológicas, refletem na formação da personalidade e do seu caráter, pois segundo Neto (2011) “a personalidade é o modo de ser do indivíduo. Ou seja: é a maneira como a pessoa se comporta e é percebida pelos outros” e o caráter “pode ser descrito como o comportamento típico dessa pessoa em sociedade” (p.32 – 33). As relações estabelecidas na infância, conforme os padrões e tradições sociais da comunidade em que vive, constroem as atitudes do indivíduo, refletindo, também, sua vida futura como adolescente e como adulto.

Em decorrência de todos os valores, culturas, famílias, mudanças e conflitos que envolvem a formação do adolescente, consideramos as abordagens apresentadas por autores como Aberastury (1981), Knobel (1981), Neto (2011) e Neto e Osório (2011)

sobre as questões consideradas “normais” e “anormais” perante a sociedade e o contraponto teórico sobre as terminologias.

A experiência psicanalítica do tratamento de adolescentes que vêm ou são trazidos a consulta, muitas vezes por consideração não só de caráter patológico no sentido estrito do termo, mas por conduta *considerada* como *anormal* dentro do marco familiar ou social do nosso meio, e a experiência psicanalítica com adolescentes com verdadeiros transtornos psicopatológicos, que não são mais do que a expressão magnificada, distorcida, mas que ocorre na evolução normal [...] (grifos do autor, KNOBEL, 1981, p. 25).

Muitas das manifestações dos adolescentes frente aos lutos e mudanças são encaradas socialmente como anormais/patológicas, porém a partir dos estudos sobre esta fase da vida, é possível identificar como um processo natural pelo qual é necessário o adolescente passar, para seu desenvolvimento pleno, o que irá prepará-lo para a sociedade e as funções que terá que desempenhar. Nesta direção, é difícil definir o que é certo ou errado, pois tudo depende da família e da sociedade em que o indivíduo está inserido e das normas e padrões estabelecidos nestas. Algumas ações são apenas reações a acontecimentos em momentos de adaptações sociais, que fazem parte da evolução do adolescente.

Para Neto (2011) “as anormalidades devem ser entendidas dentro do modo de atuar na vida, especialmente em determinados aspectos e circunstâncias, e expressam uma deficiente estruturação da personalidade” (p. 47). Como contraponto à anormalidade, partimos do conceito de normal apresentado por Knobel (1981), como aquele adolescente que vivencia desequilíbrios, instabilidade, introversão, timidez, urgência e desinteresse, que acarretam os conflitos afetivos, crises religiosas e conduções relacionadas à sexualidade. E,

o normal é que participem dentro das inquietudes que são a própria essência da atmosfera social em que vivem, e se pedem a emancipação não o fazem na procura de chegar rapidamente ao estado de adultos – muito longe disto – senão porque precisam adquirir direitos e liberdades semelhantes aos que os adultos têm, sem deixar por isso sua condição de jovens (ABERASTURY, 1981, p. 22).

O que o adolescente vive durante a infância será revivido na adolescência, definindo as condutas e formação do indivíduo. Entre as ações encontramos os conflitos, relatados ao longo da história da adolescência como um problema para o adolescente e a quem convive com ele. Corroboramos com Neto e Osório (2011) ao

dizerem que “vida é conflito. Não há como evitar conflitos no convívio humano, porque premissas diferentes geram inevitavelmente confrontos e, como diz o ditado cada cabeça uma sentença” (p. 57).

Nesse sentido, as negações e conflitos familiares, fazem parte da busca e afirmação por uma identidade adulta, a qual é necessária para o reconhecimento e formação do adolescente. Pois, assim como na infância, os pais continuam sendo referências para os adolescentes, mesmo que por diversas vezes eles demonstrem ser o oposto dos pais ou pensam diferente deles. Dessa forma, ressaltamos a importância da educação familiar e seus valores, porque é o que formará para entender as regras e valores impostos pela sociedade.

Salientamos a necessidade de o adolescente passar por momentos turbulentos, conflitantes, confusos e de contestação em relação à família e sociedade, pois será durante a passagem desses momentos que o adolescente busca se afirmar como um ser individual, com suas próprias concepções e interesses. Diante dos conflitos dos adolescentes, precisamos entender

[...] que essa rebeldia é necessária para a formação da personalidade e não é algo pessoal em relação aos pais. É importante não entrar em confronto com os novos valores que se apresentam, tentando impor autoritariamente as suas ideias e os seus valores (NETO & OSÓRIO, 2011, p. 58).

No desenvolvimento da adolescência, geralmente há uma acentuação de atenção nas amizades, na busca de amigos com quem se identifique, como forma de afirmação as suas ideias e visões de mundo. Porém, os pais costumam entender a busca por amigos como renúncia à família, a negação do papel exercido pelos pais na infância, sem entender que este caminho é comum e normal. Pois os pais precisam ser referência para os filhos tendo autoridade sobre eles, estabelecendo educação e valores a serem respeitados, e que a amizade e cumplicidade nas descobertas da adolescência ficam a cargo dos grupos de amigos. Nesse sentido, a relação do adolescente e a formação de seu caráter são de difícil identificação, independentemente de ser normal ou anormal, pois as ações sociais resultam nas condutas e impulsividades do adolescente em busca de sua identidade.

A educação exercida a partir da autoridade dos pais é o que ajuda o adolescente na formação do caráter e personalidade, influenciando os caminhos dos desejos e atitudes. Lembrando os adolescentes das consequências de seus atos, mesmo que no momento não faça a diferença, ou que o mesmo não queira ouvir, inconscientemente,

estará estabelecido os padrões para viver em sociedade. Esses caminhos fazem parte do desenvolvimento do adolescente caracterizado como normal, aquele que passará pelos desafios e chegará à constituição da identidade de adulto, que viverá em sociedade e que exercerá as funções estipuladas para ele.

É um momento crucial na vida do homem e precisa de uma liberdade adequada, com segurança de normas que lhe possam ir ajudando a adaptar-se às suas necessidades ou a modificá-las, sem entrar em conflitos graves consigo mesmo, com seu ambiente e com a sociedade (ABERASTURY, 1981, p. 22 – 23).

A luta do adolescente está sempre em ser independente e dependente dos pais, porque quer ter sua liberdade, mas no mesmo momento quer a dependência e a atenção dos pais, tal qual recebia durante a infância. Na adolescência, o adolescente é julgado, incompreendido e rejeitado pelos adultos, os quais reforçam ter a autoridade e controle sobre o adolescente. Nesse sentido, as ações sociais podem facilitar ou dificultar o caminho percorrido pelo adolescente nessa fase da vida.

Os conceitos de normalidade e anormalidade são decorrentes das realidades sociais, econômicas, culturais e políticas de acordo com a comunidade que o adolescente vive. Os padrões estabelecidos na comunidade em que o adolescente está inserido serão determinantes para sua formação “é por isso que considero que posso falar de uma verdadeira *patologia normal* do adolescente, no sentido de que precisamente este exterioriza seus conflitos de acordo com a sua estrutura e suas experiências” (grifo do autor, KNOBEL, 1981, p. 27).

A construção de um adolescente normal, também se relaciona com as experiências já vividas e com as resoluções dos lutos vividos anteriormente quando criança. Nesse sentido, os lutos, suas resoluções e encaminhamentos, influenciam na intensidade das mudanças decorrentes na adolescência, com a possibilidade de serem dolorosas, perturbatórias e conflituosas ou tranquilas, aceitáveis e desejáveis. Assim, ressaltamos que o período da infância e da adolescência, e suas relações familiares e sociais, são centrais para o desenvolvimento da identidade adulta. E de acordo com as vivências e aceitações dos lutos na adolescência, o adolescente se formará um indivíduo que consegue identificar sua individualidade, e entenderá sua singularidade perante a sociedade.

Durante a busca pela nova identidade, o adolescente se relaciona com grupos e pessoas que se aproximam de seus pensamentos e ideais, e esta relação proporciona a sensação de segurança, proteção, as quais antes eram realizadas e desempenhadas pela

família. Nesse sentido, o adolescente procura refúgio na identidade infantil, na qual era protegido sem pedir ajuda e/ou proteção, era o centro das atenções, diferentemente da adolescência e dos conflitos envolvidos nessa para a conquista de sua nova identidade. Ressaltamos a importância da elaboração e resolução dos lutos infantis, sendo eles: luto pelo corpo, pela identidade, pelo papel e também pelos pais da infância. Pois, é após a aceitação dos lutos que o adolescente chegará à sua nova identidade, alcançando sua individualidade e função social.

As relações familiares durante a infância são imprescindíveis e determinantes na elaboração das maneiras como serão resolvidos os lutos infantis pelo adolescente e por seus pais, os quais têm dificuldades de aceitação da evolução e desenvolvimento de seu filho. Nesse sentido, corroboramos com Knobel (1981) ao dizer que “[...] a *identidade adolescente* é a que se caracteriza pela mudança de relação do indivíduo, basicamente com seus pais[...]” (grifo do autor, p. 36).

Nessa procura da nova identidade, o adolescente quer se auto afirmar socialmente, desenvolvendo-a, muitas vezes, através da aproximação dos grupos de identificação, aqueles que muitas vezes padronizam a aparência a partir da preferência por itens da moda, modelos de roupas, calçados e acessórios, gostos musicais, entre outros. Geralmente o grupo é o oposto das figuras familiares, pois pretende formar uma identidade diferente daquelas de sua família. As dependências infantis depositadas nos pais, nesse momento da adolescência são transferidas para o grupo que está inserido, faltando apenas o alcance da individualização, o reconhecimento de sua singularidade por parte do adolescente. Ambos os passos de dependência familiar e de grupo de amizades, são necessários para a formação de um adulto singular e resolvido quanto as fases anteriores, que refletem em todas as relações sociais.

Durante o desenvolvimento do adolescente, o tempo é um dos limites, pois determina que a infância, os relacionamentos familiares e mudanças ligadas a esta, agora vão fazer parte do passado, que não volta, mostrando a necessidade de aceitar e conviver com o novo. Nesse sentido, Knobel (1981) explica que ao negar a passagem do tempo, é possível

Conservar a criança dentro do adolescente como um objeto morto-vivo. Isto está relacionado com o *sentimento de solidão* tão típico dos adolescentes, que apresentam esses períodos em que se encerram em seus quartos, isolam-se e retraem-se (grifos do autor, p. 42).

Estes momentos de solidão citados pelo autor podem ser angustiantes para o adolescente, porém são imprescindíveis para chegar à maturidade e entender o passado, o presente e o futuro. Ainda, durante a relação temporal do adolescente e a maturação deste Knobel (1981) nos apresenta dois tipos de tempo vividos na adolescência, o existencial que se resume no tempo de comer, defecar, brincar, dormir, estudar, entre outros, tempo este das necessidades básicas para sua existência. Na sequência, o autor explica o tempo após os lutos da adolescência, o qual adquire novas conceituações como discernir passado, presente e futuro. E ainda, nesse segundo tempo, o adolescente chega à maturação aceitando a morte dos pais e a perda do vínculo com eles, como algo que não voltará mais, bem como a aceitação da sua própria morte.

As questões relacionadas ao tempo estão interligadas na aceitação e decisão dos lutos na adolescência, durante a procura da entrada no mundo adulto, almejando o reconhecimento social. Nessa busca são estabelecidas relações entre o adolescente e o adulto, mais precisamente com os pais, os quais constroem relações de autoridade e imposição dos valores a serem seguidos. “Assim, quanto mais o adulto tenta se constituir como autoridade moral, tanto mais se qualifica como hipócrita, porque a cultura (e ele junto com ela) promove como ideal aquele que faz exceção à norma” (CALLIGARIS, 2000, p. 29).

Os processos de convivência e aceitação dos lutos, entre eles o do corpo infantil e a aceitação das mudanças e reestruturação corporal a partir da puberdade, modificam também, as relações sexuais dos adolescentes, o que constitui a busca por parceiros. A preparação para este processo é realizada desde a infância, nas relações entre pais e filhos, o que constitui a maneira que será enfrentada a chegada das mudanças. A aceitação dos pais frente às mudanças do filho e a forma que forem encaradas determinará a maneira que todos irão lidar com a situação, as mudanças em virtude da puberdade que influenciam a busca de satisfação sexual, a partir da procura por parceiros ou mesmo a masturbação, as quais antes eram focadas em seus próprios pais.

E segundo Knobel (1981), para o adolescente a satisfação dos desejos sexuais seriam necessidades externas, como se lhe obrigasse a separação dele e de seu corpo, ou seja, que o corpo fosse algo alheio ao adolescente. “Observei adolescentes que nos falam de suas relações sexuais como de algo necessário, não para eles, mas para seu pênis ou para sua vagina, ou para sua *saúde corporal*” (grifo do autor, KNOBEL, 1981, p.48). Neste momento ainda segundo Knobel (1981) há a necessidade de procurar mecanicamente sua bissexualidade perdida na infância, optando pelo uso da

masturbação para realizá-la, e em outros casos é exteriorizado com relacionamentos homossexuais.

Nesse sentido, as questões sexuais, são difíceis como as outras mudanças que envolvem a busca da nova identidade na adolescência. As relacionadas à sexualidade e ao corpo são advindas da resolução do período pelo luto do corpo infantil, pois o novo corpo, os pelos, os músculos, o crescimento dos seios, a menstruação e a ejaculação são sinais sexuais, bem como dos papéis que serão cobrados, socialmente, como homem e/ou mulher. Pois, a partir do momento que o adolescente cresce e a família aceita suas mudanças, iniciam as cobranças do encontro com parceiros e também as cobranças a respeito da reprodução. Durante este caminho de descobertas sobre sua genitália e sua sexualidade, o adolescente pode ter relacionamentos homossexuais, como desejo de fuga das mudanças, pois quer alcançar a bissexualidade que detinha na infância.

De acordo com minha experiência, na busca de definição genital, o adolescente costuma passar por períodos de homossexualidade, que podem ser a expressão de uma projeção da bissexualidade perdida e desejada, em outro indivíduo do mesmo sexo. Desta maneira poderia o adolescente, na sua fantasia, recuperar o sexo que está se perdendo em seu processo de identificação genital. Não devem, pois, assustar a ninguém as situações fugazes de homossexualidades que o adolescente apresenta, e sobre tudo, aquelas que aparecem mascaradas através de contatos entre adolescentes do mesmo sexo, saídas, bailes, etc (KNOBEL, 1981, p. 49).

Neste sentido, os relacionamentos, ou buscas de satisfação de desejo sexual por alguém do mesmo sexo na adolescência, poderá não ser determinante para o resto da vida, pois as experiências são decorrentes da descoberta de si e do outro. A masturbação é outra maneira utilizada para o conhecimento do corpo, como algo que pode lhe proporcionar prazer, tanto para si quanto para o outro. Mas essas questões sexuais são decorrentes das mudanças e seguem a necessidade sentida por cada adolescente, ou seja, não são iguais para todos. Porém, segundo Calligaris (2000), “apesar da maturação dos corpos, a autonomia reverenciada, idealizada por todos como valor supremo, é reprimida, deixada para mais tarde” (p.17).

As descobertas do adolescente provocam ansiedade também em seus pais, ao perceberem que seus filhos estão mudando, obrigando-os a perceber que, concomitantemente, eles também mudaram. Aparecendo ainda os ciúmes dos filhos, a proibição dos relacionamentos, como uma forma de tentar mascarar este crescimento e evolução do adolescente. Os pais ficam na tentativa de manipular a volta dos filhos para a infância, na qual detinham todos os poderes e escolhas sobre eles, que hoje começam

a ser exercidas, individualmente, pelo adolescente, e isso pode ser visto e sentido como uma negação dos pais, trazendo dor e dificuldade para lidarem com a situação. Segundo Knobel (1981)

A adolescência é recebida predominantemente de maneira, hostil pelo mundo dos adultos, em virtude das situações conflitivas [...]. Criam-se *estereótipos*, com os quais se tenta definir, caracterizar, assinalar, ainda que realmente, acredito eu, se procure isolar fobicamente os adolescentes do mundo dos adultos (p. 52).

O mundo dos adultos e a sociedade em geral impõem regras que restringem a vida do adolescente dificultando, por diversas vezes, a passagem por essa fase, tornando a adolescência ainda mais difícil e dolorosa. A sociedade também manipula as ações e deveres do adolescente, fazendo com que eles se submetam às ordens e tarefas para serem aceitos na sociedade vigente. Segundo Calligaris (2000) a adolescência é um momento que, “para o adolescente, ela não é só uma sofrida privação de reconhecimento e a independência, misteriosamente idealizada pelos adultos. É também um tempo de transição, cuja duração é misteriosa” (p. 18).

E a partir destas ações da sociedade, o adolescente sente que não foi ele quem mudou, quem deixou de ser criança e por isso não é aceito, e sim a sociedade e seus pais mudaram, negando a evolução do adolescente e a necessidade dele em buscar e viver sua nova identidade. O adolescente encontra dificuldades para se relacionar com o mundo externo, as crises que envolvem seu crescimento o afastam das outras pessoas e, assim, buscam fugir para um mundo interno construído em sua imaginação, o qual aparenta ser mais seguro.

O adolescente está em busca do seu lugar e nesta luta por entender-se e compreender as pessoas a sua volta sofrem com conflitos e crises que o afasta do mundo, e procura um lugar dentro de si mesmo para sobreviver a todas essas mudanças biológicas, psicológicas e sociais. No próximo ponto, discorreremos sobre a relação adolescência e sexualidade, e sobre a função social da presença da internet no cotidiano dos adolescentes.

1.4 A Relação Internet e Sexualidade na Adolescência

*Pane no sistema, alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo
Parafuso e fluido em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado
Mas lá vêm eles novamente, eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema
Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Tenha, more, gaste, viva
Pense, fale, compre, beba
Leia, vote, não se esqueça
Use, seja, ouça, diga
Não, senhor, sim, senhor
Não, senhor, sim, senhor
Mas lá vem eles novamente, eu sei o que vão fazer
Reinstalar o sistema*

*"Admirável chip novo"
Pitty*

Neste tópico trabalhamos a relação internet e sexualidade na adolescência. Assim, para abordarmos a temática da internet e de suas ações, contextualizamos sua trajetória histórica. Nesse sentido, buscamos apresentar de que maneira as temáticas se relacionam e a influência delas na identidade do adolescente, pautadas nos escritos de Ferreira (2003), Figueiró (2006), Monteiro (2009), Carreli (2011), Duque (2011), Neto (2011), Neto e Osório (2011), Ribeiro (2011), Rocha (2011), Eisenstein (2013), Setton (2015) e Ribeiro (2016).

Segundo Setton (2015), o que chamamos de tecnologias de comunicação e informação surgiu a partir de 1975, com o avanço das telecomunicações analógicas e com a informática, possibilitando a veiculação de mensagens através do computador, cuja existência data do ano de 1945. Primeiramente, os computadores eram de uso exclusivo para militares e, alguns anos depois, por volta de 1960, chegaram à sociedade civil. Aproximadamente, em 1970, os computadores começaram a ser utilizados nos centros universitários para depois chegarem às residências particulares como computadores pessoais.

“As novas tecnologias digitais surgem com o advento da microeletrônica, na segunda metade da década de 1970, através de convergências e fusões entre a informática e as telecomunicações” (SETTON, 2015, p.90). Desde o início do desenvolvimento tecnológico, os avanços não pararam e, hoje, na contemporaneidade, podemos citar o mundo virtual²³ presente no cotidiano que, por diversas vezes, condiciona as ações.

Nesse sentido, salientamos que no mundo virtual, a internet, está à disposição das crianças do século XXI, desde o seu nascimento, o que pode acarretar influências sobre sua identidade. “A construção da identidade pessoal é considerada a tarefa mais importante da adolescência, o passo crucial da transformação do adolescente em adulto produtivo e maduro” (FERREIRA, 2003, p.107). Pois, neste mesmo viés, ressaltamos que a identidade sexual começa a se organizar ainda na concepção e vai adquirindo estrutura através dos anos e vivências de cada um.

A formação da identidade recebe a influência de fatores intrapessoais (as capacidades inatas do indivíduo e as características adquiridas da personalidade), de fatores interpessoais (identificações com outras pessoas) e de fatores culturais (valores sociais a que uma pessoa está exposta, tanto globais quanto comunitários) (grifos do autor, FERREIRA, 2003, p. 107).

Portanto, os reflexos da infância se estruturam na adolescência ganhando diversas definições por parte do próprio adolescente, que começa a fazer suas escolhas e caminhos a serem trilhados, diferentemente de quando era criança, onde os pais, ou responsáveis, direcionavam o que podia ou não ser e/ou fazer.

A transição da adolescência é marcada pelo desenvolvimento da sexualidade, desde as mudanças no corpo e nos comportamentos até o início dos relacionamentos sociais, como o namoro e outros compromissos afetivos, inclusive sexuais, até o acasalamento e a possibilidade de reprodução (EISENSTEIN, 2013, p. 63).

As questões referentes à internet e à sexualidade se relacionam e são importantes no cotidiano da contemporaneidade. Porém, a sexualidade ainda é concebida como um tabu, mesmo na internet, a qual (no senso comum) é vista como algo que apareceu para estragar a sociedade, viciar os adolescentes, bem como estimulá-los à pornografia e outras mazelas. Sabemos que a sexualidade de fato é vista como interdita, mas que

²³ “Por virtualização, podemos compreender um novo modo de ser e estar no mundo, que possibilita processos de criação, relação e contatos sociais em situações de não presença física” (SETTON, 2015, p. 90).

existem dois pesos e duas medidas ao falar sobre ela. Dissemos que a sexualidade ainda é um tabu na nossa sociedade contemporânea. Dessa forma, entendemos por tabu algo que não pode ser tocado, por ser considerado sagrado, impuro ou pecaminoso e que, portanto, deve ser reprimido.

Na nossa sociedade e, em especial na internet, a sexualidade pode ser encontrada associada a publicações, postagens e divulgação de materiais pornográficos e doentios, porém, por outro lado, existem *blogs*, *sites*, revistas eletrônicas com conteúdo educativo, que tratam a sexualidade de forma emancipatória e que podem contribuir na Educação Sexual²⁴ dos adolescentes. Nesse sentido, salientamos que corroboramos com Figueiró (2006) ao pontuar que a sexualidade

[...] por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual (p. 02).

Muitas vezes, pelo fato de não poderem falar abertamente sobre sexualidade, sanarem suas dúvidas, os adolescentes acabam buscando e têm acesso no mundo virtual às respostas para suas curiosidades e inquietações, porém, nem sempre têm sorte de encontrarem matérias escritas, imagens ou vídeos que apresentem uma visão de totalidade da sexualidade ou que envolvam os sentimentos, pensamentos, emoções em seus aspectos biológicos e psicológicos. O que ocorre, muitas vezes, é o encontro com uma ideia distorcida da sexualidade presente no mundo virtual que vincula apenas o sexo pornográfico como forma de exercício da sexualidade. O contato com a pornografia pode convidar o adolescente a extravasar sua sexualidade de forma inadequada, isto é: irresponsável, tomando o seu corpo e o do outro como objetos que podem ser consumidos e consumíveis. Porém, acreditamos que a sexualidade vai para além da pornografia, pois

A sexualidade ocupa um espaço essencial na formação da identidade de todos os adolescentes e também culturalmente nos grupos sociais, porque tem relevância para a continuidade evolutiva e o poder reprodutivo, além da busca do prazer do corpo, da imaginação e das fantasias. Por tudo isso, ressalta-se a importância do respeito às necessidades e atitudes individuais e coletivas, mas também a busca por informações básicas sobre o que acontece a cada momento nas percepções de cada um e nas trocas dos saberes que são realizadas,

24 “A expressão ‘Educação Sexual’ é utilizada por ser considerada mais coerente com a concepção do método da educação, onde o educando participa como sujeito ativo do processo de ensino e aprendizagem e não como mero receptor do conhecimento. Nessa perspectiva, o professor cria as condições para o aluno aprender e auxilia o aluno nesse processo de aprendizagem” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 48).

atualmente, através das redes sociais em vez das pressões das famílias (EISENSTEIN, 2013, p. 64).

É importante ressaltar que, as mudanças e avanços da internet vêm modificando os relacionamentos, maneiras de viver, tipos de comunicação e caminhos para obter informação na sociedade ocidental. Desta forma, seguimos na linha de Carelli (2011) ao afirmar que a internet, nos dias de hoje, é “[...] um elemento de extrema importância na vida de muitos indivíduos. Possui inúmeras funções: comunicação interpessoal, pesquisa, instrumento de trabalho, ferramenta de divulgação, veículo midiático, dentre outras” (p. 119).

Assim, é possível destacarmos que a curiosidade na adolescência relacionada à sexualidade; é estimulada a partir do enorme contingente de informações e sensações que estão dispostas de diversas formas na internet, a qual, com seus avanços e abrangência no cotidiano dos indivíduos, pode constituir-se em um espaço de transmissão de um falso sentimento de poder e segurança, pois a quantidade de informações é enorme havendo ínfima ponderação no que tange a sua confiabilidade e legitimidade.

Conforme destaca Neto (2011) as “publicações na mídia, de fontes desconhecidas, ou sem o necessário rigor científico, ou noticiadas parcialmente, têm confundido a opinião pública, com informações alarmistas ou distorcidas” (p.75). Assim, enfatizamos que é importante lembrar a liberdade e habilidade que o adolescente desenvolve durante a utilização desta ferramenta, muitas vezes, correndo riscos de ficar confuso frente à quantidade de informações. Nesse sentido, destacamos a importância de orientar os adolescentes para que possuam uma posição crítica sobre as fontes visualizadas. Os conteúdos presentes na internet são cativantes, chamam a atenção, apresentam um universo anônimo no qual o adolescente pode assumir qualquer identidade e papel sem limites de imaginação.

Ainda sobre a quantidade de informação sem limites, é importante lembrar da liberdade e habilidade que o adolescente desenvolve na utilização desta ferramenta, muitas vezes, correndo riscos de ficar confuso, frente à quantidade de respostas que encontra para os seus questionamentos. Nesse sentido, destacamos a importância de orientar os adolescentes, para que possuam uma posição crítica sobre as fontes consultadas. Os conteúdos presentes na internet são cativantes, chamam a atenção apresentando um universo anônimo, no qual o adolescente pode assumir qualquer identidade e papel sem limites da sua imaginação. Para Rocha (2011)

O ciberespaço é um campo livre para fantasias, desejos e comportamentos que se escondem a janela de interfaces gráficas. Talvez seja esta primeira concepção a mais buscada pelos usuários da internet, pelo anonimato possibilitando nas relações de interação social de cunho sexual (p. 136).

Sendo assim, a internet oferece a oportunidade de mascarar gostos e preferências, influenciando o comportamento dos adolescentes, de origem virtual ou mesmo real, pois o adolescente pode acreditar nas suas fantasias virtuais e tentar vivê-las na vida real. A internet é também utilizada para veicular estereótipos e ideais acerca do corpo, da roupa, do calçado, do cabelo, da pele, do estilo de vida e da moda, nos quais se cria a ideia de necessidade para o adolescente. Corroboramos com Eisenstein (2013) ao dizer que a

Mídia social influencia os estereótipos dos comportamentos e as questões de saúde/doenças de todos, mas, principalmente, a formação dos hábitos das crianças e adolescentes. Questões envolvendo desde hábitos alimentares à obesidade, sedentarismo, violência, agressividade, uso de cigarros, álcool, drogas, sexualidade, transtornos de imagem corporal, depressão, transtornos de sono, hiperatividade e transtornos de conduta social, estão associadas ao tempo de uso e às mensagens transmitidas pela mídia social. Apesar da mídia social não poder ser acusada de ser a principal causa em nenhuma das questões descritas acima, ela exerce pressão e contribui substancialmente em todos estes comportamentos de risco (p. 69).

Com o anonimato oferecido pela internet, os adolescentes sentem que possuem privacidade e que ninguém sabe o que eles estão visualizando. A internet disponibiliza informações que envolvem a sexualidade, como afirma Ribeiro (2011) “a mídia exerce uma influência significativa no cotidiano de todos nós, no comportamento sexual das pessoas” (p.53).

A internet pode sugerir ao adolescente uma fuga do mundo real, da solidão e da negatividade social, facilitando a inserção em grupos que se identifica ou que será aceito sem julgamento, a exemplo de grupos de suicidas, de pessoas que se automutilam, de pessoas com anorexia ou bulimia, entre outros. Nestes casos, a internet permite uma aceitação, mas não a solução dos problemas que envolvem geralmente questões psicológicas e de saúde física, mas que acabam não sendo reconhecidas por quem sofre.

No mundo midiático, podemos citar também a ação da TV na vida dos indivíduos, pois ao longo da história o primeiro aparelho desenvolvido foi o rádio e na sequência a televisão, proporcionando várias informações a quem faz o uso dos mesmos. Concordamos com Ribeiro (2011) que

Se por um lado a TV propicia às crianças e aos adolescentes uma vivência de sexualidade menos reprimida, por outro, não podemos negar, traz excessos e uma erotização precoce quase beirando uma transgressão não adequada à faixa etária. Por isso, precisamos ter critério na escolha da programação (p. 53).

A internet tem poder de inculcar valores e comportamentos na vida dos indivíduos, disponibilizar maneiras de conhecer o mundo, influenciar as condutas e direcionar para uma visão de mundo ideal. O ciberespaço²⁵ motiva o adolescente a ter coragem e se aproximar das pessoas, em busca de conquistar e ser conquistado, o contato físico que traga prazer a si e ao outro, a primeira relação sexual, o conhecimento do seu corpo e do outro, carinho, afeto, masturbação, dentre outras ações e aproximações que permitam a satisfação do desejo.

Na adolescência, ouve-se falar muito sobre a prática da masturbação – o autoerotismo, permeado por tabus que acabam por direcionar negativamente uma das manifestações da sexualidade da criança e do adolescente (SILVA & MAIA, 2013). Entretanto, o autoerotismo propicia desde a infância uma intensa experiência de prazer – descoberta do próprio corpo ao longo de nossa vida. Nesse sentido, é necessário conhecer-se para depois conhecer o outro, saber como atingir o seu prazer para depois conseguir dar prazer para o(a) companheiro(a).

Os impulsos da sexualidade são marcados por limites sociais que muitas vezes desafiam os riscos da impulsividade e da liberdade, assim como as regras de proteção, códigos morais e éticos, que operam tanto subjetivamente como na dimensão social. O desenvolvimento da sexualidade é um dos aspectos do desenvolvimento da personalidade humana e da socialização na adolescência, com a incessante e difícil busca do encontro de si mesmo e do par amoroso (EISENSTEIN, 2013, p. 64).

Essas práticas, em busca do prazer na adolescência e a disseminação de informações na internet inculcando estereótipos fazem com que, por diversas vezes, os adolescentes acreditem que a preocupação dos adultos responsáveis por eles, seja exagerada, o que pode causar conflitos de gerações. E que a apreensão dos conteúdos visualizados no ciberespaço é por vezes desnecessária, criando um julgamento de que sabem os riscos e a veracidade do que veem e utilizam da/na internet. Dentre os conteúdos visualizados pelos adolescentes na internet e em outras mídias como a mídia

²⁵ “O ciberespaço não privilegia a reflexão, pois não favorece o debate e nem a memória. [...] o tempo no ciberespaço é regido pelo reflexo e não pela reflexão” (SETTON, 2015, p. 94).

televisiva, é possível citar a violência e a pornografia, conforme afirma Monteiro (2009) que “estudiosos da educação, da saúde e do comportamento humano são unânimes em alertar que nossos jovens e crianças estão muito expostos a cenas de sexo e violência” (p. 141 – 142).

O ambiente virtual possibilita a fuga do adolescente através de abrangência social, o que pode acarretar no perigo da alienação virtual, substituindo as relações cotidianas reais apenas pelas virtuais, que parece eximir o adolescente de qualquer responsabilidade. As comunicações virtuais possibilitam maior contato entre os adolescentes, pois a necessidade e abuso do uso da internet, diversas vezes, são decorrentes do sentimento de solidão que o adolescente tem nas relações familiares e sociais.

As redes sociais desempenham funções específicas em uma grande parcela dos relacionamentos atuais, sejam amizades, amorosos, profissionais etc. Sua função não é bem definida e tampouco delimitada. Indivíduos usam-nas para entrar em contato com antigos colegas ou amigos, para conhecer pessoas novas, para conhecer alguém a fim de ter um relacionamento amoroso e/ou sexual, para trabalhar etc. (CARELLI, 2011, p. 120).

Esta realidade é parecida no mundo ocidental, ou seja, para além do Brasil, pois é visível a expansão da utilização da internet no cotidiano pela população como um todo, envolvendo os adolescentes como os principais protagonistas por sentirem-se seguros e correspondidos virtualmente. Setton (2015) pontua que:

A cultura da mídia é uma realização da sociedade capitalista. Sua emergência e seu desenvolvimento estão profundamente ligados a uma nova ordem política e econômica específica da modernidade. Ou seja, nasce como produto da industrialização, surge como desdobramento das necessidades de uma sociedade urbana, com grande concentração de grupos sociais de diferentes precedências (p. 32).

As mudanças que envolvem a internet e seus recursos vêm modificando as relações familiares e sociais, pois torna fácil a demonstração de sentimentos e relacionamentos, porém não há um contato pessoal (real) com o outro. Ainda possibilita várias realidades sem que o adolescente necessite sair de casa, modificando o seu cotidiano, o que pode resultar no seu isolamento perante o mundo real e social.

Com o advento das novas tecnologias, estamos diante de uma nova revolução, não só dos novos padrões de comunicação e

relacionamento social, mas também da maneira como se aprende e manifesta a sexualidade, inclusive nas redes sociais. No isolamento e no anonimato de seu computador em seu quarto ou numa lan house, o adolescente inicia seu conhecimento sexual e seus relacionamentos com informações obtidas livremente de outras pessoas de todos os tipos e idades, porém cuja identidade real é desconhecida (EISENSTEIN, 2013, p. 64).

A facilidade de recursos e programas na internet pode levar à falta de limites quanto ao horário de uso da ferramenta pelos adolescentes, trazendo consequências pelo excesso de horas na utilização. Alguns desses problemas podem ser: dificuldade na hora de dormir, sedentarismo, queda no rendimento escolar, violências intra e extrafamiliar, depressões e outros. Convém salientar que a internet pode criar condições para que o adolescente venha a camuflar os problemas supracitados.

No que tange à sexualidade, as relações da internet na adolescência vêm sendo, atualmente, denominadas *Sexting*, conforme Ribeiro (2016) trata-se de uma maneira de expressão da sexualidade utilizando a internet e/ou celular, como um exemplo o *WhatsApp*, publicando fotos sensuais, com pouca roupa ou mesmo com nudez total; publicando vídeos eróticos próprios ou de outra pessoa e, algumas vezes, como brincadeiras de cunho sexual. Assim, vamos ao encontro do conceito apresentado por Eisenstein (2013) afirmando que

[...]é o compartilhamento de textos simples, curtos, diretos com ou sem imagens de teor sexual, geralmente via telefones celulares. É um termo derivado de sexual messaging em Inglês, que significa mensagem sexual, com conotação inapropriada ou fotos nuas de corpos ou de relações sexuais (p. 66).

Desta forma, para viver em sociedade somos formados a partir de regras e padrões, os quais são mascarados na internet, como se no mundo virtual não houvessem regras a serem seguidas. “No Brasil, temos encontrado na mídia um número cada vez maior de notícias sobre o *Sexting*, inclusive de jovens que tiraram suas vidas em decorrência da exposição indevida e sem consentimento de imagens íntimas” (FIGUEIREDO & MELO, 2016, p. 137). O perigo está na falsa segurança que pode ocasionar danos na vida real do indivíduo. “Como utilizamos a Internet no conforto do nosso lar, constrói-se uma falsa sensação de segurança. Torna-se difícil perceber que milhares de pessoas podem ter acesso a informações pessoais expostas nas redes sociais” (CARELLI, 2011, p. 125).

Tal alienação, disposta no mundo virtual, manipula as ações para o consumo e o trabalho. Cria-se a necessidade do trabalho para manter a ideia de consumir, pois antes

de disponibilizar um produto no mercado, gera-se a sua necessidade para o indivíduo. Por essa lógica, o adolescente precisa ser formado para o mercado de trabalho e para o consumo de acordo com o modelo vigente na sociedade capitalista. Os estereótipos de beleza e ideais e ainda possibilitam que o adolescente continue isolado do mundo real, vivenciando e fantasiando suas relações sociais e sexuais no mundo virtual. Sobre a primeira relação sexual, como um dos exemplos de alienação por parte dos adolescentes, Neto e Osorio (2011) afirmam que,

É muito comum jovens com 15 ou 16 anos, que não sentem motivação para uma primeira relação sexual, sentirem-se inseguros em relação à sua sexualidade. Nesses casos, em virtude da pressão exercida pelo namorado(a) ou pelo grupo de amigos(as) já iniciados, o adolescente pode manter uma relação sexual somente para se livrar da pressão que vem sofrendo (p. 89).

Desta forma, a orientação é indispensável, seja familiar e/ou escolar, por parte de um adulto responsável e que transmita confiança; isso contribuirá para que o adolescente aprenda a distinguir os antagonismos do cotidiano que envolvem a vida real e virtual. Quando a criança e o adolescente visualizam “[...] toda essa programação sem um adulto por perto para codificá-la, a imagem da TV passa a ser mais forte do que a educação dada em casa, portanto a que fica” (RIBEIRO, 2011, p. 55). Ressaltamos que é necessário prezar pela conversa e confiança entre o adolescente e seus responsáveis, tanto em âmbito familiar como no espaço escolar, refletindo essas questões sem tabus ou preconceitos, não havendo e a banalização de conteúdos que fazem parte do dia-a-dia dos adolescentes, como o sexo, a pornografia, a afetividade, os relacionamentos, etc.

O anonimato proporcionado pelos vínculos da internet pode ser usado para realizar o bem ou o mal, pois não há como saber quem está do outro lado da tela. Desta forma, qualquer usuário da internet pode criar um perfil falso em redes sociais e conquistar pessoas falando inverdades, utilizando fotos de famosos a seu favor, ou seja, se passando por outra pessoa para violar a segurança e a integridade de outros usuários. Conforme apresentam Figueiredo e Melo (2016)

Podemos encontrar, na internet, outros casos graves que já ocorreram e vem ocorrendo em nosso país, inclusive envolvendo violência sexual, como foi o caso ocorrido em numa cidade do interior de Santa Catarina no ano de 2008: uma adolescente de 15 anos foi abusada por dois rapazes durante uma festa e o abuso foi filmado por um terceiro que postou o vídeo no *YouTube* (p. 138).

Enfatizamos que crianças e adolescentes não são informados, por diversas vezes, sobre o perigo que há nas redes da internet, bem como sobre as pessoas que se escondem por trás de apelidos e fotos falsas para chamar a atenção. Nesse sentido, os riscos que envolvem a sexualidade e o uso indevido da internet podem trazer riscos como a pedofilia, as violências sexuais, violências psicológicas, *cyberbullyng*²⁶, rede de drogas, prostituição, tráfico de pessoas, pornografia e sexo virtual. Duque (2011) adverte que,

Dentre os malefícios apontados pelos especialistas, também se encontram os relacionamentos ao risco de exposição exagerada a pessoas mal intencionadas que podem tirar proveito da ingenuidade do usuário para praticar todo o tipo de violência, inclusive de caráter sexual, tais como assédio sexual, fazer mau uso de fotos para fins pornográficos ou mesmo para praticar *cyberbullyng* através de divulgação sistemática de informações mentirosas e caluniosas a respeito de outro, com o único propósito de prejudicá-lo (p. 128).

As relações entre a internet e a sexualidade na vida do adolescente envolvem as expressões na busca por liberdade, ações de rebeldia, fuga dos estereótipos impostos pela sociedade vigente, modificando as regras para encontrar seu lugar e sua individualidade. Nesse meio, os relacionamentos estabelecidos entre os adolescentes ou entre adolescentes e adultos, são tentativas de encontrar-se em um mundo que não há lugar para ser adolescente. Por isso, o envolvimento emocional, o compromisso, o afeto entre o adolescente e outra pessoa são meios de testar sua sexualidade, formas de descobrir o que é escondido e negado socialmente.

Por isso, ressaltamos a importância da orientação, educação e instrução sobre a utilização da internet e seus perigos, pois a vida virtual é a fuga das dificuldades reais. Desta forma, convém a criação de espaços para o diálogo, conversas e escutas; é preciso aproximação entre os adolescentes e os adultos, pois, os avanços tecnológicos e sociais são inevitáveis, o que precisamos é nos adaptarmos, aceitá-los e pensarmos em uma maneira de utilizá-los sem que nos seja prejudicial.

Duque (2011) apresenta avanços da internet que “embora favoreçam uma maior liberdade de opinião e expressão, estariam dando vazão a fantasias e fazendo com que muitos jovens assumam uma vida virtual paralela com características que realmente não

²⁶ O *cyberbullyng* “[...] é a produção do comportamento de bullying assistido pela tecnologia digital. Qualquer comportamento que comunica repetitivamente mensagens hostis, agressivas, cheias de ódio ou ameaçadoras, com conteúdos sexuais associados ou não, e realizadas por adolescentes ou grupos de pessoas com a intenção de prejudicar ou causar desconforto em outros (abuso psicológico) através da mídia digital ou tecnológica em qualquer forma (EISENSTEIN, 2013, p. 67).

possuem” (p. 128). Os conteúdos e conversas introduzidas por pedófilos e agressores, no mundo virtual, proporcionam respostas e trazem informações sexuais para os adolescentes, os quais estão em momento de descobertas de si e dos outros, conquistando o espaço e a dependência no cotidiano do adolescente.

Os agressores são compreensivos e sempre estão prontos para escutar o adolescente e a principal necessidade do adolescente é ser escutado e compreendido. Por isso, ressaltamos a importância da orientação, educação e instrução sobre a utilização da internet e seus perigos, pois a vida virtual é a fuga das dificuldades reais. Nesse sentido, no que concerne a troca de imagens e vídeos cada vez mais frequente no mundo adolescente corroboramos com Figueiredo e Melo (2016) ao afirmarem que

Sabe-se já que essa prática pode colocar nossas crianças e adolescentes em riscos muito sérios que se relacionam a essa exposição indevida, tais como seu uso por pedófilos e outros usos inconsequentes que podem deixar sequelas tais que podem inclusive levar ao suicídio desses jovens (p. 142).

Desta forma, convém a criação de espaços para o diálogo, conversas e escutas; é preciso aproximação entre os adolescentes e o mundo adulto. Pois, os avanços tecnológicos e sociais são inevitáveis, o que precisamos é nos adaptar, aceitá-los e pensarmos numa maneira de utilizá-los sem que nos seja prejudicial. Concomitante à aceitação, é necessário que nos preparemos para a presença destas novas possibilidades, em que pais e ou responsáveis por crianças e adolescentes estipulem horários e vistorem o que, e de que forma estão utilizando a internet. Os pais ou responsáveis geralmente não sabem o que os adolescentes fazem na internet, bem como os professores, por diversas vezes, desconhecem o que os alunos acessam no ciberespaço.

Destacamos que a produção e divulgação de materiais na internet tornam-se pública e inevitável, “mas cabe ressaltar que é o uso que os seres humanos fazem da tecnologia que pode prejudicá-los e não a tecnologia em si” (FIGUEIREDO & MELO, 2016, p. 142). Sendo assim, ao aprendermos utilizar as mudanças tecnológicas que envolvem a internet, estaremos preparados para usá-las a favor da educação e da orientação dos adolescentes.

A internet é algo natural na vida dos adolescentes do século XXI; eles nasceram em um espaço e em uma sociedade tecnológica e, a partir dos aparelhos eletrônicos, brincam, aprendem, se comunicam e se expressam com o mundo. Dessa forma, é necessário que o adulto saia da zona de acomodação e aprenda a usar as ferramentas a sua disposição, pois a internet é parte do cotidiano da vida humana. Setton (2015)

afirma que “[...] desde muito cedo, a criança aprende a conviver e a conciliar uma variedade de informações e tecnologias passando a acumular conhecimentos não só vindos de seu ambiente próximo – pais, grupos de amigos e ou professores -, mas, sobretudo, produzidos pelas mídias (p. 23).

Assim, é importante evidenciar que o uso do computador com internet realizado pela criança ou adolescente deve estar sob supervisão dos pais, não em seu quarto, com a porta trancada, sem um adulto saber o que faz e com quem conversa. Há necessidade de limites, além da supervisão dos conteúdos vistos e comunicações estabelecidas.

Estabelecer limites e regras bem claros para a convivência saudável na família e também para a utilização dos equipamentos (computadores, telefones, etc.) nos espaços virtuais, inclusive para a entrada e permanência em salas de bate-papo e serviços de mensagens eletrônicas. Cuidados com o envio de fotos e informações particulares e evitar mensagens para pessoas desconhecidas. Cuidado em se expor, lembrar que o espaço virtual não tem volta, e tudo fará parte de sua identidade digital (EISENSTEIN, 2013, p. 69).

Portanto, conforme pontuamos anteriormente, o uso sem controle pode gerar riscos e problemas para a identidade e para a formação do adolescente. O adolescente precisa ser supervisionado e é importante que entenda que os responsáveis por ele estão acompanhando suas atividades virtuais para sua segurança. Nesse sentido, “[...] com o advento da informática, os pais precisam ficar atentos ao aliciamento sexual pela internet. É necessário que dominem essa tecnologia para acompanhar os passos de seu filho *on-line* e protegê-lo” (MONTEIRO, 2009, p. 142).

É importante os papéis sociais estejam esclarecidos, e que cada pessoa realize sua função a fim de formar uma sociedade com conhecimento, permitindo um vínculo em relação à tecnologia, entre diferentes gerações para o uso adequado da ferramenta. Cada fonte de informação estabelecida na internet seja por *sites*, redes sociais, vídeos entre outros, exploram conceitos sobre os temas relacionados à sexualidade. Nesse sentido, também carrega valores, regras, desejos, ideais e outros sentimentos que influenciam na formação da identidade do adolescente enquanto um ser sexual, a forma como se relaciona com o outro e sua visão de mundo e sociedade. Tudo isso gera dúvida sobre quem o adolescente é, a forma como esse modelo de sociedade quer que ele seja e exista.

Temos que pensar sobre o que vemos e ouvimos na internet, porque precisamos ir além das informações oferecidas, interpretar e analisar o que realmente é correto e em que podemos acreditar. Muitos apelos sexuais são disponibilizados através de músicas,

vídeos, filmes, documentários, pornografia, propagandas da moda, anúncios de produtos a exemplo do: anúncio de cervejas, entre outras maneiras que a mídia/internet utiliza para formar opiniões e influenciar os ideais de corpo de homem e de mulher estereotipado pela sociedade. Nesse sentido, corroboramos com Monteiro (2009) ao apresentar que:

Na mídia tudo acontece de modo rápido, não se tem tempo a perder. Vemos na TV e no cinema que o casal se conhece, vai para cama, “transa”, “goza” e ainda fuma um cigarrinho depois. O jovem (e muitos adultos também) pensa que é assim que deve ser. Fica desiludido quando não consegue chegar ao prazer e ao orgasmo (grifos da autora, p. 138).

É importante salientarmos que, por diversas vezes, a mulher é colocada como objeto sexual de desejo nas propagandas, bem com a posição dos homens com poder econômico vantajoso, a exibição de corpo perfeito, no qual mulheres precisam ser magras, lindas, por algumas vezes colocadas nas imagens quase seminuas, e os homens com corpos musculosos, cortes de cabelo da moda, roupas de marca, carros luxuosos, entre outras ações que tornam possível observar a banalização da sexualidade.

No meio virtual temos disponível uma variedade de informações e, por isso, muitas vezes os adultos interpretam que não precisam falar sobre sexualidade, sexo ou Educação Sexual com os adolescentes porque eles têm todas as informações através da internet. Duque (2011) afirma que “muito tem se falado sobre os danos acarretados pela internet na vida dos adolescentes, uma vez que todo o tipo de informação e contatos está acessível e que eles teriam pouco ou nenhum discernimento para julgar se essas informações são de fato confiáveis” (p.127).

Diante de tantas informações no mundo virtual, acabamos esquecendo a diferenciação entre informação e conhecimento, pois não basta o adolescente ser informado; ele precisa ser orientado para que construa o conhecimento sobre a sexualidade e o ciberespaço. As informações podem ser encontradas desde objetos até mesmo em livros, porém para ser conhecimento é necessário o agir e ter significado para os indivíduos. Ou seja, não basta termos as informações, é preciso ação humana, a leitura e a interpretação para que sejam construídos conhecimentos.

Se a informação for tratada, adequadamente e, então, transformada em conhecimento, pode agir e trazer benefícios para os adolescentes façam uso, agregando a identidade destes na sociedade a qual pertence.

Os adolescentes, organizados em identidades que eles querem poder reconhecer sem hesitação, se tornam consumidores ideais por serem um público-alvo perfeitamente definido. A adolescência e suas variantes são assim um negócio excelente. O próprio marketing se encarrega de definir e cristalizar os grupos adolescentes, o máximo possível (CALLIGARIS, 2000, p. 58).

Sendo assim, os avanços da internet, suas imagens e ideais distribuídos ao público desenvolvem relações de necessidade e busca de adequação ao mundo e sociedade em que vivemos. A internet e o seu mau uso por parte dos adolescentes, desenvolvem a crença de que tudo e todos precisam responder imediatamente, ou seja; é preciso estar disponível a todo o momento. Ao demorarem para obter algo que desejam, ficam incomodados e irritados, ansiosos para chegar ao que desejam, o que por diversas vezes gera conflitos e desconforto nas relações sociais. Os adolescentes buscam informações na internet de acordo com o que querem saber, e com o que querem escutar e ver, ou seja; buscam o que é cômodo, o que reafirme suas opiniões e necessidades de autoafirmação.

É importante lembrarmos que há aparelhos celulares cada vez mais completos que possibilitam o acesso à rede de internet a qualquer hora e em qualquer lugar. É também a partir desta ferramenta, o “celular”, que os adolescentes se sentem mais livres, pois colocam senha e podem não disponibilizar aos responsáveis. Assim, faz-se necessária a colocação de limites a partir da educação do adolescente quando oferecer o produto, comunicando-lhe que terá o que quer desde que siga algumas orientações, como, por exemplo, deixar o celular sem senha, ou disponibilizar a senha para a verificação do que utiliza. Monteiro (2009) pontua que

Os limites devem ser dados de forma lúdica, afetiva e firme ao mesmo tempo. A firmeza não exclui a delicadeza. Colocar limites é uma maneira de preservar o vínculo afetivo, tão necessário ao estabelecimento de uma relação de confiança entre pais e filhos (p. 33).

Convém salientar a importância do papel da educação escolar na identidade dos adolescentes, no que se refere ao uso da internet, como meio de informação. Desta forma, embora a internet não eduque, oferece meios de acesso ao conhecimento, o qual precisa da orientação e intervenção do adulto. É possível utilizarmos a internet como uma ferramenta educativa que estimule o intelectual, o raciocínio, o trabalho em grupo, o respeito a si e ao outro, a pesquisa na escola, a imaginação (e sendo assim, a sexualidade em sua essência) e o desenvolvimento de atividades sobre o conteúdo

pesquisado. Podemos nos apropriar e fazer o uso de forma positiva e pedagógica dos conteúdos disponíveis na internet, nos adequando às necessidades da nova geração de adolescentes digitais.

Em meio a todas as reflexões e hipóteses, é necessário nos atermos a um fato: os jovens brasileiros precisam lidar com o desejo de conexões sociais frente às responsabilidades e às consequências vindouras por expor dados pessoais na Internet. Isto deve ser feito para que a decorrência desta exposição não lhes seja prejudicial (CARELLI, 2011, p. 126).

Não temos e nem devemos negar a internet e suas possibilidades no campo educacional, pois vivemos em um mundo digital, o qual possibilita modificações e traz benefícios para a vida humana e para o desenvolvimento de sua identidade se for utilizada de forma responsável. Nesse sentido, a família e a escola são responsáveis pela educação, condução e orientação do adolescente para o uso da internet, desenvolvendo a responsabilidade sobre o espaço cibernético.

Devemos ensinar aos adolescentes que é importante ler, analisar e julgar o que está disponível na internet, separando o que é bom e ruim para ele; daí a importância da observação e supervisão dos responsáveis sobre o que o adolescente vem acessando e fazendo no mundo virtual. Figueiró (2006) afirma que:

[...] as ações que podem levar à transformação compreendem as que estão voltadas para a construção da liberdade sexual, no sentido de poder viver a sexualidade livre de sentimento de culpa e de opressão social. São também as ações que contribuem para banir o autoritarismo sexual, eliminando os preconceitos sexuais, as desigualdades e a violência sexual (p. 40).

Escola e família devem ser parceiras na condução do adolescente, na utilização e vivência do mundo virtual e suas possibilidades e perigos. É necessário estimular o bom uso da internet, aquele com responsabilidade, que entenda os riscos e consequências que podem trazer ações no mundo virtual, que refletem no mundo real. Conforme nos ensina Figueiredo e Melo (2016)

Essas mudanças das relações entre os adolescentes e o contexto atual onde vivem, permeadas por um uso acrítico das mídias e das redes sociais, apontam para a necessidade urgente da construção de processos de orientação sistemática intencional de adultos nessas relações bem como para a necessidade de práticas permanentes de intervenção nos espaços educativos junto aos profissionais da educação, aos discentes e suas famílias, buscando auxiliar na

prevenção desses riscos de exposição indevida e suas sérias consequências para nossas crianças e adolescentes (p. 129).

Desta forma, não defendemos a proibição do uso da internet no espaço escolar, mas uma formação para pais e professores de como orientar os adolescentes sobre seu uso. Podemos fazer o uso da ferramenta na educação escolar, ou seja, a partir do que os adolescentes já estão acostumados a ver no mundo virtual e utilizar na sala de aula para compreensão dos conteúdos de Educação Sexual.

É possível desenvolver aulas que utilizem os recursos dispostos na internet para construção do conhecimento sobre o conteúdo estudado em sala, sugerindo pesquisas que estimulem a capacidade dos adolescentes, em adquirir informações e transformá-las em conhecimento. A internet possibilita a interação entre adolescentes e professores no espaço escolar, o que auxilia nas relações saudáveis e de respeito mútuo. Neste sentido, é possível a interação e troca de informações e conhecimentos entre adolescentes e professores e entre adolescentes e adolescentes.

É necessário que o professor busque caminhos e pesquisas para entender o uso da internet como ferramenta para seu trabalho, mostrando ao adolescente a importância deste recurso presente no cotidiano da sociedade contemporânea, buscando entender qual a compreensão do adolescente sobre Educação Sexual e de que forma esta se faz presente no uso da internet como ferramenta no dia a dia dos adolescentes. Como já afirmamos, a internet está presente em todos os lugares nos dias de hoje, o que possibilita diferentes formas de construir e transmitir conhecimentos.

Conforme ensinam Schoninger e Sartori (2016) “a internet possibilita a socialização de leituras e escritas de todas as pessoas conectadas no espaço digital, o ciberespaço”, bem como, “a cibercultura, decorrente do ciberespaço, promove alterações nas relações com o saber, amplia as funções cognitivas como a imaginação, por exemplo, que se enriquece com as interações nas realidades virtuais” (p. 56).

Sendo assim, com todas as mudanças nas relações entre o conhecimento e a internet é necessário que, nós educadores, nos preocupemos em como está sendo trabalhada nas escolas, considerando que há o uso da ferramenta dentro e fora da sala de aula, a qual pode possibilitar maior comunicação entre professores e adolescentes nos processos de ensino e aprendizagem.

O que transforma a internet e as tecnologias em ferramentas de trabalho na Educação Sexual é a maneira com que são tratadas as informações e conteúdos dispostos nesse espaço, a forma e avaliação que é realizada de cada imagem, escrita, vídeo que há livre acesso para o público, acessado também pelos adolescentes.

No processo de Educação Sexual, o diálogo é de suma importância para construir conhecimentos a partir da troca de experiências entre adolescentes e professores. Nesse processo de Educação Sexual realizada com o apoio da internet, o professor se torna um organizador, potencializador, facilitador e disseminador de conhecimentos para com seus alunos adolescentes, proporcionando a participação de todos na construção do conhecimento conforme a realidade do contexto do grupo.

Nesse sentido, corroboramos com Guimarães (2002) ao colocar que a psicanálise pode contribuir no trabalho do educador sexual, pois lhe proporciona a compreensão da maturação afetiva concomitantemente ao desenvolvimento intelectual, ou seja, que ambos devem ser respeitados e compreendidos para assimilar o processo da Educação Sexual, o que leva o adolescente à compreensão de sua sexualidade oportunizando a autocompreensão que influencia no processo de aprendizagem escolar. Assim, a internet pode facilitar o diálogo entre professor e aluno, para compreender a sexualidade e auxiliar no desenvolvimento das aulas independente da disciplina trabalhada para a construção de conhecimentos.

Para o uso da internet como uma ferramenta pedagógica de interação entre professor e adolescente, visando à construção de conhecimento no espaço escolar, não basta investir na infraestrutura para possibilitar seu acesso; é preciso a promoção de formação para os professores, conscientização dos pais para que consigam orientar os adolescentes, desenvolvendo um trabalho para a utilização da ferramenta com segurança. O espaço escolar precisa ser um local de troca de conhecimentos que valorize a realidade vivida por cada adolescente, oportunizando discussões e troca de experiências no ambiente educativo, contribuindo para a educação de adolescentes com pensamentos críticos e ativos na sociedade vigente.

II - Método: fundamentação teórico-metodológica da pesquisa

*Dentro de mim
Uma reza uma certeza
Um canto-correnteza
Que me leva a ti
A te explicar que a dor
Talvez venha nos visitar
E se assim for
Eu hei de ensinar
Por todos os cantos
Há um canto escondido
Querendo explodir
Querendo gritar
Coração querendo ser ouvido
Deixa ser
Deixa nascer
Deixa a roda girar (seja por amor)
Na alegria
Na tristeza
Vem comigo ser meu par (seja como for)
Deixa ser
Deixa nascer
Deixa a roda girar (seja por amor)
Na alegria
Na tristeza
Vou contigo ser seu par*

*"Deixa Ser"
O Teatro Mágico*

Por ser uma pesquisa de aporte qualitativa, este capítulo aborda o caminho percorrido, ao longo da pesquisa, desde a escolha do método, tipo de pesquisa, metodologia utilizada, bem como realizamos a coleta dos dados nas pesquisas bibliográfica e de campo. É importante lembrar que no processo de pesquisa há possibilidades de encontrar obstáculos para a execução de uma ou mais etapas, assim é imprescindível seguir o método escolhido, que nos permite transitar durante a pesquisa sobre os passos a serem seguidos.

Consideramos de suma importância que neste tipo de pesquisa qualitativa sejam apresentados cada passo desenvolvido para caracterizar o método e a abordagem da pesquisa escolhidos. Pesquisa que inclui adolescentes e professores do Ensino Médio, de colégios públicos, da rede estadual de ensino em Francisco Beltrão - PR.

2.1 Abordagem e o Tipo de Pesquisa

Buscando compreender um pouco mais sobre o processo de pesquisa, Freire (1978) destaca que estudar é uma tarefa árdua, que exige disciplina intelectual, destaca ainda que “estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu” (p. 10). O pesquisador deve sentir-se envolvido e provocado pela pesquisa, para então, compreender o significado e a importância do caminho a ser trilhado na busca pelo conhecimento. “Estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las” (FREIRE, 1978, p.12).

Nesse sentido, destacamos que o problema central da pesquisa quis elucidar “em que medida a internet pode viabilizar a Educação Sexual Emancipatória dos adolescentes do Ensino Médio em colégios estaduais públicos do município de Francisco Beltrão - PR?”. Este questionamento central nos levou a pensar em uma perspectiva dialética sobre a importância da construção histórica das temáticas abordadas na pesquisa até os dias atuais.

Nosso referencial teórico é, portanto, o materialismo histórico-dialético, definido por Triviños (2006) como “[...] a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade” (p. 51). Ou seja, o autor explica que esta base filosófica possibilita a busca por explicações coerentes, lógicas e racionais tanto para fenômenos da natureza, da sociedade quanto do pensamento.

Ancoradas nessa corrente filosófica, desenvolvemos neste trabalho uma pesquisa do tipo bibliográfica e de campo. Estivemos pautadas no entendimento de Gil (2002), e assim compreendemos que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p. 44), considerando também que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 2002, p.45).

No que se refere à pesquisa de campo no espaço educativo, segundo Beaud (2014), ela requer a “importância de um rigor muito grande na maneira pela qual os resultados são registrados, as anotações, tomadas, e as entrevistas, efetuadas e registradas” (p. 94). Na pesquisa de campo, nosso instrumento de coleta de dados foi por meio dos questionários (apêndices 07 e 08) com perguntas abertas e fechadas, assim, corroboramos com Triviños (2006) ao afirmar que

As perguntas do *questionário aberto* devem ser poucas: entre duas e cinco interrogativas são suficientes. Não esqueçamos que os respondentes deverão, geralmente, escrever suas ideias, o que exigirá deles tempo e esforço. O número limitado de perguntas obriga o investigador a um trabalho cuidadoso em extremo. Com efeito, as investigações propostas ao sujeito, além de serem claras, precisas e expressas numa linguagem natural, adequada ao ambiente no que se realiza a pesquisa, devem apontar os assuntos medulares do problema (grifos do autor, p. 171).

Desta forma, delimitamos dois questionários, pois eram diferenciados para professores e adolescentes, no entanto, ambos continham dez (10) questões, dividindo-se entre fechadas e abertas. Salientamos que todas as perguntas poderiam ter mais de uma opção e/ou resposta escolhida pelo participante.

Os participantes escolheram codinomes para serem apresentados na pesquisa, assegurando sigilo à sua identidade. Após a coleta, organizamos os dados obtidos a partir dos questionários por categorias, de acordo com os objetivos da pesquisa. Essa organização inicial “é um trabalho árduo e, numa primeira etapa, mais ‘braçal’ do que propriamente analítico” (DUARTE, 2002, p. 151). Na sequência, os dados foram analisados seguindo o referencial teórico metodológico do materialismo histórico-dialético.

Nesse sentido, compreendemos que para alcançar os resultados e objetivos propostos, não é possível dissociá-los do referencial teórico metodológico escolhido. Assim, o materialismo histórico-dialético foi utilizado na presente pesquisa, por possibilitar a apreensão da realidade humana a ser estudada e pensada em seus aspectos diversificados. Segundo Triviños (2006)

[...] pode-se dizer que a *concepção materialista* apresenta três características importantes. A primeira delas é a da *materialidade do mundo*, isto é, todos os fenômenos, objetos e processos que se realizam na realidade são materiais, que todos eles são, simplesmente, aspectos diferentes da *matéria em movimento*. A segunda peculiaridade do materialismo ressalta que a *matéria é anterior a consciência*. Isto significa reconhecer que a consciência é um reflexo da matéria, que esta existe objetivamente, que se constitui numa realidade objetiva. E, por último, o materialismo afirma que o *mundo é conhecível*. Esta fé na possibilidade que tem o homem, de conhecer a realidade, se desenvolve gradualmente (grifos do autor, p. 52).

Desta forma, destacamos também que o método contribui para a compreensão da realidade econômica, política, social e cultural envolvida na pesquisa, colaborando para o campo da educação. Assim, para desenvolver a pesquisa optamos pela abordagem qualitativa, com base metodológica no materialismo histórico-dialético. Ressaltamos,

que para realizar uma pesquisa qualitativa, entendemos que esta tem 03 grandes etapas descritas por Alves (1991) “[...] a) período exploratório; b) investigação focalizada; e c) análise final e elaboração do relatório” (p. 58).

A primeira fase é a exploratória que possibilita um olhar geral sobre o problema, permitindo que o pesquisador realize uma imersão no contexto a ser estudado. Já a segunda parte, a investigação focalizada inicia-se a sistematização de dados, no qual em nossa pesquisa, realizaremos a imersão ao campo para aplicar os questionários e realizar as entrevistas. E, finalmente, na terceira fase, a de análise final e elaboração do relatório, é possível destacar que os elementos coletados no decorrer da pesquisa serão feitas de maneira minuciosa ao longo de todo o trajeto, com o intuito de não perder ou alterar dados obtidos no processo. E, destacamos que nesta abordagem qualitativa da pesquisa, não é possível prever todo o processo a ser percorrido, mas algumas fases já pensadas para a realização da mesma, as quais poderão sofrer mudanças ao longo do caminho.

Desta forma, corroboramos com Duarte (2002) no que concerne às definições de uma pesquisa de abordagem qualitativa, destacando que:

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado a priori – tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. Enquanto estiverem aparecendo “dados” originais ou pistas que possam indicar novas perspectivas à investigação em curso as entrevistas precisam continuar sendo feitas (p. 143-144).

Neste sentido, o autor Gil (2002) também aborda que na pesquisa qualitativa, “[...] o conjunto inicial de categorias em geral é reexaminado e modificado sucessivamente, com vista em obter ideais mais abrangentes e significativos. [...] necessita-se valer de textos narrativos, matrizes, esquemas etc.” (p. 134). De acordo com as definições apresentadas por diferentes autores, partimos da pesquisa com abordagem qualitativa, centralizando a busca de dados a partir dos questionários durante o processo.

A abordagem chama a atenção pela flexibilidade durante o percurso da pesquisa, conseguindo adequar-se ao longo do processo às categorias e ao número de indivíduos participantes, para realizar um trabalho que busque respostas e informações significativas, demonstrando a importância da pesquisa para o campo da educação. E também é uma pesquisa baseada na realidade, no cotidiano escolar do município, no

desenrolar histórico das temáticas abordadas, com o intuito de realizar um trabalho de acordo com a base teórica-metodológica escolhida.

Neste modelo de pesquisa que escolhemos, o pesquisador tem o dever de trabalhar, esmiuçar os dados obtidos, para chegar aos resultados, as ações, as entrelinhas que não estão visíveis a um primeiro olhar sem critério metodológico. Por isso é um trabalho lento, que depende de um tempo e de orientações teóricas para ser desenvolvido e assim interpretar e relacionar os dados, reagrupando-os construindo as significações que dialoguem com o referencial teórico utilizado.

Com base no enfoque teórico e tipo de pesquisa, elencamos a análise de conteúdo como base de interpretação dos dados apresentada por Bardin (1997) de acordo com três polos: pré – análise; exploração do material e, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A pré –análise, é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. [...] A exploração do material: se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas. Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efetuadas pelo ordenador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente. Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas. [...] Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos («falantes») e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise fatorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise (p. 95 e 101).

Logo, vale lembrar que a análise de conteúdo é uma técnica recente, que aparece no século XX e vem sendo utilizado de forma crescente para analisar dados de pesquisas em diferentes áreas, como: educação, saúde, administração, etc. Nos últimos anos, a técnica vem ganhando espaço em pesquisas qualitativas, pois apresenta preocupação com o rigor científico, bem como com a profundidade das pesquisas. Diante do exposto, podemos considerar que a análise de conteúdo tem o objetivo de ir além das dúvidas, enriquecendo os trabalhos a partir da leitura dos dados coletados. Nesse sentido, a análise de conteúdo possibilita uma elaboração esquemática que torna este método mais claro, diminuindo o grau de dificuldade e imprecisão na apresentação dos dados. Bardin (2004) conceitua a análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 37).

Assim, destacamos que os dados coletados só terão sentido quando trabalhados de acordo com a técnica escolhida, no nosso caso, a análise de conteúdo. Esta técnica exige atenção, paciência, tempo e principalmente dedicação por parte do pesquisador, ao passo que ele precisa utilizar sua imaginação, intuição, criatividade, disciplina e rigor para definir as categorias a serem analisadas. Para Minayo (2001), a análise de conteúdo é “compreendida muito mais como um conjunto de técnicas” (p. 74), ou seja, é análise de informações e do comportamento humano, verificando as hipóteses e descobertas que estão além dos conteúdos apresentados.

A técnica de análise de conteúdo é utilizada para descrever e interpretar os dados coletados durante a pesquisa, seja por meio de documentos, textos, entrevistas, entre outros. Essa conduz a descrição e sistematização qualitativa e quantitativa, o que auxilia o pesquisador na interpretação dos dados obtidos, para compreender o amplo significado das mensagens para além da simples leitura realizada de maneira comum. É uma técnica que nos permite ir além das escritas, perceber as entrelinhas e as reticências presentes nas respostas de cada questionário respondido. Neste sentido, é de fundamental importância a presença constante do orientador para com o orientando, pelo conhecimento e intervenção junto ao pesquisador no desenvolvimento da pesquisa.

Salientamos que segundo Bardin (2009) “nem todo o material de análise é susceptível de dar lugar a uma amostragem, e, nesse caso, mais vale abstermo-nos e reduzir o próprio universo (e, portanto, o alcance da análise) se este for demasiado importante” (p. 123). Assim, a partir da análise de conteúdo e, seguindo os passos elencados acima, realizamos a seleção dos dados imprescindíveis para nossa pesquisa, nos preocupando diretamente com as mensagens trazidas pelos pesquisados, ou seja, como foi a recepção deles acerca das perguntas de acordo com as respostas dadas.

Neste sentido, nem sempre as palavras escritas pelo pesquisado estão trazendo a resposta que ele gostaria de ter colocado, ou seja, aí estão as entrelinhas. Daí a importância de analisar os dados e reestruturá-los para cruzar as respostas e chegar ao objetivo da pesquisa. O trabalho de análise de conteúdo deve ser uma união entre os objetivos da pesquisa e os dados apresentados pelos pesquisados, os quais são trabalhados pelo pesquisador. Ressaltamos a importância de considerar o contexto

social e histórico em que os dados foram coletados, interpretando-os conforme indica o tipo e método de pesquisa.

Esta técnica de análise proporciona o trabalho com os dados obtidos na pesquisa para além da mera descrição, mas há um aprofundamento, cruzando os dados com as teorias de diferentes concepções e visões de mundo, ou seja, entrelaçar os dados que são situações concretas com as teorias que influenciam práticas. É possível, desta forma, a visualização dos dados a partir dos contextos sociais e históricos em que foram coletados e analisados, possibilitando a construção de conhecimento com bases teóricas adequadas à análise realizada.

Portanto, destacamos a importância dos professores e adolescentes que participaram da pesquisa, nos proporcionando os dados para dar ênfase aos objetivos da pesquisa. Destacamos que é imprescindível seguir os passos supracitados para a análise de conteúdo dos dados coletados na pesquisa de campo, os quais estão expostos, no decorrer do terceiro capítulo desta dissertação. No próximo ponto, temos a apresentação da delimitação do objeto de estudo e os procedimentos que adotamos para coleta de dados bibliográficos e de campo.

2.2 Delimitação do objeto de estudo e procedimentos para a coleta de dados

*Dentro de mim
Uma reza uma certeza
Um canto-correnteza
Que me leva a ti
A te explicar que a dor
Talvez venha nos visitar
E se assim for
Eu hei de ensinar
Por todos os cantos
Há um canto escondido
Querendo explodir
Querendo gritar
Coração querendo ser ouvido
Deixa ser
Deixa nascer
Deixa a roda girar (seja por amor)
Na alegria
Na tristeza
Vem comigo ser meu par (seja como for)
Deixa ser
Deixa nascer
Deixa a roda girar (seja por amor)
Na alegria
Na tristeza
Vou contigo ser seu par*

*"Deixa Ser"
O Teatro Mágico*

“Conquanto árduo e solitário, o processo de pesquisar é também desafiador, pois a paixão pelo desconhecido, pelo novo, pelo inusitado acaba por invadir o espaço do educador, trazendo-lhe alegrias inesperadas” (FAZENDA, 1991, p.70). Durante o processo de realização da pesquisa, trilhamos alguns caminhos movidos por um turbilhão de sentimentos com encontros e desencontros, chegadas e partidas, presenças e ausências, dúvidas e certezas, contradições e convicções, ganhos e perdas, acolhidas e recusas, enfim, foi um período de grande crescimento pessoal e profissional, recheado de diálogos e reflexões.

Salientamos que os nossos descritores permeiam o nosso trabalho como um todo, enquanto nossas categorias de análise foram formadas a partir desdes e conforme a necessidade encontrada na realização da pesquisa. No primeiro momento, para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica, buscamos teses e dissertações produzidas

nos programas de pós-graduações *strictosensu* das Universidades Estaduais do Paraná. A partir destas instituições, realizamos um levantamento das pesquisas já concluídas que apresentavam as nossas categorias de análise: Internet e Adolescência, Adolescência e Sexualidade, Adolescência e Educação Sexual e Sexualidade e Educação Sexual. Ressaltamos que, em virtude do curto espaço de tempo para a realização do mestrado – dois anos, bem como, por estudarmos em uma das Universidades Estaduais do Paraná, delimitamos realizar a pesquisa bibliográfica apenas nas Universidades Estaduais do Estado do Paraná, nas quais, utilizamos o recorte dos trabalhos produzidos entre os anos de 2005 a 2015, um interstício de dez anos retroativos ao ano que iniciamos a pesquisa.

As universidades pesquisadas foram sete (07): Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Estadual de Maringá (UEM); Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO); Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP); Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Para ter acesso aos trabalhos desenvolvidos (teses e dissertações), em todas as universidades, fizemos um cadastro para ter acesso e para poder realizar os *downloads* para leitura.

Realizamos a busca e seleção dos trabalhos nos acervos digitais de acordo com as categorias de análises, citadas anteriormente. Para realizar esta busca, salientamos que acessamos o acervo de cada instituição e programa de pós-graduação *stricto sensu*, digitando no campo de busca as categorias de análise, após esse levantamento de dados, foi possível selecionar os trabalhos relacionados às nossas categorias. Nessa etapa, verificamos alguns elementos como título, resumo, introdução e conclusão dos respectivos trabalhos.

Ao efetuar o levantamento das produções acadêmico-científicas, encontramos dezessete (17) dissertações e teses, porém, como veremos no item a seguir não estavam, diretamente, relacionadas ao objeto da nossa pesquisa: a influência da internet na construção da sexualidade dos adolescentes do Ensino Médio, mas, por outro lado dialogavam com as categorias de análise elencadas nesta pesquisa. Como já mencionamos acima, no próximo item faremos a exposição do estado da arte da revisão bibliográfica, apresentando as tabelas com as respectivas informações das teses ou dissertações selecionadas.

Para o início da realização da pesquisa de campo, nos dirigimos ao Núcleo Regional de Educação do Município, visando a explanação do projeto de pesquisa para realizar a busca por dados dos colégios, bem como a autorização para adentrar nas

instituições elencadas; nesse sentido, em conversa com os responsáveis pelo núcleo, obtivemos a aceitação da pesquisa e autorização para sua realização.

Em virtude do curto tempo para a realização da pesquisa de campo, bem como, para não atrapalhar na rotina das instituições, que já estavam ameaçadas por conta dos processos de greve que ocorreram durante o ano de 2015 e, também pelo número de pesquisas e estágios que são desenvolvidas nestes espaços pelos acadêmicos das universidades, elegemos quatro (04) colégios. Assim, elencamos como critério os colégios com maior número de alunos, visando também, trazer para a discussão os diversos contextos sociais, conforme a realidade vivida pelos adolescentes no espaço escolar.

Desta forma, consideramos dialeticamente as diferentes realidades dos colégios participantes da pesquisa. O Colégio 01 fica localizado em um bairro da cidade que recebe alunos considerados da “periferia” do município; o colégio 02 atende a diferentes públicos de alunos e proporciona a modalidade de formação técnica para o mercado e trabalho; o colégio 03 está localizado no centro da cidade e atende os alunos com uma realidade social diferente dos demais colégios, pois são alunos oriundos de uma classe social mais alta que os outros e, o colégio 04, que atende uma gama de alunos de diferentes realidades, entre elas os alunos das comunidades do interior do município, proporcionando aos alunos além da formação regular de Ensino Médio, alguns cursos de Educação Profissional. Na tabela a seguir, podemos observar o número quantitativo dos respectivos colégios.

TABELA 01: dados dos colégios elencados para a realização da pesquisa.

COLÉGIO	COLÉGIO 01	COLÉGIO 02	COLÉGIO 03	COLÉGIO 04
Nº Geral de Turmas	58	57	46	40
Nº De Turmas Ensino Médio	18	35	15	18
Nº Geral de Alunos	1434	1370	1155	1012
Nº de Alunos do Ensino Médio	484	941	526	519

Após a seleção dos colégios, realizamos a primeira visita nas instituições, para apresentação da pesquisa, bem como ver a disponibilidade destas para a participação da coleta de dados. Nesse sentido, elencamos questionários semiestruturados como instrumento de coleta de dados em campo (apêndices 07 e 08). Ressaltamos que em

virtude do tempo que tínhamos para realizar a coleta dos dados buscamos um bom instrumento para nós e para os participantes, pois, como já citado, os colégios estavam passando por momentos de reorganização – em virtude das greves e paralizações, não dispo de um tempo suficiente para entrevistas individuais e mais demoradas.

Evidenciamos que, a escolha deste instrumento de coleta de dados se adequou à busca das informações das quais precisávamos. Pois, os questionários foram utilizados para obtenção de dados específicos sobre a pesquisa – como se pode observar nos apêndices 07 e 08, proporcionando coletar as informações precisas para posteriormente realizarmos a discussão e apresentação dos dados obtidos.

Desta forma, corroboramos com Gil (2002) ao dizer que “por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado” (p. 114). Sendo assim, Gil (2002) e Lakatos (2003) orientam que o participante deverá responder por escrito as perguntas abertas, em um tempo razoável, disponibilizado pelo pesquisador, o qual na sequência realiza a análise das respostas obtidas. De acordo com os autores supracitados, realizamos a pesquisa, dispo de o tempo necessário para que cada participante respondesse o seu questionário.

Em todas as escolas fomos recebidas pelos diretores e/ou equipe pedagógica. Nesse sentido, as recepções nas escolas ocorreram de diferentes formas: destacamos que uma das instituições resistiu bastante, mas no final resolveu participar, porém dizendo que não poderia fazer nada se as pessoas não quisessem participar, que não podíamos ter muitas expectativas sobre um número grande de participantes; outra demorou algum tempo para disponibilizar os questionários para sabermos o número de participantes; na outra recepcionaram e logo depois retornaram os documentos dos participantes; a última nos recebeu prontamente, ressaltando ainda que seria ótimo fazer o trabalho com todos os alunos e professores da escola.

Como é possível observar acima que, em cada uma das instituições, tivemos um acolhimento diferenciado da nossa pesquisa, ressaltamos que em meio a essas contradições perpassam alguns elementos fundamentais; alguns deles descritos em nossa pesquisa, porém alguns, por questões éticas, não aparecem no trabalho.

Destacamos a importância deste primeiro contato com a direção da escola para apresentação da pesquisa, bem como a explanação da sua realização; iniciando um diálogo sobre um tema que ainda sofre por conta dos tabus sociais. Ainda neste primeiro contato, entregamos para cada colégio 20 questionários para alunos (apêndice 07) e 20 questionários para professores (apêndice 08). Solicitamos aos responsáveis, com quem conversamos, que realizassem a distribuição de acordo com a realidade e interesse dos

indivíduos por participar da pesquisa e que, se necessário, traríamos um número maior de documentos e fichas de perfil de identificação do participante (apêndice 06); para que todos os interessados pudessem, assim, fazer parte da pesquisa.

Na ocasião, junto aos questionários entregamos os documentos para serem assinados com vistas à efetivação da participação. Para os professores: termos de consentimento (apêndice 03) e ficha de perfil de identificação do participante (apêndice 06); para os adolescentes: termo de consentimento do responsável – para os menores de idade, (apêndice 05), termo de assentimento do adolescente (apêndice 04) e também a ficha de perfil de identificação do participante (apêndice 06).

Nos termos de consentimento havia informações sobre a pesquisa, dentre elas o objetivo a ser alcançado, assim solicitamos a autorização para utilizar os dados obtidos nos questionários, bem como colocamos o nome e telefone para contato com a pesquisadora. Desta forma, marcamos um segundo encontro para recolher os documentos assinados e marcar as datas de aplicação dos questionários com os participantes.

O número de questionários disponibilizados nos colégios foi de 160 (80 para professores e 80 para alunos/adolescentes), destacamos que deixamos à disposição para que se mais pessoas se interessassem em participar disponibilizaríamos as documentações. Assim, conforme já citamos que de acordo com o autor Duarte (2002) em uma pesquisa de tipo qualitativa, o número de indivíduos participantes dificilmente pode ser estabelecido anteriormente, e pode ser modificado com o tempo e necessidade.

Durante esse processo de coleta de dados, passamos por vários momentos de idas e vindas nas escolas, o que resultou um total de sessenta e cinco (65) participantes, dos quais vinte e dois (22) professores e quarenta e três (43) adolescentes – distribuídos entre as quatro séries do Ensino Médio Regular e Profissional²⁷. Ao avaliarmos o número de questionários que conseguimos recolher, salientamos que alguns elementos intervirem nesse processo, uma vez que, como já destacado em outros momentos, no ano de 2015 houve greve nos colégios estaduais, o que dificultou o número de participantes da pesquisa. Ao chegarmos às instituições, havia poucos professores. Bem como, tivemos dificuldade para retirar os alunos das salas de aulas para participar da pesquisa, em virtude das aulas ainda estarem em processo de (re)organização.

Levando em consideração as limitações impostas pelo contexto sócio-político, buscamos nos adaptar conforme a realidade vivenciada nesse período, para que todos

²⁷ Ao nos referirmos as séries que abrangem o Ensino Médio colocamos quatro (04), pois o ensino Regular vai de primeira à terceira série, enquanto o Profissional abrange de primeira à quarta série.

pudessem participar, principalmente no caso dos professores, os quais tinham horários diferenciados de planejamento, uma vez que este foi o horário escolhido por todos os professores para responder o questionário.

Os questionários estiveram contemplados por dez (10) questões cada, sendo diferenciadas para os professores e para os adolescentes, pois seguiam os nossos objetivos para coletar os dados necessários com cada participante em posicionamentos diferentes dentro do ambiente escolar. As perguntas estiveram centralizadas nas temáticas: internet e sexualidade no espaço escolar; importância da internet no cotidiano do colégio; temas trabalhados sobre sexualidade na instituição; importância da internet na sexualidade do adolescente.

A maioria das aplicações dos questionários foi realizada nos colégios. Apenas dois professores responderam fora deste espaço; um por não conseguir atender nos horários marcados por algumas vezes, dispondo-se a ir até a UNIOESTE para responder o questionário e, outro em sua casa porque estava afastado do colégio naquele momento. Nos colégios, a conversa com os professores e o preenchimento do questionário aconteceu na sala dos professores; já, com os adolescentes, variaram entre sala de aula, sala de vídeo e biblioteca. Todos os encontros foram pré-agendados, porém em alguns casos ainda tivemos problemas de mudança de horários de aulas, aplicação de provas, atestado por parte dos adolescentes, mas em todos os casos foram remarcados para que todos pudessem participar da pesquisa.

Salientamos que a aplicação dos questionários foi realizada por nós, acompanhamos todo o processo de preenchimento. Com os adolescentes realizamos a aplicação em grupos, orientando para a necessidade de respostas conforme o conhecimento que dispunham, sem se preocupar com o que iríamos achar sobre as respostas, pois os questionários eram anônimos e o que nos importava era a resposta e não quem havia respondido. Nesse sentido, destacamos que todos os participantes foram compreensivos e não encontramos problemas para a realização da coleta de dados.

Destacamos ainda que, durante o preenchimento dos questionários, nos foram feitas perguntas sobre a temática pesquisada, entre elas a diferença de sexo e sexualidade. Pacificamente informamos que não poderíamos responder enquanto estivessem respondendo às perguntas para não influenciar nas respostas, mas que após a entrega do questionário respondido, poderíamos esclarecer eventuais dúvidas e/ou curiosidades referentes a qualquer questão, e assim foi feito.

Em todos os encontros realizados para a aplicação dos questionários com os adolescentes e professores explicamos sobre o que estávamos pesquisando e o que

pretendíamos com os questionários, bem como, destacamos a importância da participação de cada um para o desenvolvimento da pesquisa. E após as aplicações, conversávamos sobre as perguntas feitas, estabelecendo um diálogo e tirando as dúvidas existentes.

Assim, ao realizar essa etapa, destacamos a importância do ir a campo para enriquecer a pesquisa, identificando, a partir dos questionários preenchidos, por cada participante, suas dúvidas, angústias e opiniões, pois a pesquisa é sobre o campo escolar, uma vez que, são os indivíduos pesquisados que estão nesse espaço cotidianamente, ou seja; para falar sobre eles precisamos saber qual o seu conhecimento sobre o objeto pesquisado.

No tópico seguinte, estão apresentados os resultados obtidos através da pesquisa bibliográfica, as tabelas ilustram o panorama das produções selecionadas nos programas das Universidades Estaduais do Paraná, no que concerne a pesquisas concluídas de mestrado, bem como apresentamos um recorte de cada pesquisa para mostrar ao leitor a importância de cada uma para o campo de pesquisa que envolve a sexualidade, adolescência, internet e Educação Sexual.

2.3 Produções Acadêmico-Científicas nas Universidades Estaduais no Paraná

Neste tópico, apresentaremos os resultados da busca bibliográfica nas Universidades Estaduais do Paraná. Enfatizaremos, neste momento, apenas um recorte das pesquisas em virtude do foco do nosso trabalho. Para isso, apresentaremos na sequência um recorte das Universidades Estaduais do Paraná nos Programas de Pós-graduação *stricto sensu* no interstício de 2005 a 2015 – retroativa ao início desta pesquisa.

As questões referentes à sexualidade, adolescência e à Educação Sexual vêm sendo pesquisadas em alguns Programas de Pós-graduação, as quais encontram-se as tabelas com as descrições de cada uma conforme as categorias pesquisadas:

TABELA 02: Internet e Adolescência²⁸

TÍTULO	Educação, sexualidade e divulgação científica: estado da arte das publicações da área 46 da Capes.		
ANO	2012	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	SILVA, Marcia Daiane da.		
PROGRAMA	Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática		
EIXO PRINCIPAL	Conhecer como se estabelece o debate entre os termos Educação Sexual e orientação sexual encontrados nas publicações da área 46 da CAPES.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Maringá-UEM		
TÍTULO	O blog na sala de aula e a sala de aula no blog: posts e comentários como ferramentas de ensino-aprendizagem da escrita.		
ANO	2011	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado.
AUTOR	LIMA, Lorena Izabel.		
PROGRAMA	Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras		
EIXO PRINCIPAL	Descrição da transposição didática feita por meio do uso de <i>blogs</i> enquanto ferramenta de interação.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Maringá- UEM		
TÍTULO	Construção social do conceito de adolescência e suas		

²⁸ Destacamos que o modelo de tabela utilizada foi retirado da seguinte tese: SILVA, Ricardo Desidério. Educação Audiovisual da Sexualidade: olhares a partir do Kit- Anti-Homofobia, 2015.

	implicações no contexto escolar.		
ANO	2013	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	MELO, Marcia Cristina Henares de.		
PROGRAMA	Mestrado em Educação.		
EIXO PRINCIPAL	Estudo da construção social do conceito de adolescência, bem como suas implicações no contexto escolar, tendo por base a percepção de professores e alunos.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG		
TÍTULO	Discursos em circulação no espaço virtual: a produção de sentidos acerca da educação do sujeito criança/adolescente		
ANO	2015	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	CASTRO, Lucimara Cristina de.		
PROGRAMA	Programa de pós-graduação em letras: mestrado		
EIXO PRINCIPAL	Discutir as formas de influência da internet nos modos de sentido e a observação de diferentes materialidades que circulam no e-espço no que concerne ao projeto de lei conhecido como “Lei da Palmada”.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO		
TÍTULO	O uso pedagógico do computador e da internet		
ANO	2015	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	VANZ, Gerson.		
PROGRAMA	Programa de pós-graduação <i>stricto sensu</i> em Geografia- Nível Mestrado.		
EIXO PRINCIPAL	Investigar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas aulas de Geografia, mais especificamente do computador e internet.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.		
TÍTULO	Discursos e expressões: uma cartografia da adolescência contemporânea		
ANO	2014	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	BERTÉ, Rosane.		
PROGRAMA	Programa de pós-graduação <i>stricto sensu</i> em Educação – nível de Mestrado		
EIXO PRINCIPAL	Traçar uma cartografia das expressões ético-estéticas da		

	adolescência na contemporaneidade, tendo por base filósofos como Michel Foucault e Gilles Deleuze.
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

TABELA 03: Adolescência e Sexualidade

TÍTULO	Os sentidos de sexualidade e a reforma educacional brasileira: a doença, os medos e interditos		
ANO	2006	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	RODRIGUES, Chistiani Martins.		
PROGRAMA	Pós-graduação em Ciências Sociais – nível Mestrado		
EIXO PRINCIPAL	Compreender a construção dos sentidos de sexualidade, encontrados em documentos oficiais da Reforma Educacional Brasileira, bem como em um Projeto Político Pedagógico de uma escola pública da cidade de Londrina.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Londrina – UEL		
TÍTULO	Pensamento histórico de jovens sobre ‘gênero’ a partir da revista Capricho: (2005-2006)		
ANO	2014	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	MANTOVANI, Flávia.		
PROGRAMA	Programa de pós-graduação em História Social		
EIXO PRINCIPAL	Investigar a o pensamento histórico de jovens sobre o conceito de “gênero”, a partir da revista Capricho (abr/2005-mar/2006), utilizando-a como uma fonte histórica.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Londrina – UEL		
TÍTULO	Gritos do silêncio: o professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar		
ANO	2014	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	VAGLIATI, Ana Carla.		
PROGRAMA	Programa de Pós-Graduação <i>strictu sensu</i> em Educação – nível de Mestrado.		
EIXO PRINCIPAL	Conhecer como os professores lidam com a violência sexual no espaço escolar: se sabem identificar sinais de violência sexual em seus alunos e, quais suas ações frente a esse fenômeno.		

INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE
--------------------	---

TABELA 04: Adolescência e Educação Sexual

TÍTULO	A construção discursiva de crianças e adolescentes em documentários brasileiros: real, simbólico, imaginário.		
ANO	2009	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	SOUZA, Renata Adriana de.		
PROGRAMA	Programa de pós-graduação em Letras – nível de Mestrado.		
EIXO PRINCIPAL	Compreender o processo de construção de sentidos para o sujeito-criança e sujeito-adolescente em contextos de criminalidade e violência. Explicitar o modo como sentidos e subjetividades são construídos por meio de mecanismos simbólicos.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Maringá – UEM		

TABELA 05: Sexualidade e Educação Sexual

TÍTULO	Educação em Ciência e Sexualidade: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre a sexualidade no aluno		
ANO	2009	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	SILVA, Ricardo Desidério da.		
PROGRAMA	Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática.		
EIXO PRINCIPAL	Investigar de que modo se dá a abordagem da Sexualidade entre professor e aluno, através da análise das atitudes e crenças manifestadas pelos mesmos.		
INSTITUIÇÃO	Universidade estadual de Maringá – UEM.		
TÍTULO	A Educação Sexual na Escola e as Tendências da Prática Pedagógica dos Professores		
ANO	2005	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	BIANCON, Mateus Luiz.		
PROGRAMA	Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática		
EIXO PRINCIPAL	Apresentar um estudo sobre as tendências e dificuldades pedagógicas dos professores do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, principalmente os professores de Ciências em sala de aula sobre sexualidade.		

INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Londrina- UEL		
TÍTULO	Vozes de uma História: as narrativas a partir dos conhecimentos prévios de alunos sobre gênero e sexualidade (Cambé/ PR)		
ANO	2012	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	MOLINA, Luana Pagano Peres.		
PROGRAMA	Programa de Mestrado em História Social		
EIXO PRINCIPAL	Apresentar uma discussão acerca das relações de Gênero e Sexualidade encontradas no cotidiano de uma escola em Cambé/PR.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Londrina – UEL		
TÍTULO	Metodologia da Problematização como Encaminhamento da Temática Sexualidade na Escola: implicações para formação inicial de professores.		
ANO	2010	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	LANDO, Renata Lucas.		
PROGRAMA	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – nível Mestrado.		
EIXO PRINCIPAL	Investigar as possibilidades e os eventuais limites do uso da Metodologia da Problematização e do Arco de Maguerz enquanto um dos possíveis encaminhamentos metodológicos na abordagem da Educação Sexual na escola.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Londrina – UEL		
TÍTULO	Sexualidade na Escola: encaminhamentos metodológicos na perspectiva dos professores de ciências.		
ANO	2013	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	QUIRINO, Josiane da Silva.		
PROGRAMA	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – nível Mestrado.		
EIXO PRINCIPAL	Identificação dos aspectos relevantes para o ensino dos conteúdos de Sexualidade na opinião de alguns professores de Ciências atuantes na rede Estadual de Ensino do Paraná.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Londrina – UEL		
TÍTULO	(Re) Significações da Sexualidade: olhando um vídeo caseiro no Youtube.		

ANO	2011	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	CORRÊA, Maria Lúcia.		
PROGRAMA	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – nível Mestrado.		
EIXO PRINCIPAL	Discutir acerca do papel que as tecnologias da comunicação e informática adquirem enquanto dispositivo implicado na produção de inscrições de corpos e nele, da Sexualidade.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Londrina – UEL		
TÍTULO	Projetos de Orientação Sexual na Escola: seus limites e suas possibilidades.		
ANO	2006	MODALIDADE	Dissertação de Mestrado
AUTOR	MAISTRO, Virginia Iara de Andrade		
PROGRAMA	Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – nível Mestrado.		
EIXO PRINCIPAL	Identificar os limites e possibilidades pedagógicas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o desenvolvimento de projetos do tema transversal Sexualidade na Escola.		
INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual de Londrina – UEL		

As pesquisas são apresentadas com ênfase no objetivo principal, método e resultados alcançados por cada autor, destacando-se as discussões principais, mas ressaltamos que consideramos relevantes as dissertações desenvolvidas por completo, porém isso afastaria o objetivo e recorte da nossa pesquisa, por isso optamos pelo recorte e apresentação de cada uma. Iniciamos expondo as pesquisas encontradas ao procurar pela categoria **Internet e Adolescência**.

A dissertação intitulada “Educação, Sexualidade e Divulgação Científica: estado da arte das publicações da área 46 da CAPES”, de autoria de Silva (2012), foi defendida no Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. A pesquisa debate a relação que é estabelecida entre os termos Educação Sexual e orientação sexual encontrados nas publicações da CAPES, especificamente na área 46.

A autora utilizou a análise de conteúdo apresentada por Bardin (1997) explorando os conteúdos expostos nas revistas seguindo dois aspectos diferenciados,

analisando a quantidade e qualidade apresentadas. A pesquisadora mostra, em seus resultados, que nos últimos dez anos se tem pouca publicação sobre educação/orientação sexual tanto no campo da educação quanto na educação para a ciência. Nesse sentido, a autora aponta pesquisas relacionadas ao gênero e à diversidade sexual que podem contribuir significativamente para estas áreas da educação.

Por sua vez, a dissertação intitulada “O *Blog* na Sala de Aula e a Sala de Aula no *Blog*: posts e comentários como ferramentas de ensino-aprendizagem da escrita”, tem como autora Lima (2011), apresentada no programa de Mestrado em Pós – Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

A pesquisadora apresenta a experiência desenvolvida em uma primeira série do Ensino Médio na rede pública de educação, tendo como foco trabalhar com a escrita em *blogs*. Lima (2011) acredita que a partir do *blog* é possível realizar reflexões teóricas relacionadas à linguagem/escrita, bem como à construção e disponibilidade na análise do discurso. Ao desenvolver a pesquisa, a autora utilizou a abordagem qualitativa-interpretativa, a qual permite que o pesquisador faça parte dela, se envolvendo e possibilitando a relação com os sujeitos envolvidos, com seu contexto até o final da pesquisa.

Nos resultados, Lima (2011) apresenta que o uso do *blog* em sala de aula permite a interação entre os sujeitos envolvidos, bem como a inserção destes em mundos, conhecimentos e possibilidades diversas. A autora destaca que o uso de ferramentas digitais no processo de ensino instiga e proporciona autonomia aos alunos para aprenderem de forma diferenciada, com diversas possibilidades de leitura, um processo de interação entre o sujeito, a máquina e o outro para além dela. Assim, e imprescindível o uso da ferramenta tecnológica no contexto educacional.

Na dissertação “Construção Social do Conceito de Adolescência e suas Implicações no Contexto Escolar”, com autoria da Melo (2013), defendida no Programa de Mestrado em Educação, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. A autora apresenta as concepções de professores e adolescentes sobre as concepções de adolescência e quais suas implicações no espaço escolar. Para isto, utilizou a pesquisa qualitativa como método, desenvolvendo rodas de conversa (grupo focal) e também pesquisa de campo.

Melo (2013), apresenta que há uma visão estereotipada e generalizada sobre a adolescência. A autora coloca que aos professores, esta é uma fase universal e natural do desenvolvimento humano para todos. Nesse sentido, alunos e professores relacionaram a adolescência a um período de “curtição, diversão, liberdade, fácil de ser

vivida” (MELO, 2013). A pesquisa deixou evidente que o discurso influencia na construção social do conceito de adolescência, principalmente por parte dos adolescentes.

Ao concluir a pesquisa, a autora apresenta que a função da escola na construção social da identidade do adolescente é desconhecida, gerando conflitos por falta de clareza e compreensão.

A pesquisa “Discursos em Circulação no Espaço Virtual: a produção de sentidos acerca da educação do sujeito criança/adolescente”, foi desenvolvida por Castro (2015), pelo Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado, na Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. A autora apresenta discussões a respeito da influência da internet no que diz respeito ao projeto de lei, denominado como “Lei da Palmada” que circulam no *e-espço*. A pesquisa foi desenvolvida através da Análise de Discurso da linha francesa, uma vez que

[...] optamos por não dissociar o dispositivo teórico do analítico, de modo que não propusemos um capítulo teórico, mas desenvolvemos as análises entremeando conceitos, já que é exatamente o movimento/batimento entre teoria e prática que faz com que a teoria discursiva se mostre produtiva (CASTRO 2015, p. 31).

Os resultados apresentados pela autora apontam que as materialidades que estão nos ambientes virtuais circulam os mesmos dizeres, ou seja, são utilizados dizeres já existentes, formulando-os e disseminando aos adolescentes no processo educativo. Utilizando este “novo” dizer para efetuar o discurso autoritário, nesse sentido o Estado aparece como detentor do poder de autoridade que manipula a sociedade.

A autora Vanz (2015) desenvolveu a pesquisa “O Uso Pedagógico do Computador e da Internet”, no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Geografia – Nível de Mestrado, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Vanz (2015) buscou investigar sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nas aulas de Geografia, mais especificamente como e o uso dos computadores e internet nas escolas públicas dos municípios de Francisco Beltrão, Pato Branco e Itapejara D’oeste, todas localizadas no Paraná.

A autora utilizou o método quantitativo para o desenvolvimento da pesquisa, obtendo respostas para concluir que poucos professores utilizam o computador e a internet como material didático na disciplina de Geografia. Já os professores que fazem o uso da ferramenta, utilizam *softwares* como: “*Windows, Power Point, Excel, etc.*”

(VANZ, 2015), que permitem a reprodução de material “pré-elaborado” pelos professores.

Vanz (2015) destaca que estes *softwares* livres para produção de material, podem ser utilizados de maneira fácil, permitindo desenvolver atividades para construção do conhecimento no processo de ensino. Porém, a falta de conhecimento sobre a utilização dessas ferramentas constitui perdas para o processo educativo para professores e alunos.

A dissertação intitulada “Discursos e Expressões: uma cartografia da adolescência contemporânea”, de autoria de Berté (2014), desenvolvida no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação – Nível de Mestrado, Pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. A autora buscou traçar uma cartografia de expressões ético-estéticas da adolescência na contemporaneidade, baseada em autores como Foucault e Deleuze, para isso, utilizou o método qualitativo.

A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas com grupos focais, o que permitiu a autora perceber o quanto a sociedade, no decorrer da história, influencia modelos e ideais de adolescência. Porém, os adolescentes contemporâneos veem expressando-se de maneira diferenciada da imposta. Desta forma, Berte (2014) conclui que a escola precisa considerar as novas expressões dos adolescentes contemporâneos, os quais apresentam “indícios sobre proceder (ética) e o estar (estética)” (p. 126) dos adolescentes.

Ao pesquisar sobre a **Adolescência e Sexualidade**, começamos pelo trabalho “Os Sentidos de Sexualidade e a Reforma Educacional Brasileira: a doença, os medos e interditos”, desenvolvido por Rodrigues (2006) no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – Nível de Mestrado, na Universidade Estadual de Londrina – UEL. A autora buscou compreender e mostrar de que maneira acontece a construção dos sentidos da sexualidade, tendo como base documentos oficiais da Reforma Educacional Brasileira, bem como, no Projeto Político Pedagógico de uma escola pública da cidade de Londrina. Para isso, utilizou o método de Análise do Discurso.

Ao concluir a pesquisa, Rodrigues (2006) identificou que em ambos os documentos analisados, o conteúdo de Orientação Sexual está relacionado quase em exclusividade ao caráter biológico. Porém, a autora encontrou divergência entre os documentos no que concerne à falta de continuidade e aprofundamento do conteúdo no Ensino Médio em relação ao Ensino Fundamental.

Na sequência, temos a dissertação intitulada “Pensamento Histórico de Jovens sobre ‘Gênero’ a partir da Revista Capricho: (2005 – 2006)”, autoria de Mantovani

(2014), no Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina – UEL. A autora buscou investigar o pensamento histórico dos jovens a respeito do conceito de “Gênero” a partir da Revista Capricho dos anos de 2005 e 2006. Mantovani (2014) utilizou a técnica de grupo focal para desenvolver sua pesquisa com os jovens.

A autora coloca que foi possível concluir que os resultados que obteve vão para além da mídia como produtora de pedagogias de gênero, pois o público, a sociedade e coprodutora nessas relações. Mantovani (2014) coloca que também foi possível observar que os alunos identificam questões de gênero apresentadas pelas revistas e, que a partir destes, contextualizam seus discursos.

Ainda dentro desta temática, encontramos a dissertação “Gritos do Silêncio: o professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar”, de autoria de Vagliati (2014), no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação – Nível de Mestrado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. A autora buscou conhecer de que maneira os professores lidam com os casos de violência sexual no espaço escolar, se conseguem identificar sinais em seus alunos e quais são as ações frente aos casos. Vagliati (2014) utilizou o método qualitativo e quantitativo, desenvolveu a pesquisa bibliográfica e de campo, entrevistou trinta professores, individualmente, em onze escolas do município de Francisco Beltrão - PR.

Ao concluir o trabalho, a autora evidenciou que mesmo os professores desenvolvendo importante papel no combate, enfrentamento, identificação e prevenção da violência sexual, estes necessitam de uma formação para além da recebida, para assim ter o preparo necessário exigido nestas situações. Vagliati (2014) enfatiza a importância do trabalho em rede proporcionando uma formação continuada na área de Educação Sexual para os professores, para que assim estejam recebendo a formação adequada para o trabalho com a violência sexual no espaço escolar.

Ao destacarmos a categoria **Adolescência e Educação Sexual**, iniciamos pela apresentação da dissertação intitulada “A Construção Discursiva de Crianças e Adolescentes em Documentários Brasileiros: real, simbólico, imaginário” de autoria de Souza (2009), pelo Programa de Pós-graduação em Letras – Nível de Mestrado, na Universidade Estadual de Maringá – UEM. A autora buscou entender o processo de construção de sentidos para o sujeito-criança e sujeito-adolescente inseridos em contextos de criminalidade e violência. E também de que forma os sentidos e subjetividades são construídos por meio de mecanismos simbólicos.

Para realizar a pesquisa, Souza (2009) utilizou os documentários nominados “Falcão: meninos do tráfico” e “Ônibus 174”, a partir do método de Análise de Discurso. Após analisar os documentários, a autora considera que a exclusão social é produzida em um processo em que os sujeitos estão inseridos no contexto da criminalidade, sendo excluídos da condição de ser criança ou adolescente. Concluindo sua pesquisa, Souza (2009) enfatiza que os sujeitos e os sentidos podem movimentar-se no decorrer da história e podem ocupar novos lugares.

Ao pesquisarmos a categoria **Sexualidade e Educação Sexual**, iniciamos pela pesquisa intitulada “Educação em Ciência e Sexualidade: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre a sexualidade no aluno”, do autor Silva (2009), defendida no Programa de Pós-graduada em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática, pela Universidade Estadual de Maringá – UEM.

O autor utilizou a abordagem qualitativa e quantitativa, de como se dá a relação da Sexualidade entre professor e aluno, analisando as atitudes e crenças manifestadas pelos mesmos. Ao concluir sua pesquisa, Silva (2009) enfatiza que há necessidade de formação continuada para os professores em Educação Sexual, evidenciando que grande parte dos participantes considerou o tema relevante, porém se sentem despreparados para abordá-lo, e têm dificuldades relacionadas à repressão sexual por parte dos pais.

No trabalho intitulado “A Educação Sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores”, de autoria de Biancon (2005), que foi defendida no Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática, pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. O autor apresenta o estudo realizado sobre as tendências e dificuldade pedagógicas de professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental, principalmente nas aulas de Ciências e a presença da temática Sexualidade.

Biancon (2005) utilizou entrevistas semiestruturada áudio-gravada em quatro (04) escolas da rede pública no município de Londrina – PR. Analisou as falas dos professores com base na abordagem qualitativa e categorizou conforme as dificuldades encontradas. A pesquisa demonstrou que para os professores, as abordagens sobre sexualidade são suficientes quando voltadas aos aspectos biológicos, estes acreditam que os conteúdos de cunho biológico bastam para a formação de seus alunos.

O autor apresenta que a Formação Inicial e Continuada dos professores de Ciências está deixando lacunas no tocante à temática. Por isso, Biancon (2005) destaca a necessidade da formação dos professores em Educação Sexual abordarem conteúdos além das abordagens biológicas, ampliando para aspectos sociais, culturais, éticos,

filosóficos e outros. Pois é a relação e junção destes diversificados aspectos que capacitam o professor no que concerne à sexualidade em sala de aula.

O trabalho “Vozes de uma História: as narrativas a partir dos conhecimentos prévios de alunos sobre gênero e sexualidade (Cambá - PR), da autora Molina (2012), foi defendida no Programa de Mestrado em História Social, pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. A autora descreve sobre as relações de Gênero e Sexualidade que acontecem no cotidiano da escola pesquisada.

Molina (2012) utilizou fonte documental através do desenvolvimento da pesquisa por meio de questionários para assim chegar aos conhecimentos prévios dos participantes sobre os temas. Ela consultou estudantes entre quatorze (14) e dezessete (17) anos, os quais estavam matriculados no Ensino Médio.

Nos resultados da pesquisa, Molina (2012) destaca que a escola ainda reflete o sexismo social, a qual reproduz estruturas sociais que reforçam preconceitos e privilégios de um sexo para outro. Nesse sentido, a autora considera a escola um ambiente de construção de novas identidades e reitera que as questões referentes ao gênero e à sexualidade não podem ser trabalhadas apenas como eventualidades, muito menos ser limitadas aos perigos, às doenças e à gravidez indesejada.

Na dissertação “Metodologia da Problematização como Encaminhamento da Temática Sexualidade na Escola: implicações para formação inicial de professores” da autora Lando (2010) defendida no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – Nível de Mestrado, na Universidade Estadual de Londrina – UEL, a autora investigou a viabilidade e os eventuais limites no uso da “Metodologia da Problematização e do Arco de Magueréz” como uma possibilidade metodológica em abordar a Educação Sexual na ação matemática, para isto, Lando (2010) utilizou o método qualitativo e interpretativo para chegar aos resultados esperados.

A autora verificou que a metodologia abordada na pesquisa pode ser utilizada em qualquer nível de ensino, respeitando-se as características de cada faixa etária dos alunos que participam do trabalho. Porém Lando (2010), aborda que é necessário que este trabalho tenha uma certa continuidade da metodologia e participação frequente dos alunos. A autora destaca a importância em trabalhar a Educação Sexual na escola, pois a sexualidade é inerente ao ser humano e decorre da constituição em sociedade.

Na sequência, temos a dissertação “Sexualidade na Escola: encaminhamentos metodológicos na perspectiva dos professores de ciências”, da autora Quirino (2013) defendida no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – Nível de Mestrado, na Universidade Estadual de Londrina - UEL. A

autora buscou identificar aspectos e quais conteúdos são trabalhados durante o ensino de Sexualidade de acordo com a visão dos professores da disciplina de Ciências, que atuam na rede estadual de ensino do Paraná.

Quirino (2013) utilizou questionários semiestruturados a partir de pesquisa qualitativa, identificando assim que no que concerne ao trabalho dos professores, estes utilizam uma diversidade de estratégias e recursos, porém pouco usufruem de pesquisas, leituras científicas, atividades experimentais, atividades lúdicas, etc. Nesse sentido, a autora expõe que tem vários fatores que acarreta na não utilização destas estratégias, entre elas, são citadas a falta de tempo, de conhecimento tecnológico, de formação continuada, entre outras.

A pesquisa de dissertação “(Re) Significações da Sexualidade: olhando um vídeo caseiro no *YouTube*”, foi defendida por Corrêa (2011) no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – Nível de Mestrado, pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. A autora teve por objetivo central na pesquisa discutir sobre o papel das tecnologias de comunicação e informática enquanto dispositivos na produção de inscrição de corpos e da sexualidade.

Corrêa (2011) utilizou o método da etnografia virtual para desenvolver a pesquisa, o qual possibilitou a observação participativa. A autora expõe que mesmo considerando grande parte dos dados etnográficos são alcançados com base nos objetivos digitais elaborados pelo sujeito. Nesse sentido, Corrêa (2011) manteve o foco nos vídeos caseiros disponíveis no *YouTube* relacionados ao corpo e a sexualidade. Assim, dos vinte (20) vídeos encontrados ela elencou um (01) para análise, o que possibilitou pontuar que o corpo e a sexualidade são apresentados em uma leitura para além dos aspectos biológicos, expondo discursos históricos, políticos e sociais.

A última pesquisa que apresentaremos é intitulada como “Projetos de Orientação Sexual na Escola: seus limites e suas possibilidades”, da autora Maistro (2006) também no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática – Nível de Mestrado, pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. A autora teve por objetivo identificar os limites e possibilidades pedagógicas que os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais - dispõem para trabalhar com projetos direcionados a temática de sexualidade na escola, para isso Maistro (2006) utilizou entrevistas a partir de questionários semiestruturados, analisando estes via método qualitativo.

As conclusões e resultados da pesquisa apresentam que os projetos com a temática podem ser desenvolvidos com qualquer iniciativa independente e autossustentável. Para o trabalho com a sexualidade é necessário o diálogo constante

entre escola, alunos e pais, pois para o desenvolvimento de projetos é preciso confiança e entendimento de todos os envolvidos. Porém, os grupos já existentes, consistem na disseminação de informações, o que é resultado do não envolvimento dos pais e sociedade sobre os processos acerca da educação e construção do saber.

Desta forma, é possível destacarmos que as pesquisas aqui apresentadas são de grande relevância para o trabalho na Educação Sexual de adolescentes no espaço escolar. Mesmo tais pesquisas não estando diretamente direcionadas ou abordarem todas as categorias, concomitantemente, de análise da nossa pesquisa, as como base e aporte teórico no desenvolvimento e direcionamento do caminho trilhado durante a pesquisa que realizamos.

Chegada ao final das coletas de dados, engana-se o pesquisador que acredita estar terminando o trabalho, pois é neste momento que necessita de inteira concentração para realizar adequadamente a análise dos dados coletados, trabalhando com eles, dialogando com autores obtendo fundamentação teórica para além das experiências práticas.

A partir da pesquisa foi possível constatar que os trabalhos encontrados se relacionam a sexualidade, a Educação Sexual e a internet, mas de forma separada, cada pesquisa aborda uma destas temáticas, porém a nossa vem com o diferencial de relacionar estas categorias, ou seja, aprofundar a relação entre elas para chegar ao entendimento da Educação Sexual escolar que faz o uso da internet como ferramenta pedagógica, bem como, entender a influência da internet na sexualidade e identidade do adolescente.

Esta pesquisa se faz importante por buscar entender as relações estabelecidas no espaço escolar, no que concerne às categorias citadas anteriormente, ou seja, somos levados a questionamentos para o desenvolvimento da pesquisa, como por exemplo: é realizado o uso da internet como ferramenta de trabalho no espaço escolar? São realizadas aulas de Educação Sexual? É realizada uma formação para o bom uso da internet nas questões referentes a sexualidade? Diante de tais questionamentos, buscamos respondê-los por meio da pesquisa de campo que aparece no próximo capítulo.

III OS QUERERES E OS PODERES DA INTERNET NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS-ADOLESCENTES E DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Na sequência, abordamos as questões respondidas pelos adolescentes e professores participantes, sobre o uso da internet no espaço escolar e fora dele, e qual é a concepção dos adolescentes e professores sobre sexo, sexualidade nos colégios participantes. Para encerrar o capítulo, trataremos questões dos questionários mais diretamente à Educação Sexual e qual é a nossa visão, apresentando a educação que acreditamos ser adequadas para formar adolescentes críticos, reflexivos e atuantes na sociedade, os quais entendam a si e ao outro, exercendo o respeito e a compreensão.

3.1 Sexo, Sexualidade, Educação Sexual e Internet nos Colégios: a visão dos adolescentes e professores participantes da pesquisa

Meus bons amigos, onde estão
Notícias de todos quero saber
Cada um fez sua vida de forma diferente
Às vezes me pergunto: Malditos ou inocentes?
Nossos sonhos, realidades
Todas as vertigens, crueldades
Sobre nossos ombros aprendemos a carregar
Toda a vontade que faz vingar
No bem que fez *prá* mim
Assim, assim, me fez feliz, assim
O amor sem fim
Não esconde o medo
De ser completo e imperfeito

"Meus Bons Amigos"
Frejat

Após a organização dos dados, partimos para a fase de interpretação, análise e discussão das respostas, obtidas com auxílio dos questionários, aplicados para os professores e adolescentes durante a pesquisa de campo. Segundo Triviños (2006), este trabalho é de suma importância, pois é a relação entre a realidade educacional e as formas de atrelamento com a fundamentação teórica estabelecida pelo pesquisador. Os dados aqui apresentados estão discutindo, simultaneamente, a visão dos professores, e a

visão dos adolescentes, articulando as ideias expostas nos questionários para uma conversa com autores específicos que trabalham com as temáticas abordadas.

Aqui apresentamos os resultados coletados junto aos professores e adolescentes com a aplicação dos questionários, os quais envolviam questões abertas e fechadas. Ressaltamos que os participantes poderiam escolher mais de uma opção em todas as questões do questionário, sejam elas as perguntas abertas ou fechadas, as quais deviam expressar suas concepções e opiniões a respeito da pergunta, de acordo com a realidade que vivenciam. Desta forma, os dados foram devidamente tabulados e organizados nas tabelas e gráficos que estão expostos neste terceiro capítulo com vistas à discussão.

Destacamos que vinte e dois (22) professores participaram da pesquisa, com idades entre vinte e um (21) a sessenta (60) anos, lecionam, diversificadamente, nas quatro séries do Ensino Médio considerando a Educação Profissional (primeira, segunda, terceira e quarta séries). Bem como, quarenta e três (43) adolescentes participaram da pesquisa, os quais estão na faixa etária entre quatorze (14) e dezenove (19) anos, devidamente matriculados em uma das quatro (04) séries do Ensino Médio. Lembramos que a pesquisa foi realizada em quatro (04) colégios, ou seja; o número de participantes é diversificado em cada um.

Como já apresentado anteriormente, os questionários utilizados na pesquisa dispunham de dez (10) questões, as quais foram divididas entre objetivas e descritivas, realizando questionamentos sobre o uso da internet e de questões referentes à sexualidade no espaço escolar. Pois corroboramos com Lorenzoni (2016) ao afirmar que

Os tempos mudaram – e as formas de ensinar e aprender, também. O contato com a tecnologia está transformando a forma como crianças e jovens se comportam, como pensam, memorizam ou concentram; por consequência, **o modo como aprendem também não é o mesmo de décadas atrás**. Estar conectado é um modo de vida (grifos da autora p. 4).

Nesse sentido, o espaço escolar vem passando por mudanças significativas, ao longo da história, com o advento das novas tecnologias, as quais, muitas delas estão presentes nos colégios, tornando-se um desafio para o trabalho docente, pois não há mais como fugir. Os telefones portáteis (celulares) estão cada vez mais evoluídos, chegam a ser microcomputadores que permitem o acesso ao mundo virtual a qualquer momento, basta estar conectado à internet.

Desta forma, é importante destacar a faixa etária predominante dos participantes, sendo a dos professores entre trinta e um (31) e quarenta (40) anos totalizando 40,9% da

amostra, enquanto dos adolescentes a maioria tinha quinze (15) anos, com um total de 32,6%. É possível perceber que pela idade dos professores que representam a maioria da sua categoria na pesquisa, que muitos podem não ter tido a oportunidade de conviver com os meios tecnológicos durante a sua vida na infância e adolescência, vivenciando a revolução da internet depois de adultos, o que pode ser um dos motivos de desenvolver resistência com tal ferramenta. Porém, os adolescentes com quinze (15) anos que representaram a maioria da participação dos alunos podem ter presenciado e utilizado a internet e as tecnologias desde os seus primeiros anos de vida, o que os deixa seguros e desafiadores quanto a ferramenta no meio dos adultos.

Para tanto, ao questionarmos professores e adolescentes sobre a permissão de usar a internet no colégio que estão inseridos obtivemos quarenta e cinco (45) respostas dos adolescentes, das quais foi possível constatar que na maioria responderam que **não** com 71,1% e, apenas, 28,8% **sim**, enquanto vinte e três (23) respostas dos professores apareceram em maior número **sim** com 78,3% e, apenas, 21,7% **não**.

Logo, foi possível perceber a disparidade nas respostas entre os participantes, pois qual foi a concepção de *permitir e proibir* que os participantes tiveram? O que entenderam por uso da internet no espaço escolar? Porém, é importante destacar uma diferença que apareceu nos dados entre os colégios, pois no colégio um (01) os adolescentes em sua maioria responderam que era permitido o uso, assim como foi a resposta de seus professores.

Frente à disparidade de respostas, é importante lembrar que mesmo com divergências nos resultados, todos os colégios são jurisdicionados a um mesmo núcleo de educação, porém parecem disponibilizar regras diferenciadas intraescolares. Esta divergência nas respostas sobre o uso da internet nos colégios nos leva a pensar sobre o que Gonnet (2004) apresenta, sendo que todos nós passamos pelo espaço escolar, retirando o que é de significativo individualmente, suas singularidades alegres e prazerosas, e/ou pesares e rancores.

Desta mesma forma, o autor afirma que ocorre com as mídias e suas difusões, sendo raro a não existência de objeções a discutir sobre as abrangências da ferramenta. Ou seja, é necessário ir mais a fundo nos questionamentos para entender quais estão sendo as concepções dos participantes sobre o uso da internet como ferramenta pedagógica. E, nesse mesmo sentido, os participantes responderam os momentos em que era permitido o acesso à internet nos colégios de acordo com cada realidade. Os adolescentes especificaram, em sua maioria, com 38,8% que o uso é realizado durante

as aulas com orientação dos professores, assim também se fizeram as respostas dos professores, com 44,4%.

Durante a mesma pergunta, os adolescentes e professores optaram que o segundo momento mais utilizado da internet é durante o intervalo, com 26,9% dos adolescentes e 31,1% dos professores. Enquanto as outras opções receberam porcentagens diversificadas de respostas, mas em ambos os participantes a resposta menos escolhida foi **durante as aulas sem orientação do professor**, totalizando 7,5% dos adolescentes e 0,0% dos professores.

Desta forma, fica visível que o uso da internet no espaço escolar se dá, principalmente, com a presença do professor, ou seja, como uma ferramenta pedagógica, mesmo que sem tal intencionalidade do uso, proporcionando ao aluno que realize pesquisas dentro do espaço escolar. Pois, conforme nos afirma Melo e Tosta (2008)

Se não há mais como desconsiderar que a mídia é, em larga medida, produtora e conformadora de discursos de todas as ordens (político, educativo, econômico, religioso, ético, moral, dentre outros), à instituição de ensino cabe estar atenta a essa disseminação de ideias que dizem respeito a valores, comportamentos, atitudes, etc. no sentido de problematizá-las nos tempos e espaços escolares, favorecendo as aprendizagens do mundo e sobre o mundo (p. 27).

É possível pensarmos que a internet está no espaço escolar e de algumas formas, é utilizada pelos adolescentes e professores, seja como meio de aprendizagem e/ou interação. O que nos leva a pensar que se faz necessário a formação inicial e continuada de professores e adolescentes para o uso da internet e das tecnologias como ferramenta pedagógica para além de aulas espaçadas, pois a internet proporciona vasta escala de informações sobre tudo e todos de maneira rápida, as quais podem ser transformadas em conhecimentos.

Assim, como a internet é uma temática polêmica e que nos intrigou para realização desta pesquisa, a sexualidade é inerente ao espaço escolar, a qual sofre por ser reduzida ao sexo, mas a sexualidade somos nós; é tudo que nos envolve; está conosco em todos os momentos; desde a maneira de olhar, vestir, falar, sentir, nas manifestações de carinho ou violência, todas as ações e percepções são influenciadas pelo desenvolvimento sexual. Nesse sentido, levantamos o questionamento sobre a concepção dos adolescentes e professores a respeito do que entendiam por sexo e por sexualidade, obtendo as seguintes informações:

TABELA 06: O que é Sexo e Sexualidade?

O que você entende por sexo?	O que você entende por sexualidade?
Relação sexual. Ato Sexual, prática. Reprodução. Prazer. Biológico. Orgãos Sexual.	Mudança física Relação sexual. Comportamentos. Nasce com sexualidade, o sentimento entre homem e mulher. Gay, hétero, travesti, opção sexual. Macho e Fêmea. Relação com o corpo nosso e do outro, a venda dele. Forma que uso meu sexo, opção sexual, amor, afetividade, dúvida.
Opção Masculino ou feminino. Gênero, homem, mulher, escolhas sexuais. Gênero feminino ou masculino/ órgão sexual.	São valores e recebem interferência do ambiente. Mais abrangente, leva a pertencer a certo grupo, construção de papéis na sociedade e reconhecimento. Questões humanas e suas relações, é a ciência que explica, investiga... Toda questão de afetividade. Desenvolvimento do nascimento até a morte. Maneira de se expressar.
Não consegue diferenciar sexo e sexualidade.	Não sei. Não lembro nenhuma definição.

A partir das respostas, é possível perceber que o sexo geralmente é reduzido ao coito, ao ato sexual, bem como ao biológico, feminino e masculino. Ou seja, as respostas se referiram ao sexo como relação sexual, bem como ao sexo genital (biológico= pênis e vulva). Assim, partilhamos da concepção apresentada por Figueiró (2013) ao afirmar que “o sexo engloba o prazer sexual, que envolve um conjunto de sensações táteis agradáveis bem como, o orgasmo, que pode ou não ocorrer. [...] a palavra sexo pode ser usada com outros significados, como, por exemplo, para se referir aos sexos feminino e masculino” (p. 90 – 91).

O sexo é uma relação que precisa envolver prazer, desejo; o adolescente necessita do entendimento destes valores relacionados à relação sexual para não diminuir o sexo a um momento de obrigação, determinado por pressão social, geralmente, exercida nos grupos de amigos, pois esta também faz parte da sexualidade. E muito menos, confundir relação sexual com ato sexual ou coito, mesmo porque relacionar-se sexualmente não requer, obrigatoriamente o contato genital.

Corroboramos com Figueiró (2013) que a escola e os pais precisam trabalhar informações com as crianças e adolescentes antes dos onze (11) anos, oportunizando-os

pensar e expressar seus sentimentos, medos e angústias para juntos refletirem sobre os assuntos relacionados ao sexo. Adolescentes com o conhecimento necessário sobre sexo evitarão, por exemplo, o contágio de doenças, diferentemente, daqueles que não souberem os riscos que correm, por falta de Educação Sexual.

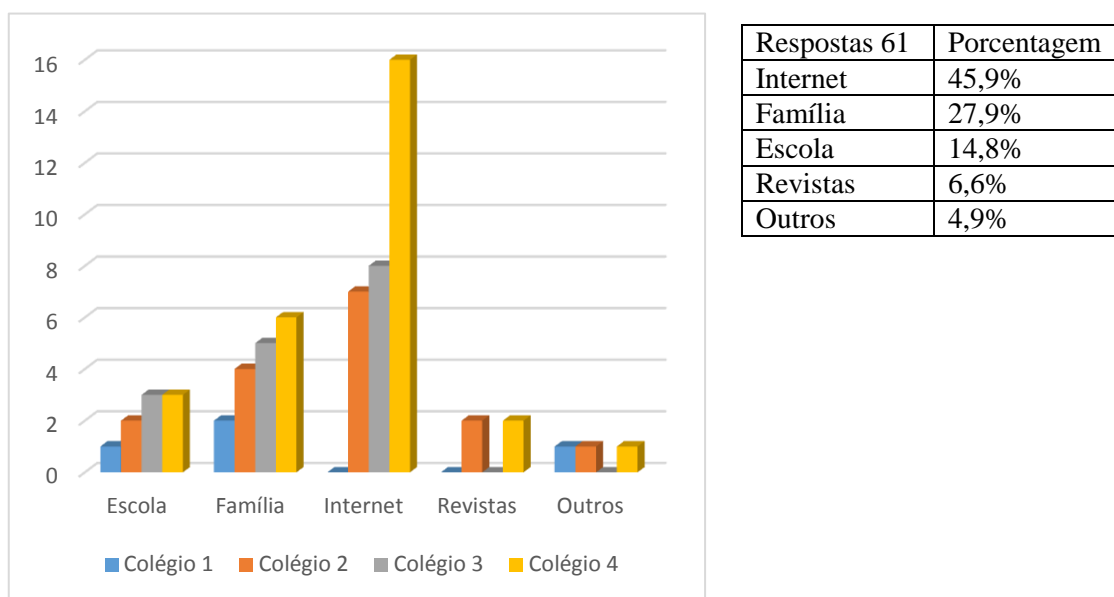
Logo, os participantes explicitaram em suas respostas sobre a sexualidade reduzindo-a às questões particulares de gênero e/ou “opção” sexual, sem entender as demais abrangências da sexualidade como a psicológica, política e a social. Para nós, a sexualidade “[...] inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui, principalmente, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual” (FIGUEIRÓ, 2009, p. 143 – 144). A sexualidade sofre com pré-conceitos ao ser confundida, meramente, com o sexo.

O uso da internet e todas as suas possibilidades informativas sobre o que abrange a sexualidade são restritos no espaço escolar como prática de muitos professores, que acreditam ter o controle dos alunos em sala de aula, bem como se utilizar esta ferramenta para tal educação pode perder o controle. Ao pensarmos a negação em falar sobre sexo nos espaços escolares, corroboramos com Figueiró (2009b) ao apresentar que “o não falar sobre sexo, seja em casa ou na escola, leva o educando a considerar que este é um assunto que não se deve comentar, possivelmente, por vergonha” (p. 66). As atitudes em momentos que parecem insignificantes têm reflexos para a formação dos adolescentes, um olhar ou simplesmente um “não é hora de falar sobre isso” como resposta, pode acarretar em consequências no desenvolvimento do adolescente, o qual clama por respostas.

Nesse sentido, corroboramos com Figueiró (2009a) que “[...] todos somos frutos de uma sociedade repressora em relação à sexualidade, na qual ainda perduram associações do sexo com ideias de pecado, de feio e de proibido, ou por outro lado, com ideias de promiscuidade e de imoralidade” (p.141). Portanto, a sexualidade é uma temática, por diversas vezes, velada, nos espaços educacionais, bem como na sociedade em geral, em virtude de todos os tabus citados por Figueiró (2009 a).

Assim, lançamos uma pergunta aos adolescentes no questionário, sobre quais os lugares que costumam procurar informações sobre sexo e sexualidade e os mesmos nos deram as seguintes respostas:

GRÁFICO 01: Lugares em que procuram informações sobre sexo e sexualidade de acordo com os adolescentes:



Esta pergunta recebeu sessenta e uma (61) respostas, e entre elas a internet recebeu a maioria com 45,9% das opções; em segundo lugar, a família com 27,9%; em terceiro, a escola com 14,8%. Ou seja, inferimos a influência da internet na sexualidade dos adolescentes, pois na maioria das respostas, os adolescentes escreveram que buscam informações sobre sexualidade na internet. Nesse sentido, Desidério (2011) ensina que diante de uma

realidade cada vez mais constante no mundo virtual, a família contemporânea se deparou com o dilema de ter que lidar com naturalidade com a questão da sexualidade, o que faz com isso se torne assustador, visto que muitos pais e educadores optam pelo silêncio. Assim, jovens passam a tirar suas dúvidas através da mídia. Resultando em uma realidade sexual erotizada – cheia de conflitos (p. 156).

A sociedade contemporânea é regida pelo mundo virtual, o que possibilita a busca de qualquer informação onde e na hora que quiser. Esta facilidade em obter informações pode ajudar, desde que tenha a preparação para refletir e analisar o que está presente na tela. Por outro lado, também pode atrapalhar nas relações, pois acarreta em uma confusão na comunicação entre adolescentes com os pais e professores, pois todos acreditam que a internet passa informações suficientes, e que por isso os adolescentes sabem de tudo o que precisam.

Este é um engano, pois as informações estão à disposição, porém é necessário ter criticidade sobre o meio virtual; qualquer pessoa pode publicar informações sobre diferentes assuntos e nem sempre são reais, de fontes seguras. Um exemplo de fontes não seguras e irreais disponíveis na internet são as redes sociais e de relacionamento, que apresentam casos comprovados de pessoas que criam perfis falsos para praticar pedofilia ou casos relacionados. Em relação a casos reais e seguros, estão os cursos de formação *online*, disponibilizados por universidades ou instituições de ensino que promovem a formação e construção de conhecimento.

A internet traz comodidade e uma sensação de conhecimento suficiente sobre suas dúvidas, principalmente, o adolescente que nasceu na era digital. Segundo Setton (2015), as redes sociais se tornaram novas formas de interação social. A mídia chama a atenção do adolescente através do anonimato, o qual permite que faça as perguntas que quiser sem ao menos precisar se identificar, ou então, podendo se passar por qualquer pessoa.

Corroboramos com Setton (2015, p. 94) ao afirmar que “o tempo no ciberespaço é regido pelo reflexo e não pela reflexão. O que transporta são informações e não sensações humanas. [...] O usuário das tecnologias tornou-se um receptor passivo, tendo que responder a estímulos imediatos”. Portanto, destacamos a importância de desenvolver uma Educação Sexual Emancipatória que possibilite diálogos entre adolescentes, escola e família, oportunizando que todos sejam sujeitos ativos no processo educativo. Esta forma de educar pressupõe que os adolescentes possam expor as informações adquiridas, através do meio virtual, para que os professores discutam interagindo e construindo conhecimento com todos os envolvidos.

E neste mesmo viés, perguntamos aos adolescentes e professores quais as tecnologias que os adolescentes utilizam nos colégios para ter acesso a internet, bem como em quais lugares fazem este uso. De acordo com as respostas a maioria utiliza os **computadores**, totalizando 50,8% dos adolescentes e 51,6% dos professores, em segundo plano vêm os **celulares** com 37,3% das respostas dos adolescentes e 38,7% dos professores. Enquanto os espaços mais utilizados são a **sala de informática** com 52,6% das respostas dos adolescentes e 62,8% dos professores e em seguida a segunda resposta mais escolhida foi o **pátio da escola** com 35,1% dos adolescentes e 25,6% dos professores.

De acordo com as respostas obtidas até o momento, há uma sequência nas informações dos participantes, sejam os adolescentes ou professores, as respostas foram a utilização da internet com orientação do professor, nos computadores e na sala de

informática, e depois as respostas apontaram que, em segundo lugar, está o uso da internet na hora do recreio, pelos celulares e, conseqüentemente, no pátio do colégio.

Portanto, o que possibilita a internet e as tecnologias serem utilizadas a favor do processo de ensino aprendizagem é a forma com que estas são abordadas. Estas ferramentas podem se tornar aliadas ao processo de ensino, pois com orientação dos professores, os adolescentes podem ter acesso, através da internet, a conteúdos específicos das aulas, bem como trocar informações a fim de interagir com colegas e professores, visando a aprendizagem para além da sala de aula.

A utilização da internet é imprescindível conforme os dados nos mostram até o momento. A tecnologia está no espaço escolar e é preciso utilizá-la da melhor maneira para que as informações sejam transformadas em conhecimento, pois as significações obtidas através das mensagens pela internet, são relevantes para a geração de adolescentes do século XXI, os quais nasceram na era digital, com acesso ao mundo virtual desde muito pequenos. Nesse sentido, de acordo com Setton (2015)

Desde muito cedo, a criança aprende a conviver e a conciliar uma variedade de informações e tecnologias passando a acumular conhecimentos não só vindos de seu ambiente próximo – pais, grupos de amigos e ou professores –, mas, sobretudo, produzidos pelas mídias (p. 23).

A rede mundial de computadores tem como premissa a divulgação da informação de forma rápida e em larga escala, abrangendo os conteúdos mais diversificados possíveis. Ou seja, a internet permite o acesso desde arquivos em rede de empresas, resultados de pesquisas científicas, informações das mais diferentes localidades, culturas distintas até mesmo a busca por um endereço ou número de telefone. Desta forma, questionamos os participantes sobre quais os *sites* mais acessados com orientação do professor durante as aulas e eles responderam da seguinte maneira:

GRÁFICO 02: Sites utilizados com orientação do professor segundo os adolescentes:

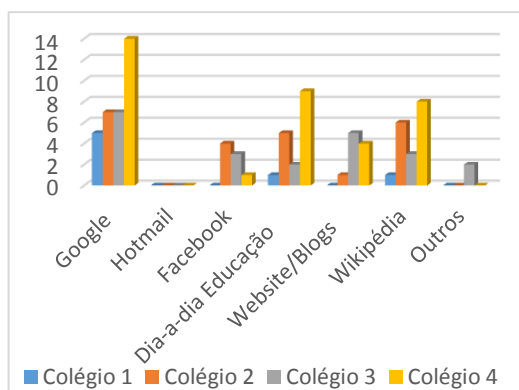
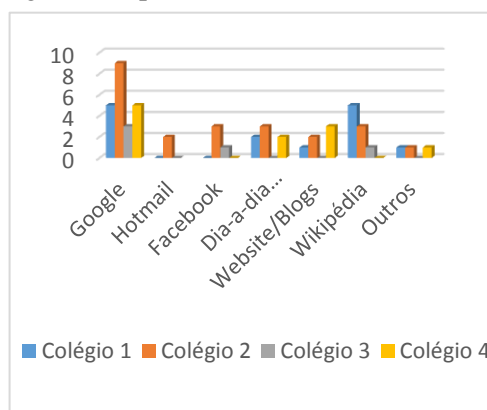


GRÁFICO 03: Sites que o adolescentes acessam durante as aulas com orientação segundo os professores:



De acordo com as respostas, o *site* mais acessado com orientação dos professores, para fazer buscas na internet é o *Google* com 37,5% das respostas dos adolescentes e 41,5% dos professores. Em segundo, lugar acessam o site Wikipédia com 20,5% das respostas dos adolescentes e 17,0% dos professores, e na sequência o *site* dia-a-dia educação com 19,31% dos adolescentes e 13,2% dos professores, assim por diante os outros sites que tiveram menos frequência.

Nesse sentido, corroboramos com Lévi (1999) ao afirmar que “como podemos achar praticamente tudo e qualquer coisa na Internet (ou, senão tudo de fato, com certeza as *referências* para tudo), qualquer exemplo será necessariamente muito parcial, e nenhum poderá dar a ideia da infinidade de navegações possíveis” (p. 85-86). Ou seja, a internet disponibiliza as informações, e os professores têm a função de orientar seus alunos no espaço escolar sobre as respostas obtidas durante as pesquisas em sala. Essas orientações devem aguçar a criticidade dos alunos quanto a veracidade e à reflexão das informações recebidas, assim conforme afirma Batista *et al* (s/d)

Estas são questões novas nas escolas, que trazem desafios sociais e pedagógicos para toda comunidade escolar e que a escola precisa aprender a refletir e lidar com estas situações, a encarar e trabalhar esta questão a seu favor e, principalmente, em favor do melhor envolvimento e aproveitamento de todos na escola (p. 01).

A internet dispõe de uma gama de informações infinitas, porém nem sempre são de fontes verdadeiras, desta forma é necessário que o indivíduo seja crítico e reflita sobre o que vê e ouve na internet, visando buscar informações corretas para suas dúvidas e curiosidades. “Na Internet, encontramos vários tipos de aplicações educacionais: de divulgação, de pesquisa, de apoio ao ensino e de comunicação” (MORAN, 1997, p. 01). Portanto, a orientação do professor, quando acontece, pode ser uma das únicas que o adolescente receba sobre o uso da internet e seus perigos, pois muitas vezes os pais não têm conhecimento suficiente sobre a ferramenta para orientar seu filho acerca o uso correto da mesma.

Desta forma, destacamos o papel do professor em educar seus alunos quanto ao uso da internet, usufruindo desta ferramenta para seu trabalho pedagógico. Por isso, é imprescindível que o professor exerça o papel de educador, utilizando a internet e o celular a seu favor em sala de aula, e, a partir do entendimento dos alunos sobre a função pedagógica em sala, eles terão a compreensão da função da internet e seus papéis para além do espaço escolar. Ou seja, os adolescentes serão críticos exercendo a

reflexão sobre o que está disposto através da internet e seus *sites*, reconhecendo o que lhe é apropriado e correto.

Neste viés, perguntamos aos adolescentes o que eles buscavam de informações sobre sexualidade na internet, assim podemos visualizar as respostas na tabela seguinte:

TABELA 07 : Informações que buscam na internet de acordo com os adolescentes:

Respostas: 36	TOTAL	%
1- Doenças, gravidez ... Cuidados, precauções... Riscos, Consequências.... Perda da virgindade Ciclo da menstruação Posições, sites pornográficos	15	41,7%
2- Dúvidas. Curiosidades	15	41,7%
3-Diferença de sexo e sexualidade, preconceitos... Orientação sexual	05	13,8%
4- Busco respostas objetivas.	01	2,8%

Esta pergunta obteve trinta e seis (36) respostas, das quais duas categorias receberam a mesma porcentagem dos adolescentes, com 41,7% cada. Tais respostas envolveram buscas sobre: DSTs – Doenças Sexualmente Transmissíveis, cuidados e precauções, riscos e consequências, virgindade, menstruação, posições e *sites* pornográficos, dúvidas e curiosidades. Assim, perguntamos se os adolescentes levantavam questionamentos sobre estas dúvidas em sala de aula, a maioria dos adolescentes respondeu que **não**, totalizado 69,8% das quarenta e três (43) respostas obtidas, e apenas 30,2% **sim**. Já segundo a maioria dos professores, mais especificamente das vinte e uma (21) respostas, 85,7% responderam **sim**, e apenas 14,3% **não**, ou seja, que os adolescentes levantam questionamentos sobre sexo e sexualidade em sala de aula.

Portanto, mais uma vez os dados se confrontam, no que diz respeito aos adolescentes responderem **não** e os professores **sim** sobre os questionamentos em sala de aula. Porém, o colégio 03 nos trouxe uma realidade diferenciada, pois a maioria dos adolescentes responderam que perguntam aos professores sobre sexo e sexualidade em sala de aula. Acreditamos que as conversas sobre sexualidade, no espaço escolar, devem estar presentes, oportunizando aos adolescentes/alunos a compreensão e abertura para discutir sobre o que lhes afligem, preparando-os para vivenciar sua sexualidade com prazer e responsabilidade. O colégio é um espaço de construção do conhecimento, em

que deve-se levar em conta as questões políticas, sociais, culturais e psicológicas de quem pertence a este. Dessa maneira, corroboramos com Silva (2015) ao dizer que

[...] o acesso a informações casuais não garante um aprendizado formal frente à sexualidade por parte dos alunos; por outro, esse argumento acaba por justificar que seria desnecessário falar sobre assunto com os alunos. Outro ponto que devemos nos ater também são afirmações de pais e/ou responsáveis e até mesmo de alguns professores que, ao falar sobre sexualidade, seja na escola ou em casa, estaríamos incentivando a prática do sexo precoce, o que também é uma inverdade (p. 24).

Assim, lembramos a importância do papel do professor na educação de seus alunos no que concerne à sexualidade, pois muitos adolescentes passam maior tempo com seus professores na escola do que com os próprios pais em sua casa, o que faz do professor, por diversas vezes, a pessoa que o adolescente tem maior proximidade e confiança. O professor precisa ir além da educação tradicional, com os alunos enfileirados, todos quietos sob pressão e ameaças, as aulas devem envolver os adolescentes, esta é a visão da Educação Sexual na perspectiva emancipatória, é a relação entre professor e o adolescente como sujeito educação.

O adolescente precisa ser escutado, ele clama para que as pessoas escutem suas angústias, e estes atos muitas vezes são considerados atos de indisciplina e rebeldia no espaço escolar. Ou seja, o professor precisa entender as mensagens que seus estudantes estão passando, sendo o melhor caminho escutá-los para conseguir lidar com as situações conflituosas e as utilizar a seu favor. Pois, segundo os adolescentes participantes da pesquisa, eles não realizam questionamentos sobre sexo e sexualidade aos professores por diferentes motivos como: não é falado sobre o assunto, ninguém comenta, ocupados com outros assuntos, não há necessidade, desconforto, medo, repressão, vergonha ou, simplesmente, é mais fácil buscar na internet.

Assim, é possível perceber que a escola ainda é um espaço em que a sexualidade é velada, é um tabu. Há sempre uma justificativa para não falar sobre, e os adolescentes entendem nas entrelinhas que a escola não é o espaço para perguntar, buscando outros caminhos para responder suas curiosidades para assim não sofrerem retaliação por parte do adulto e educador. Nesse sentido, Silva (2015) apresenta que

[...] ao se propor um trabalho de Educação Sexual na escola é preciso compreender alguns fundamentos científicos, assim como sua aplicabilidade para que esse trabalho possa de fato acontecer: o próprio conceito de sexualidade, a Educação Sexual e suas abordagens, as estratégias de ensino, a história da sexualidade e da

Educação Sexual, assim como temas que a escola possa considerar relevantes (p. 21).

A escola, assim como qualquer outra instituição pública, é regida por regras que precisam ser seguidas, as quais, geralmente, funcionam como justificativa para o que não desenvolvem, como, por exemplo, o trabalho de Educação Sexual. O processo de ensino exige confiança e formação, os adolescentes veem nos professores uma extensão de casa e/ou dos pais, querem atenção e desejam ser ouvidos, o que, na maioria das vezes, não acontece, como fica evidente no dado anterior, pois os alunos nem perguntam por medo, por vergonha de algo que deveria ser encarado com naturalidade.

A sexualidade é um tema pouco considerado em muitos espaços escolares, e confundido com o sexo, o que também é justificativa para não ser trabalhada em sala de aula. Nesse sentido, quando é trabalhada segundo os adolescentes e professores participantes da pesquisa aparece na maioria das vezes nas disciplinas de Ciências e Biologia, assim, fica evidente que, os assuntos destinados à sexualidade ainda são de responsabilidade das disciplinas que trabalham com o aspecto biológico do corpo humano.

Entendemos que não é possível negar o sistema biológico do ser humano e que é imprescindível este trabalho, porém compreendemos que não é apenas trabalhar as partes do corpo, DSTs, métodos contraceptivos e outros assuntos relacionados à biologia do corpo que constitui a Educação Sexual, pois “restringir a sexualidade aos genitais limita o uso do corpo e de nossas potencialidades de vivenciar múltiplos prazeres” (MARTELLI, 2011, p. 24), esta vai além da biologia, envolve o psicológico, o social, o cultural e o político da formação humana.

Desta forma, a sexualidade ainda é reduzida ao sexo e suas relações com o corpo físico, no entanto entendemos que a sexualidade é uma condição ontológica de todo o ser humano, conforme nos ensina Figueiró (2006):

Sexualidade é uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A Sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem a negação de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais (p. 42).

Portanto, defendemos a urgência em trabalhar a sexualidade com olhar natural, sem punições e pré-conceitos ocorridos ao longo da história. A sexualidade somos nós, seres que pensam e agem, seres que vivem em sociedade regida por regras e condutas morais, seres que têm sentimento e racionalidade. E ao longo das discussões sobre as perguntas dos questionários levantadas até o momento, percebemos que os colégios negam a Educação Sexual por diversos motivos, bem como quando trabalham voltam-se para as questões biológicas, sem muitas vezes, saberem a diferenciação e significado da sexualidade.

Nesse viés, identificamos que os adolescentes sentem-se correspondidos em sua maioria no que se refere aos conteúdos trabalhados sobre sexualidade pelos professores. Porém, mesmo os professores oferecendo informações e/ou conhecimento sobre questões relacionadas à sexualidade voltadas às questões biológicas, conforme questões anteriores, os adolescentes buscam na internet respostas sobre as mesmas temáticas, o que pode ser uma forma de enfrentar e verificar o que o adulto lhe passou de informação. Ou seja, a internet e a Educação Sexual Emancipatória disposta, no ambiente escolar, devem andar juntas, pois mesmo que ocorra a educação no colégio, o adolescente irá realizar buscas no meio virtual, precisando estar preparado para agir com criticidade sobre o que vê e ouve neste espaço. Conforme ensina Moran (1997),

A internet é uma tecnologia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Essa motivação aumenta, se o professor a faz em um clima de confiança, de abertura, de cordialidade com os alunos. Mais que a tecnologia, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem é a capacidade de comunicação autêntica do professor, de estabelecer relações de confiança com os seus alunos, pelo equilíbrio, competência e simpatia com que atua (p.04).

Nesse sentido, é necessário preparar o aluno para o uso da internet, bem como, exercer Educação Sexual Emancipatória, diariamente, no espaço escolar, considerando a função humana no processo de ensino aprendizagem e para isso é preciso proporcionar aos professores formação continuada que os prepare para educar os adolescentes. Desta forma, serão formados adolescentes críticos, que reflitam sobre as informações dispostas no meio virtual, suprimindo suas necessidades de informação e curiosidades, que envolvem a sua formação enquanto sujeito sexual.

Estas informações vêm ao encontro das afirmações apresentadas por Gagliotto (2014) que “existe uma tendência por parte dos educadores em falar nos aspectos biológicos, transmitir conhecimentos técnicos, biologistas e higienistas. Observa-se,

atualmente, nos meios de comunicação, uma propagação da sexualidade e da visão de um corpo que pode ser comprado e vendido” (p. 53). Assim, a sexualidade perpassa todas as disciplinas, além da Biologia e da Ciências. A relação de confiança entre aluno e professor é fundamental no desenvolvimento de ambos na Educação Sexual.

Desta forma, perguntamos aos professores que participaram da pesquisa se eles sentiam-se preparados para trabalhar com as questões da sexualidade com os adolescentes. Obtivemos as respostas dispostas na tabela abaixo:

TABELA 08: Respostas professores sobre sentirem-se preparados para falar sobre sexo e sexualidade com os adolescentes:

RESPOSTAS	C: 1	C: 2	C: 3	C: 4	TOTAL	%
1- Porque encaro como algo natural. Converso de forma clara e objetiva. Dependendo do contexto e interesse. Pelo conhecimento adquirido ao longo da vida, sexo e sexualidade andam juntos.	01	04	01	02	08	40,0%
2- Sim. Por participar de cursos, leituras, pesquisas e experiência de vida e docente. Devido a formação e leituras direcionadas ao assunto Minha disciplina e gosto do assunto.	02	01	02	01	06	30,0%
3- Não porque não é minha área de formação. Não conheço o assunto	01	01	00	01	03	15,0%
4- Mais ou Menos. Ainda com dificuldade, precisamos nos preparar melhor. Acho importante a conversa, mas não domino o assunto. Nem sempre sabemos responder, mas precisamos pesquisar, e pode ser feito junto com eles.	01	01	00	01	03	15,0%

Das vinte (20) respostas obtidas, 40,0% dos professores responderam que sentem-se preparados porque encaram o sexo e a sexualidade como algo natural, que conversam de forma clara e objetiva, dependendo do contexto e interesse, e ainda pelo conhecimento ao longo da vida, que sexo e sexualidade andam juntos. Em segunda opção, com 30,0% das respostas, os professores disseram estar preparados por participar de cursos, leituras, pesquisas, formações, experiência de vida docente e formação acadêmica. Ou seja, mesmo os professores deixando explícito que estão preparados para falar com os adolescentes sobre sexo e sexualidade, alguns responderam que estas conversas acontecem de acordo com o contexto ou interesse, mas não de uma forma contínua, são conversas pontuais quando necessárias.

Nesse sentido, sobre a Educação Sexual Emancipatória, corroboramos com Gagliotto e Lembeck (2011) ao ensinarem que

Tal educação possibilita o desenvolvimento de professores e alunos de maneira a viverem a sua sexualidade de forma mais responsável, prazerosa, fazendo com que a sexualidade humana seja encarada como um dos elementos que compõe a identidade pessoal e entendida como processo de desenvolvimento integral de cada indivíduo social (p. 94).

Assim, a formação dos professores, vem para construção de conhecimentos que serão trabalhados junto aos alunos no espaço escolar, desenvolvendo um processo formativo, em Educação Sexual de adolescentes que se entendam, que aprendam a respeitar a si e ao outro, que questionem, que reflitam, que vivam com responsabilidade. O professor precisa estar preparado para desenvolver a função de educador sexual e estar à vontade com o tema sem pré-conceitos e/ou estereótipos. Assim, de acordo com Silva (2012)

É preciso compreender a sexualidade na sua dimensão humana, considerando o indivíduo e suas interações simbólico-culturais, aceitando também o caráter social da sexualidade, que está relacionado aos comportamentos e significados produzidos num determinado contexto social. É preciso considerar também que estas dimensões estão associadas à vida e ao bem estar do ser humano. Assim, a dimensão biológica da sexualidade não pode ser negada e sim considerada juntamente com as demais, possibilitando a vivência de uma sexualidade completa (p. 33).

Desta maneira, destacamos a importância de trabalhar sobre a sexualidade no espaço escolar, visando o contexto em que os colégios e os participantes deste espaço estão inseridos, a realidade faz parte da sexualidade, pois tudo que é vivido seja, intencionalmente ou não, influencia na formação do indivíduo. A sexualidade permeia todas as disciplinas; ela está presente na maneira como as pessoas se relacionam, na forma com que o professor apresenta a aula, no jeito que o aluno se expressa, ou seja em todos os lugares e pessoas.

Nessa direção, mesmo com o trabalho desenvolvido pelos professores e a busca de informações na internet, questionamos os adolescentes para saber com quem eles conversam sobre sexo e sexualidade, seja dentro ou fora do espaço escolar. Eles responderam que em ambos os ambientes, dentro ou fora dos colégios, os amigos são os principais confidentes sobre a temática. Estes muitas vezes, também não receberam formação sobre Educação Sexual por parte da família e da escola, assim ambos têm

dificuldades para identificar a veracidade das informações advindas do meio virtual, no qual qualquer pessoa pode escrever e postar, passando adiante informações errôneas.

Convém salientar que essa busca pelo par, por alguém do mesmo grupo pode se dar pelo medo de não receber a respostas ou ser retalhado pelo adulto ao perguntar sobre sexo e sexualidade. Conforme Marola, Sanches e Cardoso (2011),

O acesso à educação informal, quando o assunto é sexualidade, é feito nas rodas de amigos, nas buscas por curiosidades na internet, nas transmissões televisivas de conteúdos sensual ou sexual, nas revistas para o público jovem e adulto e, também, na ocultação (negação) por parte de pais e adultos da realidade da vida sexual e da saúde sexual e reprodutiva (p. 100).

Sendo assim, os amigos aparecem em primeiro lugar quando trata-se de conversas sobre sexo e sexualidade, pois identificam-se com o outro e ambos estão passando, geralmente, pelo mesmo processo de desenvolvimento, curiosidades e inquietações. Após os amigos, os adolescentes elencaram os pais como referência sobre sexualidade dentro do ambiente familiar, porém por muitas vezes estes não se sentem preparados para conversas sobre sexo e sexualidade e acabam não respondendo ao questionamento do adolescente. Conforme apontam Santos, Campos e Santos (2012)

No que diz respeito à informação transmitida pelos pais, é preocupante e notável a infelicidade do jovem de não ter espaço para se informar ou discutir sobre sexualidade junto aos pais. Na maioria das vezes, eles omitem aos filhos informações valiosas e que poderiam contribuir para um maior e melhor desenvolvimento e relacionamento entre pais e adolescentes [...] (p. 04).

Depois de conversarem com os amigos e pais, os professores são imprescindíveis nesse desenvolvimento, pois participam do cotidiano nos colégios junto aos adolescentes e suas inquietações. Porém, os professores por diversas vezes, repetem o papel desempenhado pelas famílias, omitindo explicações sem ao menos esclarecer, ao adolescente, o porquê não consegue responder à pergunta. Ao falar para o aluno que não consegue explicar ou não tem propriedade para responder sobre o assunto, mas que pode pesquisar e voltar a conversar, o professor não perde a sua credibilidade. Admitir a falta de compreensão, mostra ao outro que não é possível saber tudo e que é necessário estar em constante processo de formação, pois todos os atos intencionais ou não, são Educação Sexual.

Algumas famílias e escolas têm maior facilidade e podem conseguir conversar, naturalmente, com o adolescente sobre as temáticas conforme é necessário, educando, intencionalmente os adolescentes no que tange a sexualidade. Conforme Figueiró (2013) “além de aproveitar e explorar as oportunidades que surgem, pais e demais educadores têm que criar oportunidades para ensinar sobre sexualidade” (p.114).

É preciso falar sobre sexualidade com o adolescente, deixá-lo esclarecido sobre os momentos de inquietações que vivem na adolescência, bem como de que não precisa fazer o que os outros querem ou cobram, pois cada um tem seu tempo para as descobertas, que por mais que as experiências envolvam mais de uma pessoa, para cada uma o significado é singular. Os aprendizados proporcionados ao adolescente, permeiam seu desenvolvimento sexual ao longo da vida.

Assim, corroboramos com Figueiró (2013) ao afirmar que “[...] quando se quer desenvolver um trabalho de Educação Sexual na escola é importante que os vários profissionais que ocupam o espaço da instituição também participem dos grupos de estudos ou de reuniões para debater o tema” (p. 42). Entendemos que todos os presentes, no espaço escolar, são educadores, os quais podem se tornar amigos dos adolescentes, como, por exemplo, as profissionais da limpeza, as tão chamadas “tias”. São pessoas que estão a todo instante no colégio, em contato com os adolescentes e que podem se tornar ainda mais próximas do que os próprios professores.

É necessário que todos os presentes no espaço escolar recebam formação continuada, voltada à Educação Sexual Emancipatória, pois todos podem ser questionados pelos adolescentes e precisam estar preparados para este momento. Ao receber uma Educação Sexual Emancipatória e, entender a si mesmo, estarão preparados para entender o outro e suas vivências. Corroboramos com Gagliotto e Lembeck (2011), ao afirmar que

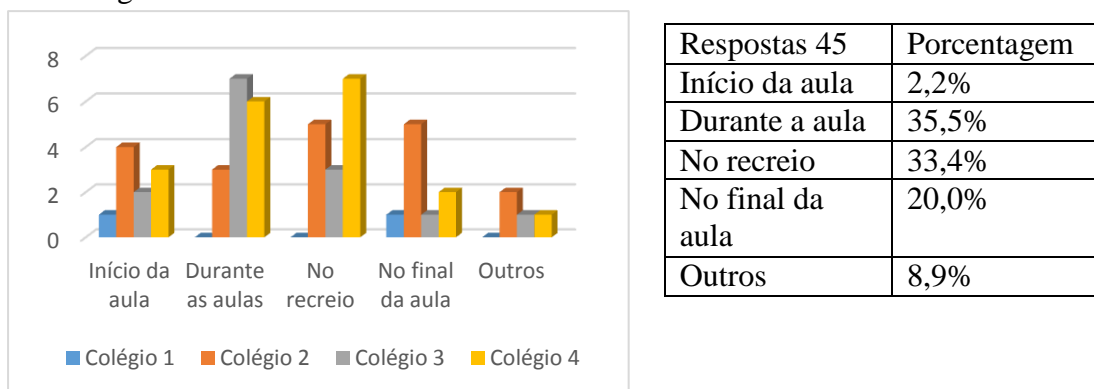
A Educação Sexual deve ser realizada de acordo com a realidade da comunidade e, principalmente, em função dos valores, dos costumes, das crenças dos orientadores dos jovens e das famílias aos quais o trabalho destina. O objetivo é que os adolescentes questionem, reflitam e encontrem os próprios valores, recebendo, de maneira crítica, as informações e as opiniões repassadas pelo orientador (p. 97).

Nesse sentido, a adolescência é um momento em que as pessoas precisam passar confiança e abertura para conversas sobre todas as mudanças que envolvem tal fase. O adolescente se autoquestiona sobre o que está acontecendo com ele mesmo e, diversas vezes, precisa expor esses sentimentos através de conversas e ações que fazem parte da

sexualidade. Corroboramos com Figueiró (2013) que “[...] investimentos devem ser feitos para que adolescentes e jovens compreendam que devem ser sujeitos da sua própria sexualidade, com liberdade e responsabilidade” (p. 193). Ou seja, o adolescente não precisa de julgamentos; é necessário lhe proporcionar educação e limites; educar o adolescente sexualmente e lhe deixar ciente dos riscos, não é deixá-lo livre e sem regras. A adolescência é um momento que exige dos pais e professores conversar e entender este momento, mas colocando regras e limites a serem seguidos, assim como no espaço escolar.

Para tanto, após identificarmos que os adolescentes conversam com os professores sobre sexualidade conforme apresentado anteriormente, realizamos outra pergunta no questionário para os adolescentes, para assim identificar em que momentos acontecem essas conversas no espaço escolar, os quais responderam da seguinte maneira:

GRÁFICO 04: Horários em que acontecem as conversas sobre sexo e sexualidade na escola segundo os adolescentes:



Nesta pergunta, obtivemos quarente e cinco (45) respostas, as quais 35,5% dos adolescentes responderam que as conversas ocorrem durante as aulas; em segundo lugar com 33,4%, no horário do recreio. A maioria das conversas sobre sexualidade que ocorrem em sala de aula, estão voltadas ao sexo, ou às questões direcionadas ao desenvolvimento do corpo, ou seja, do biológico, principalmente, nas aulas de Biologia e Ciências como evidenciamos até o momento.

Portanto, conforme o objetivo estabelecido nos colégios, de acordo com as políticas educacionais seguidas e exploradas pelos professores, ao trabalhar com as questões relacionadas à Biologia, estão cumprindo com seus deveres. Porém, a

sexualidade vai além dos aspectos biológicos conforme já afirmamos, de acordo com Ribeiro (s/d²⁹)

Hoje, todos têm claro que o entendimento biológico, apesar de importante, é insuficiente para a compreensão total do indivíduo. E, com isso, a leitura dos aspectos emocionais, sócio-culturais, históricos, entre outros, tornam-se fundamentais quando pensamos em trabalhar educação e sexualidade (p. 02).

Por isso, precisamos pensar na Educação Sexual Emancipatória que forme sujeitos pensantes e participativos, educação que dê vez e voz ao adolescente, lugar para que expresse as angústias para além do desenvolvimento físico do corpo, chegando ao desenvolvimento psíquico da formação do adolescente. Além disso, é possível formar adolescentes que tenham concepções positivas sobre sexualidade, conforme nos apresenta Sayão (1997)

[...] além dos conhecimentos relativos ao funcionamento do corpo, ao processo reprodutivo e aos riscos de contrair e transmitir doenças. Essa visão supõe também responsabilidade, alegria, prazer e limites. Valores, conceitos e preconceitos. Medos, receios, repressões e inibições. Pressões pessoais, familiares, sociais. Fantasias e sonhos. Desejos expressos, escondidos, censurados e proibidos. Vontade de saber, de fazer, de experimentar. Emoções, sensações, sentimentos. Relacionamentos, frustrações, tabus (p. 105).

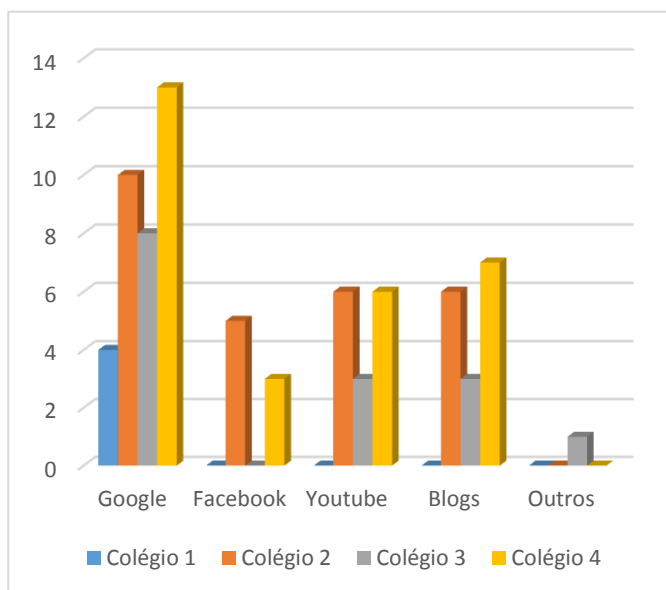
Ao formarmos adolescentes que entendam sua sexualidade, eles serão adultos que exercerão seus direitos e deveres, que respeitarão o outro e a si mesmo, que serão ativos perante a sociedade em que estão inseridos. O adolescente precisa entender que cada um tem seu lugar na sociedade, e que as singularidades das pessoas é o que torna cada um único, pois todos são constituídos de vivências que influenciam na formação e desenvolvimento, mas que cada um recebe as informações de acordo com sua realidade.

Destacamos o papel da educação escolar, a qual influencia na formação do adolescente e permeará toda a sua vida, porém quando esta não se dá de forma abrangente considerando todas as questões que permeiam a sexualidade humana em seus aspectos biológico, psicológico e social acaba abrindo um leque de possibilidades aos adolescentes para que busquem informações no meio virtual, na internet, sem ao menos ter discernimento sobre o que estão visualizando.

Assim, os adolescentes nos apresentaram que utilizam os seguintes *sites* extraescolares para obtenção de informações sobre sexualidade:

²⁹ Disponível em <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/textos-artigos>, acessado em 01/11/2016.

GRÁFICO 05: Sites utilizados fora do espaço escolar para obter informações sobre sexo e sexualidade de acordo com os adolescentes:



Respostas 75	Porcentagem
Google	46,7%
Blogs	21,3%
Youtube	20,0%
Facebook	10,7%
Outros	1,3%

Esta pergunta teve setenta e cinco (75) respostas e 46,7% dos adolescentes explicitaram que procuram informações no *Google*; em segundo lugar, com 21,3%, em *blogs*; em terceiro com 20,0%, no *Youtube*; em quarto, com 10,7%, no *Facebook* e em último lugar, a opção outros justificando como nenhum. Desta forma, fica claro que o *site* mais utilizado para buscas novamente é o Google, o qual oportuniza procurar o que deseja e o site encaminha para o lugar que terá a resposta. Conforme apresenta Oliveira (2009), “a abordagem de situações fictícias exibidas na mídia sobre a sexualidade, associada a mitos, tabus e preconceitos, vem incutindo ideias equivocadas, interferindo no desenvolvimento da sexualidade dos jovens” (p.183).

Portanto, é necessário trabalhar de forma abrangente com a internet no espaço escolar, a qual dispõe de uma infinidade de informações a todo momento. Os adolescentes esclareceram a necessidade em procurar, na internet as informações que não lhes são dadas por parte da família e da escola, ou ainda, para confirmar a veracidade das informações disponibilizadas pelos adultos. O anseio dos adolescentes é sofrer repulsas, negações e reprovações por parte dos adultos que os cercam, ficando mais fácil questionar virtualmente, com a ajuda do anonimato. Segundo Sayão (1997), “a oportunidade de se reconhecer na mídia, ter sua dúvida respeitada, comentada, esclarecida, ser objeto de alguma brincadeira e, ao mesmo tempo, ter sua identidade preservada com o uso de algum recurso que permite o anonimato [...]” (p. 104).

O mundo virtual apresenta muitas pessoas para além da vida real, e essa abrangência é chamativa e conquistadora. A escola como lugar de formação e os professores como educadores, neste espaço, têm um grande desafio no que se refere ao uso das tecnologias e da internet como mais uma ferramenta para o desenvolvimento de suas aulas de Educação Sexual. Para Oliveira (2009)

O consumo de novas tecnologias de comunicação, em especial da internet, constitui-se numa realidade inquietante, não só pela quantidade de tempo que diariamente é dedicado a estes meios pelos diversos setores da sociedade, mas também pelos valores das mensagens transmitidas. [...] Assim, é necessário que a instituição escolar esteja preparada para educar aproveitando exemplos disseminados pelos veículos de comunicação (p. 187).

Dessa maneira, é imprescindível que os educadores recebam formações para trabalhar com as novas tecnologias e com a internet a seu favor em sala de aula, para exercer uma Educação Sexual que vise o aluno como sujeito da aprendizagem. Não há mais possibilidades de fugir da internet, ela está presente nas mãos dos adolescentes a todo momento em seus celulares. Assim, é possível fazer do celular com acesso à internet uma ferramenta de ensino, proporcionando aulas diferenciadas que visem a interação entre os sujeitos envolvidos. Para realizar este trabalho, é importante compreender o que os adolescentes buscam na internet e em quais *sites*, *blogs*, aplicativos, etc., assim como foi feito nesta pesquisa, para depois entender o contexto destes e que variedades de informações que estão à disposição.

Neste viés, a partir da elucidação das perguntas anteriores sobre o acesso a internet no espaço escolar e fora dele, lançamos mão da questão voltada para a disponibilização da rede *Wi-Fi* nos colégios pesquisados. Na maioria das respostas, apresentaram que **não** há disponibilização, tanto nas respostas dos adolescentes, quanto nas dos professores.

Assim, a utilização da internet ocorre nos colégios, como já foi citado, na sala de informática, nos computadores da instituição com orientação do professor, ou nos celulares durante o recreio no pátio da escola com o uso da internet por dados móveis, através da operadora do celular do adolescente. Desta forma, é possível perceber que os adolescentes utilizam a internet no espaço escolar, porém através de seus celulares só é possível se tiver créditos da operadora, o que nem sempre é a realidade dos alunos, pois os colégios ficam em locais diferenciados e abordam diferentes realidades sociais.

Podemos pensar que a disponibilização do *Wi-Fi* no espaço escolar para muitos poderia ser o único momento que acessam a internet para busca de informações, porém isso não ocorre pela falta de disponibilização ao acesso da rede. “A justificativa para o não aproveitamento do celular em sala é que os alunos, não prestam atenção nas aulas, prejudicando de sobremaneira o processo de aprendizagem dos mesmos” (SILVA, 2012, p. 11). Muitas vezes, o medo e/ou julgamento por parte dos educadores é que os adolescentes não saberiam utilizar a internet livre a partir do celular para fins pedagógicos e que isso acabaria atrapalhando as aulas. Pois, conforme explica Moran (1997)

As redes atraem os estudantes. Eles gostam de navegar, de descobrir endereços novos, de divulgar suas descobertas, de comunicar-se com outros colegas. Mas também podem perder-se entre tantas conexões possíveis, tendo dificuldade em escolher o que é significativo, em fazer relações, em questionar afirmações problemáticas (p. 01 – 02).

Nesse sentido, primeiramente seria importante um trabalho de educação dos adolescentes sobre o uso da rede dentro do colégio, combinando as regras para utilização e orientações específicas do que seria permitido ou não realizar, bem como mostrar que quando descumprimos regras perante a vida em sociedade sofremos consequências. Acreditamos que esta seria uma possibilidade a ser utilizada nos espaços escolares quando o problema é a desordem dos adolescentes nas aulas, as quais estão relacionadas, muitas vezes, ao desenvolvimento sexual do adolescente.

Com base na reflexão e partindo do pressuposto de que uma das principais funções da escola é formar, através de seu processo de ensino-aprendizagem, a consciência crítica do indivíduo, sendo que ensinar não é uma mera transmissão de conhecimento acumulado, mas criar possibilidades para a sua própria construção (SILVA, 2012, p.11).

Logo, é importante pensar na utilização da internet como ferramenta pedagógica, pois muitas vezes há uma ideia de que o aluno está mexendo no *Facebook* por exemplo e não está aprendendo nada, mas este é um engano. Esta rede social como outras, trazem informações de diferentes áreas, daí a necessidade de ter conhecimento para diferenciar as informações confiáveis e/ou verdadeiras, as quais que podem proporcionar aprendizagem a partir das redes sociais ou qualquer outro *site*.

Podemos afirmar, que na maioria dos colégios **não** há disponibilização para uso do *Wi-Fi*, o que nos remete a alguns questionamentos como: quais são os motivos que levam os quatro colégios a **não** disponibilizarem o uso do *Wi-Fi*? Seria por ausência de

suporte na rede? Ou para inibir a comunicação virtual? Se fosse disponibilizado o uso do *Wi-Fi*, os adolescentes poderiam fazer uso dessa ferramenta como educativa? Ou, simplesmente, o colégio, acata as leis, estadual Lei nº 18.118/2014 e municipal Lei nº 4084/2013 que proíbem o uso de celulares, nas salas de aula, para fins não pedagógicos, generalizando para todo o espaço escolar? Sobre a proibição do uso de celular em sala de aula, as leis nos apresentam que

Segundo a Lei Estadual nº 18.118/2014 – PR, de 24 de Junho de 2014

Dispõe sobre a proibição do uso de aparelhos/equipamentos eletrônicos em salas de aula para fins não pedagógicos no Estado do Paraná.

A Assembleia Legislativa do Estado do Paraná decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Proíbe o uso de qualquer tipo de aparelhos/equipamentos eletrônicos durante o horário de aulas nos estabelecimentos de educação de ensino fundamental e médio no Estado do Paraná.

Parágrafo único. A utilização dos aparelhos/equipamentos mencionados no caput deste artigo será permitida desde que para fins pedagógicos, sob orientação e supervisão do profissional de ensino.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Governo, em 24 de junho de 2014 (PARANÁ, 2014, s/p).

Lei Municipal Nº 4084, de 20 de agosto de 2013: Proíbe o uso de aparelhos celular, players, nas salas de aula e dá outras providências. Antonio Cantelmo Neto, Prefeito Municipal de Francisco Beltrão, Estado do Paraná.

FAÇO SABER, que a Câmara Municipal de vereadores aprovou, e eu sanciono, a seguinte Lei:

Art. 1º. Fica expressamente proibido o uso, por parte dos alunos e professores da rede de ensino público e privado da educação básica, no Município de Francisco Beltrão, de usarem aparelhos celulares, palyers do tipo MP3, MP4, MP5..., I-POD e Tablets, enquanto estiverem em sala de aula, exceto quando para fins pedagógicos.

Parágrafo único. Os aparelhos previstos no caput poderão ser levados pelos alunos para uso fora das salas de aula.

Art. 2º. Cada estabelecimento de ensino deverá criar um cadastro constando o telefone para contato dos pais ou responsável por cada aluno, quando da efetivação da matrícula ou re-matrícula do aluno.

Art. 3º. O aluno que for apanhado utilizando-se de qualquer dos aparelhos previstos no caput do art. 1º em sala de aula, terá o aparelho recolhido pelo professor e encaminhado a direção do estabelecimento e ensino.

Parágrafo único. O aparelho recolhido será devolvido para o aluno juntamente com a presença de um dos pais ou seu responsável.

Art. 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Gabinete do PrefeitoMunicipal de Francisco Beltrão, em 20 de agosto de 2013 (FRANCISCO BELTRÃO, 2013, s/p).

Dessarte, fica claro que é proibido o uso dentro de sala de aula dos celulares, consequentemente da internet, porém a lei diz que é proibido para fins não pedagógicos,

ou seja, fica aberto aos professores que utilizam essa tecnologia para as suas aulas como ferramenta pedagógica. Desta forma, defendemos que o professor tem autonomia em sala para desenvolver aulas com o auxílio das tecnologias, transformando sua aula interativa, proporcionando aos seus alunos a participação ativa no processo de ensino aprendizagem.

São diversas as justificativas para não se trabalhar com os recursos digitais, entre eles a falta de tempo para uma atualização, o espaço precário nas instituições de ensino destinadas a estas práticas, ferramentas ultrapassadas ou que não funcionam como deveriam, medo de estragar os equipamentos, entre outras desculpas (VIVIAN & PAULY, 2012, p.5).

Nesse sentido, as perguntas respondidas, até o momento, deixam explícito que os adolescentes dizem utilizar a internet em sala de aula com a permissão e orientação do professor. Isso demonstra que, se houvesse um trabalho de conscientização orientando os alunos sobre a função da internet para fins pedagógicos teríamos sucesso, e os celulares conectados à rede não seriam mais problemas em sala que necessitam de leis que proibam o uso dessa tecnologia.

Assim, quando os adolescentes e professores apresentam que nos momentos fora de sala de aula são utilizados principalmente os aplicativos e redes de entretenimento para comunicação, aparecendo o *WhatsApp* como o mais utilizado, com 26,0% das respostas dos adolescentes e 29,8% dos professores, e em segundo lugar o *Facebook* com 24,6% dos adolescentes e 24,3% dos professores. Identificamos, desta forma, que o mau uso transforma a ferramenta em uma banalidade social, causando insegurança para o professor. Corroboramos com Lorenzoni (2016) ao afirmar que

Engana-se quem acredita que redes e ambientes virtuais servem apenas ao entretenimento. Apesar de o celular em sala de aula ser um pesadelo de muitos professores, há, sim, maneiras de incentivar o uso da tecnologia com uma finalidade educacional; para isso, porém, o professor precisa entendê-la. De maneira planejada, contextualizada, mediada e enriquecedora, as ferramentas digitais se tornam aliadas da escola (p. 07).

Por conseguinte, defendemos que mesmo nos momentos em que os adolescentes estão utilizando a internet, sem a intenção ou orientação pedagógica, as informações podem influenciar seus pensamentos e ações através do conteúdo visualizado no mundo virtual. Nesse sentido, se faz importante a orientação do professor no cotidiano escolar do adolescente. Conforme afirmam Vivian e Pauly (2012), o que une a educação e a

tecnologia é a possibilidade de um novo espaço teórico, o qual fundamenta as práticas de ensino na formação dos indivíduos. Sendo assim, esta tarefa é complexa diga-se de passagem, pois vai além do reconhecimento das novas tecnologias. É preciso saber mexer e ensinar como se faz o uso, pois orientado ou não, o processo de pesquisa na internet exerce influência na formação do indivíduo.

Salientamos que, para o professor realizar a tarefa de educador diante das mídias é imprescindível saber lidar com as novas tecnologias, e para isso é necessário que recebam formações para desenvolver tal tarefa. Assim, há inúmeras possibilidades de desenvolver aulas com o auxílio de materiais *online*, vídeos, imagens *sites* e, até mesmo, nas redes sociais, e no momento em que o professor está disponível aos alunos para desmistificar o uso da internet, a ferramenta torna-se um material vasto para o sistema de ensino e aprendizagem.

É possível, também, realizar aulas com o auxílio de músicas, vídeos, filmes ou até mesmo pequenos textos expostos nos *sites* pesquisados. Realizar trabalhos de pesquisa em sala, em que cada aluno utilize o seu aparelho de celular; levá-los à sala de informática, uma vez que algum aluno não tenha o aparelho. Desenvolver trabalhos em duplas ou grupos para obter as informações orientadas pelo professor. Outra alternativa é o professor organizar um *site*, um *blog* ou uma rede social para ficar em constante contato com os alunos. Por este meio, podem levantar debates sobre os assuntos que visualizam dentro e fora do âmbito escolar, trazendo contribuições para as aulas.

É importante realizar o trabalho crítico-reflexivo, no qual o professor reconheça o papel do aluno como aquele que contribui para a construção do conhecimento, em uma troca de saberes utilizando os conteúdos visualizados na internet, para construção de uma autonomia a partir da Educação Sexual Emancipatória, pois tudo que envolve o indivíduo faz parte de sua sexualidade, conforme já afirmamos a sexualidade é inerente ao ser humano.

Entretanto, quando perguntamos aos adolescentes e professores que participaram da pesquisa suas opiniões sobre o uso da internet no espaço escolar, obtivemos as seguintes respostas:

TABELA 09 : Opiniões sobre o uso da internet no espaço escolar:

RESPOSTAS (45) Adolescentes	TOTAL %	RESPOSTAS (24) Professores	TOTAL %
1- Acesso livre: a todo momento; Com acordo entre alunos e direção;	14 31,1%	1-Importante Ferramenta pedagógica. Trabalhar sobre como usar a ferramenta.	10 41,7%

Em sala para pesquisa com orientação; Uma sala com acesso livre nos computadores.		Acesso livre, possibilita busca de informações.	
2- Bom: para poder realizar buscas quando necessário. Mas algumas pessoas não sabem utilizar. Para assuntos pertinentes a aula e no intervalo para distração. Quando usado corretamente. Para modificar a rotina.	14 31,1%	2- Direcionado e orientado pedagogicamente para o conhecimento. Usado com orientação, pois precisamos acompanhar o desenvolvimento tecnológico.	07 29,1%
3- Somente com orientação do professor no laboratório. Proibido redes sociais, apenas para estudo. Não sei responder.	09 20,0%	3- Proporcionar com restrições para não atrapalhar no aprendizado. Ainda não estamos preparados para o conhecimento, mas é banalizada.	06 25,0%
4- Acesso livre com wi-fi no início, intervalo e final da aula.	08 17,8%	4- Disponibilizar tempo livre para o uso não pedagógico.	01 4,2%

A tabela dos adolescentes obteve 45 respostas, as quais nas duas (02) primeiras opções obtiveram 31,1% das respostas, estas são direcionadas a importância ao acesso à internet no espaço escolar. A primeira delas defende o uso livre, utilizando para pesquisa e fora do âmbito pedagógico em acordo com alunos e direção, e a segunda resposta condiz com considerar a internet no espaço escolar uma ferramenta de busca de informações, modificar a rotina e auxiliar nas aulas. A tabela dos professores demonstra um total de 24 respostas, das quais 41,7% apresentaram que a internet é uma importante ferramenta pedagógica, que é necessário trabalhar sobre como usá-la e que o acesso livre possibilita a busca de informações.

Diante dos dados acima, é importante salientar que, a maioria dos adolescentes responderam de acordo com a importância do papel da internet no espaço escolar, visando usufruir para fins de aprendizagem, auxiliando nas aulas a favor da construção do conhecimento. E, os professores na sua maioria também responderam ressaltando a importância da internet como ferramenta para o campo pedagógico, e também defendem o acesso livre para que os adolescentes possam realizar buscas de informações afim da aprendizagem.

Portanto, salientamos a necessidade em pensar a função da educação escolar, e para isso partimos do pensamento de Melo e Tosta (2008) que afirmam que é preciso

[...] pensá-la como uma instância de produção de conhecimento que saiba lidar com os processos comunicacionais, incluindo todo aparato midiático disponível na sociedade. A análise de diferentes formas e conteúdos midiáticos poderá fornecer elementos significativos para o gestor, para o professor e para o aluno em sala de aula e nos múltiplos espaços de que a escola dispõe, na medida em que esse professor – *mediador* estiver inteirado dos processos de produção cultural que se apresentam na mídia (p. 61).

Diante dos dados obtidos através das respostas até o momento afirmamos que a internet está presente, no espaço escolar, principalmente, sob orientação dos professores. E, em momentos, não pedagógicos, os adolescentes usufruem da internet pessoal, por dados móveis pelo celular. Logo, não podemos mais fugir, a internet está no espaço escolar e precisa ser trabalhada para ser utilizada da melhor maneira possível. Pois, conforme apresenta Martin e Toschi (2014),

O tempo na escola tradicional é determinado pelo relógio e o espaço é sempre delimitado física e geograficamente. Na era das conexões, o tempo e o espaço estão integrados, uma vez que as mídias móveis permitem uma conversação constante (a comunicação no sentido de interação), em qualquer hora e em qualquer lugar (p.568).

Assim, é importante destacarmos que o mundo virtual está em todos os espaços e momentos, que a internet está presente na vida dos adolescentes do século XXI, desde o dia que nasceram, aprimorando-se da ferramenta com facilidade, o que traz medo para os educadores com menos experiência. Os quais também têm acesso a internet, mas de forma pessoal e não visualizam a questão pedagógica. Porém, é preciso pensarmos que o mundo real e virtual se misturam, não há divisão, e a maneira de interagir e usufruir da gama de materiais dispostos no mundo virtual sobre sexualidade, o professor necessita de formação para desempenhar tal função. Formação esta importante para o desenvolvimento de aulas de Educação Sexual com o uso da internet como ferramenta pedagógica.

Não há mais possibilidade de fuga desta ferramenta, pois a internet está no espaço escolar com ou sem orientação e autorização do professor. Desta maneira, os trabalhos que vão a favor do uso das tecnologias e usufruem destas, em aulas para o processo de ensino aprendizagem estão na direção correta. Proibir não é o melhor

caminho, se faz necessária a orientação dos educadores para o bom uso, aquele com responsabilidade e criticidade do que está disponível.

Assim, se faz necessário pensar a internet e sua influência para o adolescente, pela ampla possibilidade de informações dispostas a todo momento e sobre qualquer temática. A presença constante da internet condiciona as ações dos indivíduos perante a sociedade. Se faz necessário trabalhar a internet como um recurso de pesquisa e conhecimento perante os estudos em sala de aula que envolvem o sentido mais amplo da sexualidade, as quais estimulam os adolescentes a busca de informações para transformá-las em conhecimento, a partir da reflexão.

O uso da internet no espaço escolar pode possibilitar a interação entre o adolescente e o professor, auxiliando a construção de relações saudáveis e de respeito permitindo a troca de conhecimentos. Portanto, para inserir a internet como ferramenta pedagógica no espaço escolar precisa-se muito mais do que a própria infraestrutura para o acesso. É necessário investir na promoção de formação para os professores, conscientizando também os pais da importância do mundo virtual no dia-a-dia dos adolescentes, preparando-os para educar seus filhos para o uso da internet com segurança.

A internet disponibiliza modelos a serem seguidos pelos jovens, os quais caem nas fantasias do mundo virtual, com alienações sobre o corpo, a roupa, o estilo de música entre outros padrões expostos. Assim, o adolescente muitas vezes, entra em conflito consigo mesmo e com os outros à sua volta, por não se encontrar ou se encaixar nos padrões socialmente estipulados. Estes padrões influenciam a sexualidade do adolescente.

Salientamos que ficou visível, a partir dos dados, que o trabalho desenvolvido nos colégios está voltado apenas para as questões biológicas da sexualidade, porém defendemos que a Educação Sexual Emancipatória prepara os professores para educar seus alunos considerando o desenvolvimento biológico, social e psíquico da sexualidade. Para isso, é de suma importância que os professores recebam formação continuada para conseguirem trabalhar com o apoio da internet como ferramenta, em sala de aula e para além dela.

Defendemos que a formação continuada em Educação Sexual Emancipatória prepara educadores sexuais, os quais não tenham constrangimento ou falta de clareza sobre os assuntos pertinentes à sexualidade no espaço escolar. Assim, visamos a um processo formativo que entende o desenvolvimento sexual dos adolescentes para contribuir na sua formação educacional preparando-os para a vida em sociedade como

sujeitos críticos, reflexivos e ativos. Nessa direção, o ponto a seguir apresenta uma discussão mais direcionada à formação dos adolescentes e professores em Educação Sexual Emancipatória, a partir de outras perguntas do questionário, bem como à nossa concepção a respeito de tal educação.

3.2 Educação Sexual nos Colégios Pesquisados

*Se eu tivesse olhos para olhar
Se eu tivesse pernas que me levassem
Para um outro lugar
Neve, leve chuva, vento, pôr-do-sol
Sonho, riso, choro, compreensão
Se eu tivesse ouvidos para ouvir
Se eu tivesse boca, talvez pudesse um dia tentar proferir
Algo tão leve, leve, como um leve
Oi amor, leve-me onde possa me encontrar*

*"Se"
Rosa de Saron*

No ponto anterior, tratamos das questões referentes à utilização da internet no espaço escolar, bem como das questões sobre sexo e sexualidade, visando a formação dos professores e dos adolescentes em Educação Sexual Emancipatória, usufruindo da ferramenta internet como apoio pedagógico. Nesse mesmo viés, nos propomos a discutir neste último ponto da dissertação ainda algumas perguntas respondidas pelos participantes nos questionários sobre a Educação Sexual realizada nos colégios pesquisados e qual a Educação Sexual que defendemos e acreditamos ser possível no espaço escolar. Neste sentido, perguntamos aos adolescentes e professores sobre a existência de aulas de Educação Sexual nos colégios participantes, conforme fica explícito nos gráficos abaixo:

GRÁFICO 06: Sobre a existência de aulas de Educação Sexual nos colégios segundo os adolescentes: (43)

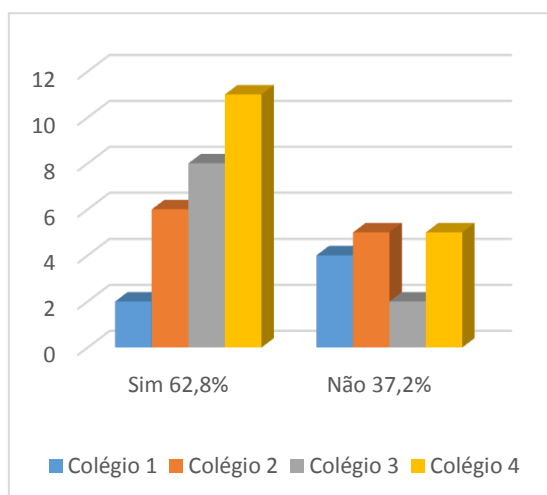
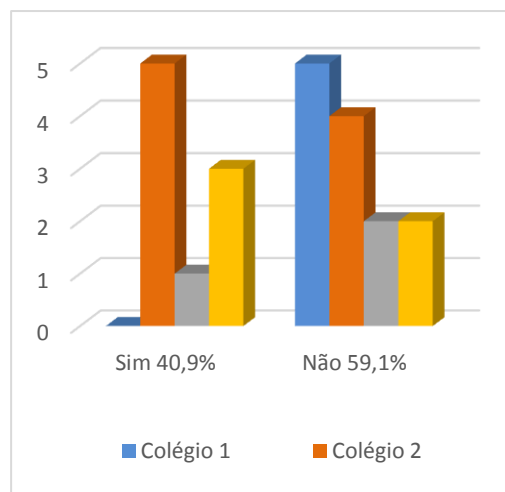


GRÁFICO 07: Sobre a existência de aulas de Educação Sexual nos colégios segundo os professores: (22)



Diante dos dados é importante observar que a maioria dos adolescentes responderam que **sim** com 62,8% que receberam aulas de Educação Sexual, enquanto a maioria dos professores responderam que **não** com 59,1% das respostas. Ou seja, é possível perceber a divergência entre as respostas dos adolescentes e dos professores, o que nos leva a pensar qual é a concepção que os adolescentes têm de Educação Sexual? Qual é a concepção dos professores sobre a temática? E, novamente, podemos nos remeter as questões abordadas no ponto anterior deste mesmo capítulo, pois ficou visível que a sexualidade é confundida apenas com o sexo, sem uma abordagem mais abrangente.

Assim acreditamos que os adolescentes consideram Educação Sexual os conteúdos trabalhados pelos professores referentes a parte biológica da sexualidade, no entanto presumimos que os professores entendem que apenas este trabalho biologizante não é suficiente, o qual não configura Educação Sexual, e sim apenas parte dela. Eles revelaram, ainda, a dificuldade em diferenciar os conceitos de sexo de sexualidade.

Nesse sentido, corroboramos com Figueiró (2009) ao pontuar a Educação Sexual como uma possibilidade de “[...] conceber o educando, aquele que aprende, como sujeito ativo no processo de aprendizagem e não como mero receptor passivo de conhecimentos, informações e/ou orientações” (p. 21). A Educação Sexual vai além das aulas expositivas de Ciências e Biologia; a sexualidade é tudo que nos constitui enquanto seres humanos, ela está presente ao longo da nossa vida e se encerra apenas com a morte.

Corroboramos com Desidério e Maia (2016) ao apresentarem que “a sexualidade, que é uma manifestação humana e que perpassa a dimensão biológica, deve ser compreendida como uma construção social, cultural, histórica e política (p.197). Porém, ao verificarmos que os colégios trabalham durante as aulas, em sua maioria apenas as questões biológicas da sexualidade, resolvemos lançar outra pergunta ao questionário sobre a existência de algum projeto de Educação Sexual para que os adolescentes participassem e obtivemos respostas de adolescentes e professores sobre tal questionamento conforme gráficos abaixo:

GRÁFICO 08: Sobre a existência de projetos de Educação Sexual nos colégios de acordo com os adolescentes: (44)

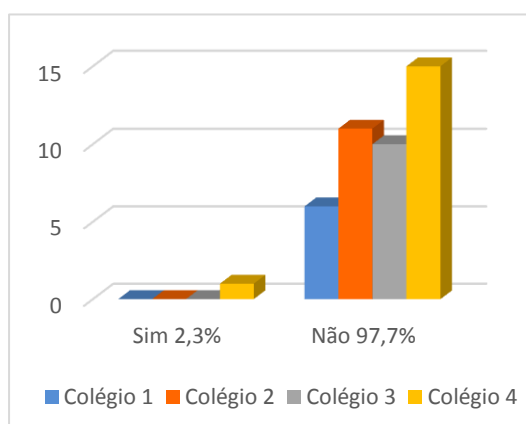
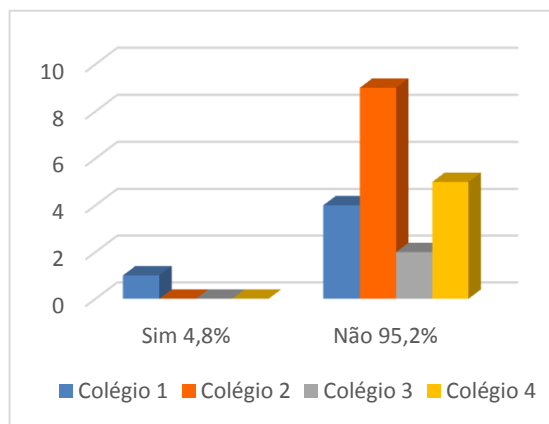


GRÁFICO 09: Sobre a existência de projetos de Educação Sexual nos colégios de acordo com os professores: (21)



As representações, nos gráficos, mostram que a maioria tanto adolescentes quanto professores responderam que os colégios **não** disponibilizam projetos de Educação Sexual, mais precisamente 97,7% dos adolescentes e 95,2% dos professores responderam que **não**. Ou seja, fica evidente que **não** há projetos sobre Educação Sexual nos colégios pesquisados e mais uma vez caímos em confronto com nossa realidade, pois a sexualidade somos nós, não temos como deixá-la antes de adentrar ao espaço escolar, porém os professores não estão preparados para o reconhecimento da mesma e para educar seus adolescentes para um bom desenvolvimento sexual.

Conforme afirma Guirado (1997), “a sexualidade é como um fantasma que ronda as cercanias e os interiores da escola e da sala de aula. Não é o único, sabemos disso. Mas é, sem dúvida, um daqueles que, quanto mais se busca erradicar, mais assombra a cada esquina” (p. 25). Nesse sentido, apontado por Guirado (1997) podemos colocar que a internet também é um fantasma que assombra os espaços escolar, porém viemos através da pesquisa pensar caminhos para que a internet auxilie o professor em seu dever de educador sexual, porém é necessário o desejo do mesmo em realizar tal função.

Assim, a partir da ausência de trabalhos que envolvem a Educação Sexual nos colégios, fica evidente que as visões apresentadas por Guirado (1997) estão ainda presentes na educação. Acreditamos ser dever da escola proporcionar a Educação Sexual aos seus educandos, pois

Na escola – como instituição formal de educação ou como lugar de sociedade em que se entrelaçam o simbólico, o imaginário, o tempo, o espaço, a troca, a violência, a sexualidade está sempre ali, latente e

pulsante, manifestando-se incessantemente, visto que não há como separá-la, nem definir aonde pode e deve aparecer (MARTELLI, 2011, p.23).

Defendemos, dessa maneira, que o trabalho de Educação Sexual na escola, deve ser contínuo, pois a sexualidade está o tempo todo presente, desde a nossa concepção até a nossa morte. Ressaltamos que trabalhos pontuais são importantes, mas não cessam as necessidades de conhecimento, principalmente, na adolescência, que as dúvidas e inquietações estão latentes pelas mudanças físicas, psicológicas e sociais. No cotidiano, em sala de aula, emergem questionamentos ou situações que envolvem a sexualidade dos alunos, e esses momentos precisam ser aproveitados pelo professor para discutir aspectos da sexualidade, sem constrangimento, o que só ocorrerá se o professor estiver preparado pessoalmente e profissionalmente para trabalhar tal temática.

Neste mesmo viés, é importante salientarmos que, no momento da aplicação dos questionários, em todos os grupos de adolescentes e também com a maioria dos professores houve a pergunta direcionada a nós sobre a diferença entre sexo e sexualidade. Assim, informamos-lhes que, após a entrega do questionário respondido, conversaríamos sobre as questões, pois antes disso estaríamos interferindo em suas respostas e em nosso objetivo, que era conhecer qual a concepção deles sobre as duas categorias, obtendo a compreensão de todos.

Após os questionários respondidos serem devolvidos, realizamos a conversa, esclarecendo as dúvidas sobre tais categorias. Identificamos que, para a maioria, não havia distinção entre sexo e sexualidade. Bem como, informamos que aquela explicação era pontual e que a nossa defesa é por uma Educação Sexual Emancipatória, para os adolescentes, no espaço escolar com formação continuada para os professores. Acreditamos que com essa formação, os professores conseguirão realizar a sua tarefa como educadores sexuais formando sujeitos respeitadores de si e dos outros.

Diante de tais evidências nos espaços escolares, realizamos uma questão para ambos os participantes, sobre de quem na concepção deles é o dever de exercer a Educação Sexual na vida e desenvolvimento do adolescente e obtivemos algumas respostas conforme aparece na tabela seguinte:

TABELA 10: De quem é o dever de exercer a Educação Sexual na vida dos adolescentes:

DEVER DA OU DE:	Nº DE RESPOSTAS ADOLESCENTES	Nº DE RESPOSTAS PROFESSORES	TOTAL
Família	38	14	52
Colégio	26	15	41
Outros	02	05	07
Religião	00	01	01

As respostas que colocaram a família como responsável pela Educação Sexual são justificadas por serem pessoas mais próximas, as quais conhecem os adolescentes além de terem mais experiência de vida. Bem como, apareceram nas respostas que a Educação Sexual dos adolescentes deve vir de casa e estes devem direcioná-los, pois é no ambiente familiar que recebem a afetividade desde crianças, e assim precisam orientar para a superação de preconceitos desenvolvendo a formação pessoal dos adolescentes.

Neste mesmo sentido, as respostas que envolveram o colégio como responsável pela Educação Sexual dos adolescentes sob as justificativas de que os professores são mais velhos e por isso detém maior experiência de vida, formação e conhecimento para ensinar e continuar a educação advinda do ambiente familiar. Assim, os participantes também apresentaram que os professores podem direcionar os adolescentes esclarecendo dúvidas, desenvolvendo ações preventivas, de sensibilização, orientação para além da família, ao passo que possuem conhecimento científico para tal educação.

Neste mesmo caminho, as respostas que envolveram a opção outros para o dever de educar sexualmente os adolescentes abrangeram as mídias, a internet, o próprio sujeito, a relação entre família – escola – adolescentes configurando uma formação completa, e das instituições públicas de saúde. Entretanto, apenas um professor respondeu que a Educação Sexual também é dever da religião porque todos deveriam esclarecer as dúvidas sobre a sexualidade, pois deve ser uma junção entre adolescentes, família, escola, religião entre outros. Corroboramos com Pastana e Maia (2016) ao apresentarem que “o aprendizado sobre sexualidade se dá continuamente e no decorrer de todo o desenvolvimento, por meio das relações com muitas instâncias – como a família, a escola, os amigos, a religião e também os meios de comunicação” (p.158).

Para tanto, consideramos ser dever de todos educar os adolescentes para a sexualidade, porém a família e a escola devem ser os principais educadores, pois “a omissão da escola e da família faz com que as crianças e adolescentes busquem informações sobre o assunto em fontes bem menos seguras, como revistas, internet, na rua com “amigos”, tão despreparados quanto eles” (grifo das autoras, GAGLIOTTO & LEMBECK, 2011, p.96). Alguns dos exemplos citados pelas autoras se encaixam na opção outros, escolhida por adolescentes e professores em suas respostas.

Com a afirmação de que a Educação Sexual deve ser exercida pela escola e família, não exime outras instituições de tal dever, porém é necessário que o adolescente esteja preparado para receber tal informação, como por exemplo a internet que é nosso objeto de estudo, pois como destacamos até o momento é preciso entender com

criticidade as informações veiculadas, verificar o que está exposto. A maneira como é utilizada a internet é que a define enquanto ferramenta eficaz ou prejudicial para a Educação Sexual.

Acreditamos, assim, que a inserção da discussão sobre os materiais midiáticos em projetos de Educação Sexual pode contribuir para propiciar questões para a reflexão e despertar a curiosidade, desafiar a imaginação, estimular discussões interessantes e surpreendentes (PASTANA & MAIA, 2016, p. 168).

A escola e a família, como principais responsáveis e em contato direto com os adolescentes, devem educá-los para estarem preparados em receber informações de outras fontes como a internet, que apresenta uma variedade de matérias para tudo que é pesquisado. Sendo importante lembrar que muitas das informações disponíveis na internet, podem estar munidas de preconceitos, tabus, violências e não se constituírem em um conhecimento científico e preparado a faixa etária do público que as lê. Queremos dizer com isso que corre-se o risco de que as informações obtidas rapidamente através dos meios virtuais possam ser tomadas como verdades absolutas pelos adolescentes, como um caminho a ser seguido sem levantar questionamentos, quando estes não recebem a orientação necessária.

Daí a importância da formação dos professores para trabalhar com os adolescentes em sala de aula, a Educação Sexual na perspectiva emancipatória, considerando todas as dimensões da sexualidade, bem como o contexto em que os alunos estão inseridos, principalmente que estes usufruem diariamente da internet e de suas informações. A relação entre a família e a escola esclarecerá as necessidades dos adolescentes conforme nos apresenta Sayão (1997)

Nem todos os pais conseguem ver que seus filhos cresceram e que já podem querer saber a respeito de “certas coisas”. A escola pode, e deve, auxiliar os pais a deixar de praticar a política do avestruz – que coloca a cabeça no buraco e nada vê, nada ouve e nada fala. Parceria nem sempre significa concordância, o que, no entanto, não deve impedir o desenvolvimento do trabalho, desde que a escola saiba entender a angústia dos pais e suportá-las, sem criar impedimentos a partir disso (grifo da autora, p.101-102).

Os professores e responsáveis pela instituição escolar devem cumprir com seus deveres de educadores, proporcionar ao adolescente uma educação que lhe escute e atenda, que não tome o lugar da família ou abra concorrência com esta, mas uma educação para além das concepções apenas familiares. A escola precisa formar um

aluno capaz de falar, ouvir, reagir, e ser responsável por suas escolhas e caminhos, através da Educação Sexual Emancipatória. Para tanto, é preciso incluir os adolescentes em discussões e permitir trocas de experiências para construção crítica de opiniões e posicionamentos.

Os trabalhos com a Educação Sexual se fazem necessários para evitar problemas relacionados à formação do adolescente de ordem biológica, psicológica e social. Desta mesma forma, nos momentos em que escola e família tratam da sexualidade de crianças e adolescentes ainda como um tabu, estas ações podem resultar em adultos frustrados, conservadores e moralistas, os quais continuarão disseminando os pré-conceitos perante a temática. Nesse sentido, uma Educação Sexual incompleta pode causar danos aos indivíduos nos aspectos físico e/ou psicológico do adolescente, dos quais muitos não podem ser revertidos, como por exemplo, depressão ou até suicídio.

Para tanto, ressaltamos a importância do diálogo entre pais e professores para com os adolescentes, é a partir deste exercício que se pode iniciar uma Educação Sexual minimizando os conflitos de relações, e para isto podem fazer o uso da internet, ferramenta esta que dispõe uma gama de possibilidades de comunicação facilitando as conversas quando encontra-se dificuldades. Assim, consideramos que a escola e a família são alicerces para o desenvolvimento do adolescente, e devem então demonstrar os caminhos, perigos e consequências da vivência de uma sexualidade sem respeito a si e ao outro.

A rede mundial de computadores suscita um instigante debate acerca de muitos conceitos que pareciam inabaláveis na ciência, como as noções de tempo e espaço, de oralidade e escrita, de texto e hipertexto, dentre tantos outros. Mais do que isso, ela vem causando uma verdadeira revolução global através do dissolvimento das fronteiras geográficas e temporais, já que permite o tráfego de informações das mais variadas estirpes, promovendo o intercâmbio econômico e cultural entre seus usuários (LIMA, 2011, p.15).

As informações estão em todos os espaços, mas o trabalho que é desenvolvido é o que as revertem em conhecimento e aprendizagem. Muitas das dúvidas dos adolescentes são divididas com seus “amigos virtuais”, os quais com a mesma inexperiência, podem exercer pressão para realizarem atividades, brincadeiras, desafios que podem causar consequências para além do momento específico. Neste sentido, mesmo com tantas mudanças e recursos disponíveis através da internet, se faz necessário uma educação que potencialize o uso responsável desta ferramenta. Daí a

urgência da Educação Sexual nos espaços escolares e familiares, preparando o adolescente para viver sua sexualidade de forma plena e responsável.

O trabalho baseado em Educação Sexual Emancipatória esclarece dúvidas e educa os adolescentes para reconhecerem em quem e em quais informações podem confiar. As informações presentes na internet estimulam a vivência da sexualidade cada vez mais cedo, principalmente nas questões direcionadas às experimentações, relacionamentos e relações sexuais, assim o trabalho que defendemos de Educação Sexual visa a preparar os adolescentes para lidar criticamente com estes ideais impostos no mundo virtual, para que entendam os riscos e consequências que estão correndo.

A escola e a família devem caminhar lado a lado, formando os adolescentes para que saibam respeitar a si e a seu corpo, e assim respeitar o outro, reconhecendo o prazer, o desejo como parte intrínseca ao desenvolvimento de cada um e de sua sexualidade. Desta forma, é necessário falar sobre os tabus e preconceitos que envolvem a sexualidade, sendo o objetivo principal a extinção de tais consequências da má educação desempenhada ao longo dos anos. A educação partindo do âmbito familiar e educacional se dará de forma adequada à sua realidade, diferentemente das informações dispostas na internet sem distinção de público e sem contextualização. Nesse sentido, corroboramos com Vagliati (2014) ao expor que “[...] o professor comprometido em educar para a sexualidade, precisa, mais que dominar e ensinar sobre questões biológicas do sexo. Necessita principalmente, saber conduzir debates que discutam a realidade sexual de seus alunos, como suas dúvidas, anseios etc.” (p. 136).

Assim, a Educação Sexual Emancipatória irá preparar os adolescentes e os professores para entender a sexualidade como inerente ao ser humano, a qual está presente no desenvolvimento físico, psicológico e social dos indivíduos. Esta educação visa ultrapassar os tabus presentes na realidade social ao longo da história que circunda a sexualidade, seus desejos e realizações, pois é parte da nossa existência acompanhando a construção de cada um.

É durante a adolescência que as manifestações da sexualidade aparecem mais evidentes surgindo explicitamente os problemas de relacionamento inerentes. “A ‘dor de crescer’ pode ao mesmo tempo ser associada ao ‘prazer de crescer’, pois o gemido pode expressar a irônica contradição entre dor e prazer” (MIRANDA, 2001, p. 25), ou seja, as dificuldades em lidar com os problemas que aparecem com o desenvolvimento da adolescência estão relacionadas com a incompreensão de tal fenômeno, período em que afloram as transformações físicas, emocionais, psíquicas e sociais.

Tais transformações são inevitáveis e ao mesmo tempo desconfortáveis para os adolescentes, o que nos coloca frente ao compromisso de educadores sexuais, visando auxiliá-los na passagem por este processo doloroso. Sendo assim, o nosso dever não consiste em apontar caminhos, mas em mostrar que este processo conflituoso é natural e necessário, por tanto passível de compreensão. Para tanto, ressaltamos que compreender a adolescência na contemporaneidade requer o auxílio da internet no sentido de estreitar os laços entre escola, família e adolescente.

A internet exerce influência na sociedade como um todo, mas principalmente na adolescência ela é um grande referencial, no qual por diversas vezes as pessoas são colocadas como produtos, com exposições exacerbadas e modelos de corpos e vida a serem seguidos. Porém, é a educação e o tratamento dado à ferramenta que vai formar o adolescente considerando sua cultura e meio social inserido. Todas estas questões fazem parte da sexualidade e o trabalho com elas acarretará no bom desenvolvimento sexual do adolescente para toda a vida. Segundo Gagliotto (2014)

O entendimento da sexualidade é pressuposto teórico para a Educação Sexual, de maneira que educar para a sexualidade implica em ter conhecimento da *história* do homem e de seus aspectos filosóficos e antropológicos, o que remete a compreensão das suas relações materiais concretas constituídas de todos os aspectos e lhe humanizam (afetividade, cognição, emoção, prazer, razão, solidariedade, amor, etc.) (grifo da autora, p. 162).

Logo, o espaço escolar e a família precisam ser democratizadores que proporcionem o conhecimento e instrua o adolescente para uma boa vivência de sua sexualidade, exercendo o respeito e a compreensão, visando seus desejos e prazeres, e das pessoas que os cercam. Assim, podemos dizer que o adolescente está recebendo uma Educação Sexual preparado para superar seus questionamentos, inquietações, saber identificar o bom e o ruim presente em cada espaço, seja eles no mundo real e/ou virtual.

Muitas vezes, os adolescentes apresentam a vontade ou até mesmo atitudes de trazer para a vida real o que veem na internet, como por exemplo se vestir e ou falar como um ídolo da música que gosta, pois o mundo virtual passa a ideia de que tudo pode, como se não houvessem consequências, se tudo terminasse bem e não tivesse risco algum. Desta forma, pais e professores precisam vencer seus tabus e preconceitos, os quais foram inculcados ao longo de suas histórias, porém eles precisam receber conhecimentos e formações que os preparem para o trabalho junto ao adolescente.

Corroboramos com Vagliati (2014) ao propor que “para educar, é imperativo se livrar das amarras culturais constituintes da opressão de um sexo sobre o outro e reprodução de valores morais acerca da sexualidade” (p. 136).

Cabe aqui lembrar que em nenhum momento pensamos em julgar o trabalho desempenhado pelos professores e pais dos adolescentes, pelo contrário o que queremos com a pesquisa é mostrar que há caminhos para além dos utilizados e que estes podem ajudar na melhora dos relacionamentos sejam familiares ou escolares. Neste mesmo viés, partilhamos da concepção de Brittos (2016) que

[...] a sexualidade humana deve ser encarada como um dos elementos que compõem nossa identidade pessoal, e compreendida como constituinte no nosso desenvolvimento psicosexual desde a mais tenra infância, ou melhor, desde nossa concepção (p.128).

Assim, defendemos que a internet possa ser uma ferramenta que possibilite a realização desta Educação Sexual para formar sujeitos completos, pois ela está em todos os momentos e lugares, e então porque não usufruir dela para o bem? Porque pensar nela como uma inimiga quando podemos considerá-la uma aliada a educação dos adolescentes? A proibição do uso da internet vai minimizar os problemas de relacionamento?

Desta forma, acreditamos que a escola pode realizar o uso pedagógico da internet para as aulas com os adolescentes, mostrando-lhes que as informações advindas deste meio pode ter duplo sentido, pois não considera a realidade social, cultural e econômica dos indivíduos que a utilizam. O que é diferente no espaço escolar, pois os professores precisam considerar a realidade dos alunos em que o colégio está localizando, direcionando a educação necessária para tal contexto e público.

É a partir da Educação Sexual desenvolvida pelos professores que estes conseguirão minimizar os riscos e consequências da má conduta ao usufruir da sua sexualidade na adolescência de forma errada, pois assim mostrará que o conhecimento proporciona o bem estar individual, grupal e social.

O conhecimento do seu desenvolvimento sexual trará para o adolescente caminhos para mudar sua prática social e assim melhorar a sua qualidade de vida, seja ela na família, na escola, na internet ou ainda em outros espaços. Para tanto, é preciso ir além, considerando, o desejo, o prazer, o respeito e reconhecimento de si e do outro nas questões biológicas, psicológicas e sociais, para assim desempenhar uma formação adequada a Educação Sexual Emancipatória.

Logo, a variedade de informações e conteúdos presentes na internet podem ser suporte para o desenvolvimento da educação que defendemos, pois esta considera o adolescente um ser ativo, crítico, reflexivo e reconhecedor de seus direitos e deveres. Desta forma, acreditamos em Pastana e Maia (2016) ao ensinarem que

Em projetos de Educação Sexual, atividades que envolvam os materiais midiáticos que os/as participantes têm contato podem ser muito férteis. Diferentes temas podem ser trabalhados a partir da discussão e da reflexão crítica sobre os padrões presentes nesses materiais, contribuindo também para uma compreensão mais abrangente sobre os conteúdos da mídia e sobre a relação estabelecida com os meios de comunicação (p. 158).

A internet é uma ferramenta motivadora que envolve os adolescentes, professores e pais. Salientamos que é importante presar pelo diálogo para chegar aos objetivos, uma vez que o conhecimento é construído em um ambiente de trocas, onde há a oportunidade em participar e questionar as situações que vivenciam individualmente ou em grupo, compartilhando conhecimentos com seus pares.

Considerando como hoje o acesso a esses materiais é cada vez maior, cresce também a importância de que os/as adolescentes sejam preparados/as para estabelecer uma posição ativa, que envolva a possibilidade de selecionar, interpretar e reconhecer fontes confiáveis, identificar quando há a transmissão de conteúdos distorcidos, de padrões e preconceitos e compreender de forma crítica o que é transmitido e como é transmitido (PASTANA & MAIS, 2016, p.167).

Acreditamos e defendemos que trabalhar com a Educação Sexual Emancipatória fazendo o uso da internet como ferramenta, pode preparar os adolescentes para viver sua sexualidade nos mais diversos campos que a envolvem. Para isto, é imprescindível a formação inicial e continuada dos professores para que sanem suas dificuldades, tabus e preconceitos advindos de sua formação em sociedade com concepções moralistas e violentas. Esta formação que propomos busca a qualidade da Educação Sexual, para assim identificar e mostrar as questões sociais, biológicas, psicológicas que proporcionam a formação de indivíduos críticos, reflexivos e ousados para viver com responsabilidade.

Para além da formação dos professores é possível pensar, como citamos durante este capítulo, que todos exercem a função de educar sexualmente o adolescente, assim é de suma importância realizar a formação para pais e demais funcionários do ambiente escolar. Ou seja, é preciso reconhecer o papel que a internet pode desenvolver nas ações

efetivas possibilitando a compreensão da sexualidade como parte do desenvolvimento do adolescente. A sexualidade interage com a alegria, liberdade, igualdade e responsabilidade no desenvolvimento de cada adolescente, visualizando uma educação sem desigualdades, conflitos e preconceitos.

É nesse contexto que a internet se configura como uma ferramenta interativa, que viabiliza a formação de redes sociais, nas quais os indivíduos se agrupam por afinidades. Essa ferramenta potencializa a publicação/leitura de textos disponibilizados por mídias como *blogs*, *sites* entre outros, além de aceitar a troca de conteúdos entre indivíduos de lugares distintos. Tais elementos, configuram a internet como uma ferramenta fundamental no processo de ensino, principalmente no que tange à sexualidade humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Sexual que defendemos, abrange questões biológicas, psicológicas, sociais e culturais do desenvolvimento humano. Acreditamos que apenas trabalhos pontuais como palestras uma vez ao ano não são suficientes para abordar a Educação Sexual em sua magnitude. Almejamos e reafirmamos alguns quereres à luz dessa pesquisa, entre eles a importância de um trabalho contínuo, que valorize a relação e a interação entre professores, alunos, comunidade escolar e, principalmente, a família. Para, a partir desta educação, formar indivíduos comprometidos com a valorização do ser humano como um todo, que sejam ativos e responsáveis no cotidiano familiar, escolar e social enfatizando-se a formação humana integral.

É necessário dar voz e vez aos adolescentes, ao passo que eles precisam ter participação ativa nas aulas e, ao professor cabe desenvolver aulas (atividades) que trabalhem a sexualidade sem tabus, preconceitos, repulsas, etc. Logo, é imprescindível esclarecer que a sexualidade é ontológica ao ser humano, construída ao longo de nossa vida e não podemos deixá-la ou guardá-la, muito menos escolher quando dela fazer uso, uma vez que é intrínseca a nós.

A sexualidade envolve desde as mudanças corporais, psicológicas, de relacionamento, a forma como aprendemos a ver o mundo e nos expressar nele, os desejos, os momentos de prazer ou frustração, de calma ou fúria, enfim, a sexualidade somos nós por completos. Para tanto, defendemos a importância da Educação Sexual Emancipatória, a qual entende a formação integral dos indivíduos contemplado todos os aspectos supracitados. Ao longo desta pesquisa, pensamos na maneira em que a internet pode ser utilizada como aporte didático-pedagógico para contribuir com tal educação.

Entre os poderes, a internet está a todo momento e em todos os lugares, como nos demonstram os sujeitos da pesquisa, desta forma, com este livre acesso, é possível pensar esta ferramenta como um suporte pedagógico para uma melhor comunicação entre os professores e adolescentes. Afinal, a internet oferece uma infinidade de possibilidades que podem auxiliar ou atrapalhar o processo educacional, o que vai diferenciar estas duas formas no espaço escolar é a maneira como ela é tratada, abordada e utilizada; daí a importância de preparar os professores e adolescentes para o uso da rede. A abrangência da internet e de suas informações sobre sexualidade vem se fazendo cada vez mais presente na vida dos adolescentes, os quais carecem de orientação para o bom uso desta ferramenta.

Nesse sentido, destacamos que a Educação Sexual dos adolescentes, acontece com ou sem intencionalidade dos professores e/ou pais. A simples ação de não responder um questionamento, ou mesmo dizer que não é o momento para tal pergunta relacionada à sexualidade, está sendo exercida uma Repressão Sexual, bem como, acreditar que os adolescentes têm todas as respostas na internet, não é o melhor caminho. Logo, esta é uma forma errada de educar sexualmente, pois passa-se a impressão de que as informações advindas da internet são verídicas e/ou incontestáveis, ou seja, a internet disponibiliza uma gama de informações, porém é necessário ter discernimento do que é visualizado, pois nem tudo é verdadeiro e pode ser utilizado e/ou seguido.

Desta forma, destacamos que durante a pesquisa, identificamos que os adolescentes e professores não sabiam a diferenciação de sexo e sexualidade, e que mesmo os professores passando informações e conteúdos sobre as questões biológicas do corpo, os adolescentes realizavam questionamentos sobre as mesmas temáticas na internet. Isso nos levou a pensar que mesmo os professores trabalhando em sala de aula sobre temáticas relacionadas à sexualidade, os adolescentes acabam buscando informações na internet, muitas vezes por receio e/ou falta de abertura para debates. A internet é um universo, muitas vezes, desconhecido, pois ao abrir um aplicativo, uma rede social, um site, etc., nos deparamos com um emaranhado de informações à disposição. Para tanto, é necessário um senso crítico para saber discernir e usufruir do que está disposto. Destacamos que a educação tem esse papel de orientar e formar sujeitos críticos e reflexivos; parece simples, mas não é!

Daí a relevância de realizar uma Educação Sexual Emancipatória com vistas à formação do sujeito para que viva com responsabilidades, e assim, educar os adolescentes para o mundo virtual, que saibam diferenciar o certo do errado, o bom do ruim, a verdade e a mentira, entre outras. As respostas, obtidas durante a pesquisa, dos professores ou adolescentes demonstraram que a sexualidade ainda vem sendo reduzida ao sexo, ao ato sexual, ou simplesmente às questões de gênero e identidade sexual. Porém, é imprescindível trabalharmos com a sexualidade de forma completa, ou seja, biológica, psicológica, social e cultural, desta maneira formar indivíduos responsáveis, ativos, que respeitem uns aos outros.

Para tanto, a internet está presente no espaço escolar, seja de forma permitida ou não, conforme nos apontaram as respostas durante a pesquisa, mas em sua maioria, os adolescente e professores responderam que o uso é feito durante as aulas com a orientação do professor, desta forma defendemos que este uso não deva ser esporádico,

apenas como uma aula diferenciada. Nesse sentido, acreditamos que os professores podem utilizar a internet no cotidiano escolar, desfrutando desta ferramenta pedagógica, que façam o uso para pesquisas, contatos, troca de informações, etc.

Assim, é possível que os professores façam o uso da internet para o desenvolvimento de aulas pautadas na Educação Sexual Emancipatória, pois esta ferramenta possibilita contato entre os indivíduos dentro e fora do ambiente escolar. A partir de uma educação que prepare os adolescentes para o uso responsável da internet, para auxiliar no cotidiano escolar – sem riscos, pois eles saberão identificar os perigos da rede. É imprescindível que os professores considerem o contexto em que os adolescentes estão inseridos, bem como a faixa etária, o que é fundamental para uma boa educação para a sexualidade e à construção do conhecimento. Pois, no mundo virtual estas atenções não são tomadas, o que pode acarretar risco aos seus internautas.

Para tanto, ressaltamos a importância de refletir sobre as abrangências da internet, ao passo que ela oferece riscos, pois o anonimato que tem à disposição dá uma impressão de segurança ao adolescente. Porém, por trás de cada *site*, rede social, informação, jogo, etc., tem outra pessoa que pode ter boa ou má intenção. A rede dispõe de perigos como pedófilos, jogos de automutilação e até mesmo suicídio, aliás, a internet não pondera as informações conforme a realidade e faixa etária de quem visualiza. Assim, defendemos que é a partir de uma formação escolar, que o jovem poderá entender os riscos e precaver-se, o caminho não é proibir o uso, mas educar para o bom uso.

Salientamos que os professores têm dificuldades em utilizar a internet como ferramenta, estes acreditam que os adolescentes sabem mais do que eles e por isso, não dariam conta de trabalhar com este recurso, e utilizam desculpas como “não há suporte suficiente no colégio, não há tempo para este trabalho, é preciso cumprir o currículo e as atividades impostas por ele”. Todavia, não cabe a nós julgarmos os professores, mas ajudá-los, apontando-os um caminho que possam fazer o uso da internet em sala de aula, que eles não perderão o controle dos alunos, mas ganharão mais acesso e até mesmo a confiança dos adolescentes, desenvolvendo melhores aulas e produções de conhecimento.

Portanto, é fundamental investir na formação dos professores para o uso da internet, para após o entendimento sobre a ferramenta, eles possam usufruí-la para educar e orientar seus alunos. Logo, pensamos na Educação Sexual Emancipatória, pois ela pode auxiliar os professores em sala de aula, ou seja, é necessário a formação inicial e continuada dos professores especificamente para os trabalhos relacionados à

sexualidade e ao uso apropriado da internet. Salientamos que os professores precisam ser formados para o entendimento da sexualidade em todos os seus aspectos, biológico, psicológico, social e cultural, bem como entender que a internet não é uma inimiga em sala de aula, mas contrário, uma aliada para a educação emancipatória.

Neste sentido, foi possível perceber no decorrer da pesquisa que os professores entendem que as questões biológicas não são suficientes para trabalhar sobre a sexualidade humana, tampouco serão capazes de dar conta de uma proposta de Educação Sexual. Logo, nos apontam para a importância de uma formação direcionada ao desenvolvimento sexual do ser humano. Afinal, as formações iniciais geralmente não abordam a temática, o que dificulta ainda mais o trabalho dos professores em sala, pois tudo que acontece com ele e/ou com os adolescentes faz parte da sexualidade humana. A sexualidade está presente nos momentos de desejos, afetividade, relacionamento, raiva, agressão, a sexualidade é tudo o que nós somos.

Os adolescentes apontaram que não realizam questionamentos sobre sexo e sexualidade em sala de aula, seja por medo, repressão, vergonha, etc., e assim preferem buscar na internet. Ficou explícito que a sexualidade ainda é uma temática reprimida ou até mesmo suprimida dos espaços escolares, o tabu que se construiu envolta dela, estão voltados a religião e a moral social, são conceitos equivocados que perduram até os dias de hoje como apontou pesquisa. É preciso desmistificar a sexualidade, compreendê-la é entender a si, ao outro e ao mundo.

Portanto, nos colocamos contra a proibição do uso da internet e defendemos o desenvolvimento de uma formação para os professores que, conseqüentemente, vão educar os adolescentes para a utilização desta ferramenta de forma pedagógica e responsável. Afinal, o que se ensina na escola percorre para toda a vida do indivíduo e ao educar o adolescente para a sexualidade e para o bom uso da internet, ele entender-se-á para além da instituição escolar, saberá discernir o verdadeiro do falso, saberá respeitar, será ativo e irá refletir sobre o que vê, ouve e age.

Educar sexualmente os adolescentes não é dar liberdade total, mas dar-lhes limites, ato imprescindível para a formação de adolescentes críticos e reflexivos socialmente, afinal vivemos em sociedade e precisamos seguir regras. A Educação Sexual Emancipatória pode libertar os indivíduos do desconhecimento, dos riscos, proporcionando melhores relacionamentos entre professores e adolescentes. Assim, a internet pode ser usada como ferramenta para esta educação, facilitando a comunicação, a pesquisa e a construção de conhecimentos.

Propomos ao final desta pesquisa, que o professor use a internet e suas abrangências a seu favor, ou seja, é possível realizar trabalhos com músicas, vídeos, documentários, textos, redes sociais, *blogs*, entre outros. Esta ferramenta pode aproximar professores e adolescentes, mas para isso é indispensável a formação para ambos, para que entendam as abrangências da sexualidade e da internet como um todo.

Desta forma, destacamos a importância de continuar no caminho desta pesquisa, pois o conhecimento nunca cessa, e é preciso estar em constante pesquisa e formação para uma educação de qualidade, que vise a formação de indivíduos críticos, reflexivos, responsáveis e atuantes no cotidiano social. Para tanto, são necessárias mudanças e transformações no espaço escolar, é preciso oferecer a formação para os professores e, quem sabe, em um futuro consiga ajudá-los um pouco com esta dissertação produzida através das angústias apresentados por eles e por nós enquanto educadoras de adolescentes.

Assim, entre os querer e poderes é importante estar preparado e ter coragem de mudar, o desejo pela mudança é o que permitirá a busca por novas formações, estar aberto a novos conceitos proporcionará uma educação completa com entendimento para além de si próprio, do outro, das coisas, do mundo. A tarefa de educadores sexuais não é fácil, pelo contrário ela é árdua e exige muito de cada indivíduo, porém seja intencionalmente ou não a Educação Sexual está acontecendo a todo instante, então é melhor entendê-la e utilizá-la da melhor maneira, é preciso um esforço mútuo, conjunto entre espaço escolar, professores, diretores, secretaria da educação, adolescentes e pesquisadores.

Afinal, não é nosso dever julgar as atitudes das instituições escolares e dos professores, mas apresentar-lhes caminhos para a transformação e formação de uma Educação Sexual Emancipatória. Professores, estamos todos na busca por uma educação melhor, de qualidade, todos por uma Educação Sexual aos nossos adolescentes para que corram menos risco, para que haja menos violência, menos depressões, menos mortes. Por uma adolescência saudável, ativa e responsável.

REFERÊNCIAS:

- ABERASTURY, Arminda. O Adolescente e a Liberdade. In: ABERASTURY, Arminda & KNOBEL, Mauricio (Orgs). **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ABERASTURY, Arminda & KNOBEL, Mauricio. **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- AFONSO, Lúcia. **A Polêmica Sobre Adolescência e Sexualidade**. Belo Horizonte: Campo Social, 2001.
- ALVES, Alda Judith. **O Planejamento de Pesquisas Qualitativas em Educação**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 77, p. 53-61, maio, 1991.
- ARIÉS, Philippe, 1914-1984. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. 2 ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BADINTER, Elizabeth. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARDIN, Laurence. **Análise do Conteúdo**. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATISTA, Tatiane Custódio da Silva; MIRANDA, Sarah Rizzia Campos Luíz; TOSCHI, Mirza Seabra. **Celular na Escola: um desafio pedagógico**. EdUECE- Livro 1. Didática e Prática de Ensino na relação com a Escola. s/d.
- BEAUD, Michel. **A Arte da Tese: como elaborar trabalhos de pós-graduação, mestrado e doutorado**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BERTÉ, Rosane. **Discursos e Expressões: uma cartografia da adolescência contemporânea** 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) Francisco Beltrão, 2014. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE Disponível em: http://tede.unioeste.br/tede/tde_arquivos/22/TDE-2015-02-07T170404Z-1446/Publico/Rosane_Berte.pdf Acesso 13 de novembro de 2015.
- BIANCON, Mateus Luiz. **A Educação Sexual na Escola e as Tendências da Prática Pedagógica dos Professores**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) Universidade Estadual de Londrina – UEL, 2005. Disponível em: http://www.uel.br/pos/mecem/pdf/Dissertacoes/Mateus_Luiz_Biancon.pdf. Acesso em 10 de dezembro de 2015.
- BRITTOS, Eritânia Silmara de. **A Importância dos Contos de Fadas para o Desenvolvimento Psicossexual da Criança: o que pensam, o que dizem e o que fazem as professoras?**. Dissertação- Programa de Mestrado em Educação – Campus de Francisco Beltrão, 2016.
- CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo- Publifolha, 2000.
- CARELLI, Aruza. Reflexões sobre as Redes Sociais Virtuais no Brasil e os Relacionamentos Contemporâneos. In: DESIDÉRIO, Ricardo & CAMARGO, Hertz Wendel de. (Orgs.). **Mídia, Educação e Sexualidade**. Londrina: Syntagma, 2011.
- CASTRO, Lucimara Cristina. **Discursos em circulação no espaço virtual: a produção de sentidos acerca da educação do sujeito-criança/adolescente**. 107f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro-Oeste. Guarapuava, 2015. Disponível em:

<http://tede.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/tede/73/1/PR%20LUCIMARA%20CRISTINA%20DE%20CASTRO.pdf> Acesso em: 07 de novembro de 2015.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **A Invenção da Adolescência no Discurso Psicopedagógico**. São Paulo: editora UNESP, 2008.

CORRÊA, Maria Lúcia. **(Re) Significações da Sexualidade**: olhando um vídeo caseiro no Youtube 80f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática) Orientador: Profº drº Moises Alves de Lima. Londrina- 2011 Universidade Estadual de Londrina – UEL Disponível em: file:///C:/Users/xlpim/Downloads/Corr%C3%AAa_Maria_L_Me_2011.pdf Acesso em: 28 de novembro de 2015.

CUNHA, Marcus Vinícius da. **Freud**: psicanálise e educação. Caderno de Formação: formação de professores educação cultura e desenvolvimento. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. V.2.

DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DESIDÉRIO, Ricardo. Fastlove: os relacionamentos instantâneos e a busca do prazer imediato. In: DESIDÉRIO, Ricardo & CAMARGO, Hertz Wendel de. (Orgs.). **Mídia, Educação e Sexualidade**. Londrina: Syntagma Editores, 2011. p. 153-159.

DESIDÉRIO, Ricardo & MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. O Discurso Intencional da Sexualidade na TV: abordagens da Educação Sexual em programas brasileiros no período de 1980 a 2010. In: DESIDÉRIO, Ricardo. **Sexualidade, Educação e Mídias**: novos olhares, novas práticas. Londrina: Eduel, 2016.

DUARTE, ROSÁLIA. **Pesquisa qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, n.115. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Março/2002.

DUQUE, Denise Franco. Internet na Adolescência. In: NETO, Francisco Baptista & OSORIO, Luiz Carlos. (Orgs.). **Adolescentes**: o desafio de entender e conviver. Florianópolis: Insular, 2011.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Trad. Leandro Konder. 17.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1982.

EISENSTEIN, Evelyn. Desenvolvimento da Sexualidade da Geração Digital. In: **Adolescência e Saúde**. Rio de Janeiro, v.10, abril 2013. p.61-71.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. Edições Loyola, 1991.

FERREIRA, Teresa Helena Schoen; FARIAS, Maria Aznar; SILVARES, Edwirges Ferreira de Mattos. **A Construção da Identidade em Adolescentes**: um estudo exploratório. Estudos de Psicologia. 2003, v.8, 107-115.

FIGUEIREDO, Camila Detoni de Sá & MELO, Sonia Maria Martins de. Reflexões sobre o Sexting na Busca da Prevenção de Riscos para Adolescentes. In: BRUNS, Maria Alves de Toledo & MELO, Sonia Maria Martins de. (Orgs.) **Desafios da Educação Sexual**: interfaces pertinentes com comunicação e tecnologia. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 127 – 145.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. – Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina, PR: Eduel. (Coleção Dimensões da Sexualidade), 2006.

_____. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.) **Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009a. p.141-171.

_____. A Educação Sexual Presente nos Relacionamentos Cotidianos. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.) **Educação Sexual: em busca de mudanças.** Londrina: UEL,2009b. p. 63 – 104.

_____. Sexualidade e Afetividade: implicações no processo de formação do educando. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.) **Educação Sexual: em busca de mudanças.** Londrina: UEL,2009b. p. 187- 208.

_____. **Educação Sexual no dia a dia.** Londrina: Eduel, 2013.

FRANCISCO BELTRÃO. **Lei Nº 4084.** Prefeitura Municipal, 20 de agosto de 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade.** Tradução: Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2002.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A Educação Sexual da Criança e a Pedagogia da Infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias.** 2009. 260 p. 2009. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251615/1/Gagliotto,%20Giseli%20Monteiro.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2015

_____. **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias.** Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro; LEMBECK, Tatiane. **Sexualidade e Adolescência: Educação Sexual numa perspectiva emancipatória.** Educere Et Educare – Revista de Educação. Cascavel: Edunioeste, v.6, nº11. Jan./Jun 2011. p.93-109.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONNET, Jacques. **Educação e Mídias.** São Paulo: Editora Loyola, 2004.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na Escola: mito e realidade.** 2ª reimpressão. Campinas/SP: Mercado de letras, 2002.

GUIRADO, Marlene. Sexualidade, isto é, Intimidade: redefinindo limites e alcances para a escola. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. **Adolescência, Psicanálise e Educação: o mestre “possível” de adolescentes.** São Paulo- Avercamp, 2003.

HERMETO, Clara M. & MARTINS, Ana Luisa (tradução). **O Livro da Psicologia.** São Paulo: Globo, 2012.

KNOBEL, Mauricio. A Síndrome da Adolescência Normal. In: ABERASTURY, Arminda & KNOBEL, Mauricio (Orgs). **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico.** Porto Alegre: Artmed, 1981.

- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LANDO, Renata Lucas. **Metodologia da Problematização como Encaminhamento da Temática Sexualidade na Escola**: implicações para formação inicial de professores. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática). Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina, 2010. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000160708>. Acesso em 07 de março de 2016.
- LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. Sob direção de Daniel Lagache, tradução de Pedro Tamen. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIMA, Lorena Izabel, **O blog na sala de aula e a sala de aula no blog**: post e comentários como ferramentas de ensino-aprendizagem da escrita. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá-PR, 2011. 143 f. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/lilima.pdf> Acesso em: 25 de outubro de 2015.
- LORENZONI, Marcela. **Ebook**: as ferramentas digitais mais populares em sala de aula. In: <http://info.geekie.com.br>. 11 de maio de 2016.
- MAISTRO, Virginia Iara de Andrade. **Projetos de Orientação Sexual na Escola**: seus limites e suas possibilidades. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática). Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina, 2006. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000115892>. Acesso em 07 dezembro de 2015.
- MANTOVANI, Flávia. **O pensamento histórico de jovens sobre o conceito de “gênero”, a partir da revista Capricho (abr/2005-mar/2006)**. Dissertação (Programa de pós-graduação em História Social) Orientador: Prof^ª Dr^ª Marcia Elisa Teté Ramos. Londrina 2014. Universidade Estadual de Londrina – UEL.
- MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento**. 3a. edição. 1988.
- MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. **Formação de Conceitos em Sexualidade na Adolescência e suas Influências**. Psic. da Ed., São Paulo, 33, 2º sem. de 2011, pp. 95-118.
- MARTELLI, Andréa Cristina. Práticas Docentes e Imaginários de Sexualidade. In: DESIDÉRIO, Ricardo & CAMARGO, Hertz Wendel de. (Orgs.). **Mídia, Educação e Sexualidade**. Londrina: Syntagma Editores, 2011. p.23-35.
- MARTIN, Livia da Silva Neiva; TOSCHI, Mirza Seabra Toschi. Celular na Escola: políticas, usos e desafios pedagógicos. In: **Celular na Escola**: políticas, usos e desafios pedagógicos. Artigo recebido em 7/3/2014 e aprovado em 5/5/2014. DOI 10.5216/ia.v39i3.28786.
- MELO, Marcia Cristina Henares de. **Construção social do conceito de adolescência e suas implicações no contexto escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa- UEPG. Ponta Grossa, 2013. Disponível em http://bicen-tede.uepg.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=1&id=699 Acesso em 07 de novembro de 2015.

- MELO, José Marques de & TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Coleção Temas & Educação.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MIRANDA, Margarete Parreira. **Adolescência na escola: soltar a corda e segurar a ponta**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 3ª ed, 2001.
- MONTEIRO, Elizabeth. **Criando Adolescentes em Tempos Difíceis**. São Paulo: Summus, 2009.
- MOLINA, Luana Pagano Peres. **Vozes de uma História: as narrativas a partir dos conhecimentos prévios de alunos sobre gênero e sexualidade (Cambé/ PR)**. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina, 2012. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000177927>. Acesso em 7 de março de 2016.
- MORAN, José Manuel. **Como Utilizar a Internet na Educação**. v. 26 n. 2. Brasília. Mai./Ago. 1997.
- NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- NETO, Francisco Baptista. A Formação do Indivíduo. In: NETO, Francisco Baptista & OSÓRIO, Luiz Carlos (Orgs). **Adolescentes: o desafio de entender e conviver**. Florianópolis: Insular, 2011.
- NETO, Francisco Baptista & OSÓRIO, Luiz Carlos. O Adolescente e a Família. In: _____ (Org.). **Adolescentes: o desafio de entender e conviver**. Florianópolis: Insular, 2011.
- NOSELLA, Paolo. **Ética e Pesquisa**. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 102, p. 255-273, jan./abr. 2008. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acessado em: 20/01/2016.
- NUNES, César Aparecido. **Desenvolvendo a Sexualidade**. 1987.
- NUNES, César A.; SILVA, Edna. As manifestações da sexualidade da criança. **Campinas, SP: Século XXI**, 1997.
- _____. **A Educação Sexual da Criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. 2ª edição. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.
- OLIVEIRA, Vera Lucia Bahl de. Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. (Org.) **Educação Sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009a. p. 173 – 189.
- PARANÁ. **Lei Estadual nº 18.118/2014-PR**. Palácio do Governo, 24 de Junho de 2014.
- PASTANA, Marcela & MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Diálogos sobre Sexualidade e Mídia com Adolescentes: possibilidades de atividades e discussões. In: DESIDÉRIO, Ricardo. **Sexualidade, Educação e Mídias: novos olhares, novas práticas**. Londrina: Eduel, 2016.
- QUIRINO, Josiane da Silva. **Sexualidade na Escola: encaminhamentos metodológicos na perspectiva dos professores de ciências**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática). Universidade Estadual de Londrina –UEL.

Londrina, 2013. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000160708>. Acesso em 07 de março de 2016.

RIBEIRO, Marcos. A TV Influencia mesmo no Comportamento de Quem Vê? E Outras Mídias. In: DESIDÉRIO, Ricardo & CAMARGO, Hertz Wendel de. (Orgs.). **Mídia, Educação e Sexualidade**. Londrina: Syntagma, 2011.

_____. **Adolescente: um bate-papo sobre sexo**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

_____. **Educação Sexual e Metodologia**. s/d. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/textos-artigos> acessado em 01/11/2016.

ROCHA, Cleomar. Interfaces Computacionais e Cibersexo. In: DESIDÉRIO, Ricardo & CAMARGO, Hertz Wendel de. (Orgs.). **Mídia, Educação e Sexualidade**. Londrina: Syntagma, 2011.

RODRIGUES, Chistiani Martins. **Os Sentidos de Sexualidade e a Reforma Educacional Brasileira: a doença, os medos e interditos**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Londrina – UEL. Londrina, 2006. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000119383> Acesso em 07 de março de 2016.

ROSENTHAL, Gela & KNOBEL, Mauricio. O Pensamento no Adolescente e no Adolescente Psicopático. In: ABERASTURY, Arminda & KNOBEL, Mauricio (Orgs.). **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ROSENTHAL, Gela & KNOBEL, Mauricio. O Pensamento no Adolescente e no Adolescente Psicopático. In: ABERASTURY, Arminda & KNOBEL, Mauricio (Orgs.). **Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artmed, 1981.

SAYÃO, Rosely. Saber o Sexo? Os Problemas da Informação Sexual e o Papel da Escola. In: AQUINO, Julio Groppa. (Org.). **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997. p. 97-106.

SCHÖNINGER, Raquel Regina Zmorzenski Valduga & SARTORI, Ademilde Silveira. Blogs de Escolas: possibilidades de construção de ambiências comunicativas. In: BRUNS, Maria Alves de Toledo & MELO, Sonia Maria Martins de. (Orgs.) **Desafios de Educação Sexual: interfaces pertinentes com comunicação e tecnologia**. 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 55-76.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e Educação**. 1.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Marcia Daiane da, Educação, sexualidade e divulgação científica: estado da arte das publicações da área 46 da Capes. Dissertação (Mestrado em educação para a ciência e a matemática). Orientador: Prof^ª dr^ª Luzia Marta Bellini 2012. Universidade Estadual de Maringá-UEM Disponível em: <http://nou-rau.uem.br/nou-rau/document/?code=vtls000199865> Acesso em: 29 de novembro de 2015.

SILVA, Marley Guedes da. **O Uso do Aparelho Celular em Sala de Aula**. Macapá – AP 2012. Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Federal do Amapá como requisito para obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

SILVA, Ricardo Desidério da. Educação em Ciência e Sexualidade: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre a sexualidade no aluno. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática). Universidade estadual de

Maringá – UEM. Maringá, 2009. Disponível em <http://cienciaematematica.vivawebinternet.com.br/media/dissertacoes/5579f7c46286672.pdf>. Acesso em 05 de dezembro de 2016.

_____. **EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL DA SEXUALIDADE::** olhares a partir do Kit Anti-Homofobia. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista – UNESP “Júlio Mesquita Filho” Faculdade de Ciências e Letras (campus de Araraquara), 2015. Disponível em: file:///C:/Users/Franciele/Documents/educacao_escolar_2015-03-13_ricardo_desid%C3%A9rio_da_silva.pdf. Acesso em: 05 de dezembro de 2015.

SOUZA, Renata Adriana de, **A construção discursiva de crianças e adolescentes em documentários brasileiros**: real, simbólico, imaginário 101 f. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientador : Profª. Drª. Maria Aparecida Honório. Universidade Estadual de Maringá, 2009. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/rasouza.pdf> Acesso em: 18 de dezembro de 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2006.

VAGLIATI, Ana Carla. **Gritos do Silêncio**: o professor frente à violência sexual contra crianças e adolescentes no espaço escolar. Dissertação (Mestrado em Educação). Orientador: Profª. Drª Giseli Monteiro Gagliotto – Universidade Estadual do Oeste do Paraná / UNIOESTE. Francisco Beltrão, 2014. Disponível em http://tede.unioeste.br/tede/tde_arquivos/22/TDE-2015-02-07T123423Z-1443/Publico/ANA_CARLA_VAGLIATI.pdf. Acesso em 20 de janeiro de 2016.

VANZ, Gerson. **O Uso Pedagógico do Computador e da Internet**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Orientador: Mafalda Nesi Francischetti. Francisco Beltrão, 2015. Disponível em: http://tede.unioeste.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1783 Acesso em: 25 de outubro de 2015.

VIVIAN, Caroline Deprá; PAULY, Evaldo Luis. **O Uso do Celular como Recurso Pedagógico na Construção de um Documentário Intitulado: fala sério!** Colabor@ - Revista Digital da CVA - Ricesu, ISSN 1519-8529. Volume 7, Número 27, Fevereiro de 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE 01: Carta de Apresentação.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Francisco Beltrão

Rua Maringá, 1200 - Bairro Vila Nova - CxP. 371 - CEP 85605-010
Fone: (46) 3520-4848 Fax: (46) 3520-4849 - Francisco Beltrão - PR



Estado do Paraná

Carta de Apresentação

Vimos por meio desta, apresentar a vossa instituição de ensino, a acadêmica **Franciéle Trichez Menin**, portadora da cédula de identidade RG: 11.094.200-1, devidamente matriculada no **Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação – Nível de Mestrado da Universidade Estadual do Oeste de Paraná-UNIOESTE, campus de Francisco Beltrão-PR, turma 2015.**

Solicitamos o consentimento para a realização da pesquisa de campo – através de entrevistas junto aos professores e alunos – indispensável ao desenvolvimento da pesquisa intitulada: **SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO SEXUAL: O QUE QUER, O QUE PODE A INTERNET?**, sob a orientação da professora: **Dra. Giseli Monteiro Gagliotto.**

Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Orientadora

Mestranda

APÊNDICE 02: Termo de consentimento livre e esclarecido da instituição.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Francisco Beltrão
Rua Maringá, 1200 - Bairro Vila Nova - CxP. 371 - CEP 85605-010
Fone: (46) 3520-4848 Fax: (46) 3520-4849 - Francisco Beltrão - PR



Estado do Paraná

Termo de consentimento livre e esclarecido

(Instituição – Colégio Estadual da Rede Pública de Ensino)

Sr./Sra. _____

Cargo: _____

Da (o) Instituição _____

Convidamos seu Colégio Estadual da Rede Pública de Ensino a participar da pesquisa **“SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO SEXUAL: O QUE QUER, O QUE PODE A INTERNET?”** que será desenvolvida pela acadêmica Franciéle Trichez Menin, do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão-PR.

Esta pesquisa objetiva levantar dados junto aos professores e alunos acerca da influência da internet na Educação Sexual dos adolescentes do ensino médio. Bem como, avaliar como a internet pode contribuir quanto ferramenta para desenvolver uma Educação Sexual no sistema de ensino, nas redes estaduais públicas do município de Francisco Beltrão/PR.

Você estará autorizando a pesquisadora a realizar procedimentos para coleta de dados na forma de: (1) Realização de entrevistas individuais com os professores e alunos selecionados, agendados com a sua concordância; (2) *devolução dos resultados*.

Solicitamos a cada participante a permissão para registrar com anotações e gravação as reflexões e o debate com vistas a garantir a fidedignidade de todos os relatos. Será garantida a CONFIDENCIALIDADE dos relatos bem como o ANONIMATO de todos que participarem da pesquisa. Também informamos que A PARTICIPAÇÃO DE TODOS É VOLUNTÁRIA, sem prejuízo de sua inserção funcional ou do apoio institucional recebido.

A realização desta pesquisa certamente trará benefícios visíveis ao Corpo Docente desta instituição, devido ao seu alto poder de instrumentalização para lidar com a Internet como ferramenta para o ensino da Educação Sexual.

Em caso de qualquer dúvida, entrar em contato com a responsável pela pesquisa Franciéle Trichez Menin, acadêmica do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão-PR, no endereço: Rua Maringá, 1200 – Vila Nova, Francisco Beltrão, CEP: 85.605-010. Telefone: (46) 3520-4853.

Franciéle Trichez Menin

Eu declaro ter ciência dos propósitos da pesquisa e concordo em espontaneamente participar desse estudo.

Assinatura: _____

Local _____ Data: ____/____/____

APÊNDICE 03: Termo de consentimento livre esclarecido dos professores.



Termo de consentimento livre e esclarecido

(Professores)

Sr./Sra. _____,
Profissional da instituição _____,

está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO SEXUAL: O QUE QUER, O QUE PODE A INTERNET?”** que será desenvolvida pela acadêmica Franciéle Trichez Menin, do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão-PR.

Esta pesquisa objetiva levantar dados junto aos professores e alunos acerca da influência da internet na Educação Sexual dos adolescentes do ensino médio. Bem como, avaliar como a internet pode contribuir quanto ferramenta para desenvolver uma Educação Sexual no sistema de ensino, nas redes estaduais públicas do município de Francisco Beltrão/PR.

Você poderá participar desta pesquisa através de *entrevistas agendadas* com a sua concordância, sobre o tema estudado. Pedimos sua permissão para registrar com anotações e gravação a entrevista com vistas a garantir a fidedignidade de seu relato. Será garantida a CONFIDENCIALIDADE dos relatos bem como o ANONIMATO de todos que participarem da pesquisa.

A SUA PARTICIPAÇÃO É VOLUNTÁRIA, o que significa que você terá plena autonomia para decidir se quer ou não participar da entrevista individual, bem como desistir de fazê-la a qualquer momento. Sua decisão será respeitada e não irá afetar o apoio institucional que você já recebe.

Em caso de qualquer DESCONFORTO em relação às perguntas formuladas, você terá todo o direito de não responder.

Qualquer dúvida, entrar em contato com a responsável pela pesquisa Franciéle Trichez Menin, acadêmica do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão-PR, no endereço: Rua Maringá, 1200 – Vila Nova, Francisco Beltrão, CEP: 85.605-010. Telefone: (46) 3520-4853.

Franciéle Trichez Menin

Eu declaro ter ciência dos propósitos da pesquisa e concordo em espontaneamente participar desse estudo.

Assinatura: _____
Local _____ Data: ____/____/____

APÊNDICE 04: Termo de assentimento informativo livre esclarecido para adolescentes.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Francisco Beltrão
Rua Maringá, 1200 - Bairro Vila Nova - CxP. 371 - CEP 85605-010
Fone: (46) 3520-4848 Fax: (46) 3520-4849 - Francisco Beltrão - PR



Estado do Paraná

Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido

(Adolescentes com 12 anos completos, maiores de 12 anos e menores de 18 anos)

Informação geral: O assentimento não substitui a necessidade de consentimento dos pais ou responsáveis. O assentimento assinado pelo adolescente demonstra a sua cooperação na pesquisa.

Nome: _____,
Aluno (a) da instituição _____,
está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO SEXUAL: O QUE QUER, O QUE PODE A INTERNET?”** que será desenvolvida pela acadêmica Franciéle Trichez Menin, aluna do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão-PR.

Esta pesquisa objetiva levantar dados junto aos professores e alunos acerca da influência da internet na Educação Sexual dos adolescentes do ensino médio. Bem como, avaliar como a internet pode contribuir quanto ferramenta para desenvolver uma Educação Sexual no sistema de ensino, nas redes estaduais públicas do município de Francisco Beltrão/PR.

Você poderá participar desta pesquisa através de *entrevistas agendadas* com a sua concordância, sobre o tema estudado. Pedimos sua permissão para registrar com anotações e gravação a entrevista com vistas a garantir a fidedignidade de seu relato. Será garantida a CONFIDENCIALIDADE dos relatos bem como o ANONIMATO de todos que participarem da pesquisa.

A SUA PARTICIPAÇÃO É VOLUNTÁRIA, o que significa que você terá plena autonomia para decidir se quer ou não participar da entrevista individual, bem como desistir de fazê-la a qualquer momento. Sua decisão será respeitada e não irá afetar o apoio institucional que você já recebe.

Em caso de qualquer DESCONFORTO em relação às perguntas formuladas, você terá todo o direito de não responder.

Qualquer dúvida, entrar em contato com a responsável pela pesquisa Franciéle Trichez Menin, acadêmica do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão-PR, no endereço: Rua Maringá, 1200 – Vila Nova, Francisco Beltrão, CEP: 85.605-010. Telefone: (46) 3520-4853.

Franciéle Trichez Menin

Eu declaro ter ciência dos propósitos da pesquisa e concordo em espontaneamente participar desse estudo.

Assinatura: _____
Local _____ Data: ____/____/____

APÊNDICE 05: Termo de consentimento livre e esclarecido para os pais.



Termo de consentimento livre e esclarecido
(Pais e/ou Responsáveis)

Eu, Sr./Sra. _____,
Responsável pelo aluno(a) _____
da instituição _____ autorizo a
participação do(a) menor sob minha responsabilidade a participar da pesquisa
**“SEXUALIDADE, ADOLESCÊNCIA E EDUCAÇÃO SEXUAL: O QUE QUER, O
QUE PODE A INTERNET?”** que será desenvolvida pela acadêmica Franciéle Trichez
Menin, do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do
Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão-PR.

Esta pesquisa objetiva levantar dados junto aos professores e alunos acerca da
influência da internet na Educação Sexual dos adolescentes do ensino médio. Bem
como, avaliar como a internet pode contribuir quanto ferramenta para desenvolver uma
Educação Sexual no sistema de ensino, nas redes estaduais públicas do município de
Francisco Beltrão/PR.

A participação desta pesquisa será através de *entrevistas agendadas* com a sua
concordância, sobre o tema estudado. Pedimos sua permissão para registrar com
anotações e gravação a entrevista com vistas a garantir a fidedignidade dos relatos. Será
garantida a CONFIDENCIALIDADE dos relatos bem como o ANONIMATO de todos
que participarem da pesquisa.

A PARTICIPAÇÃO É VOLUNTÁRIA, o que significa que você terá plena
autonomia para decidir se quer ou não autorizar a participação do(a) menor para
entrevista individual, bem como desistir de fazê-la a qualquer momento. Sua decisão
será respeitada e não irá afetar o apoio institucional que você já recebe.

Em caso de qualquer DESCONFORTO em relação às perguntas formuladas,
o(a) menor terá todo o direito de não responder.

Qualquer dúvida, entrar em contato com a responsável pela pesquisa Franciéle Trichez
Menin, acadêmica do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do
Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão-PR, no endereço: Rua
Maringá, 1200 – Vila Nova, Francisco Beltrão, CEP: 85.605-010. Telefone: (46) 3520-
4853. _____

Franciéle Trichez Menin

Eu declaro ter ciência dos propósitos da pesquisa e concordo em espontaneamente
participar desse estudo.

Assinatura: _____
Local _____ Data: ____/____/____

APÊNDICE 06: Perfil de identificação dos professores e adolescentes.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Francisco Beltrão
 Rua Maringá, 1200 - Bairro Vila Nova - CxP. 371 - CEP 85605-010
 Fone: (46) 3520-4848 Fax: (46) 3520-4849 - Francisco Beltrão - PR



Estado do Paraná

Perfil de identificação (professor)

Colégio:
Como você gostaria de ser chamado(a) na pesquisa:
Idade: Sexo: Fem.() Masc.()
Estado Civil: Casado/a() Divorciado/a() Solteiro/a() União Estável() Viúvo/a()
Filhos: Sim() Não() Quantos:
Tempo de docência no ensino fundamental/médio:
Regime de trabalho 20h() 40h()
Formação Complementar: Você estuda atualmente? ()sim ()não
Em caso afirmativo indique a instituição onde estuda:
Que curso você está fazendo?
Qual a sua formação profissional? Magistério () Superior () Curso? _____ Especialização () Qual? _____ Mestrado () Área? _____ Doutorado () Área? _____
Formação profissional na área de adolescência/sexualidade e/ou Educação Sexual? ()Sim ()Não
Se sim, qual o tipo de formação: Congresso() Universitário() Pós-graduação() Mestrado() Doutorado() Palestra() Curso() Área de atuação do Profissional que ministrou a formação: () saúde () psicologia () educação () religiosa () outra; qual: _____

Perfil de identificação (aluno)

Colégio:
Como você gostaria de ser chamado(a) na pesquisa:
Idade: Sexo: Fem.() Masc.()
Estado Civil: Casado/a() Divorciado/a() Solteiro/a() União Estável() Viúvo/a()
Filhos: Sim() Não() Quantos:
Ano em que estuda: Fundamental ()6º ()7º ()8º ()9º Médio ()1º ()2º ()3º
Frequenta algum projeto de educação integral: ()sim ()não
Em caso afirmativo indique a instituição onde estuda:
Você já participou de algum curso sobre sexualidade e/ou Educação Sexual? ()Sim ()Não
Se sim, qual o tipo de curso: Palestra () Curso () Projeto () Área de atuação do Profissional que ministrou a formação: () saúde () psicologia () educação () religiosa () outra; qual: _____

APÊNDICE 07: Questionário Adolescentes.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Francisco Beltrão
Rua Maringá, 1200 - Bairro Vila Nova - CxP. 371 - CEP 85605-010
Fone: (46) 3520-4848 Fax: (46) 3520-4849 - Francisco Beltrão - PR



Estado do
Paraná

QUESTIONÁRIO ADOLESCENTES

TÍTULO: Sexualidade, Adolescência e Educação Sexual: o que quer, o que pode a Internet?

MESTRANDA: Franciéle Trichez Menin

*Como você gostaria de ser chamado(a) na pesquisa:
*Colégio:
*Idade: Sexo:
1- É permitido o uso da internet na escola em que estuda?
() Sim () Não
2- Em que momentos você têm acesso à internet na escola?
() durante as aulas com orientação do professor () no início da aula
() durante as aulas sem orientação do professor () no intervalo das aulas
() no recreio () outros. Quais?
3- Quais tecnologias você usa para acessar a internet na escola?
() Computador () Tablet () Notebooks () Celulares () Outros. Quais?
4- Em qual espaço físico da escola você utiliza a internet com maior frequência?
() Sala de Informática () Sala de Aula () Biblioteca () Pátio da Escola
() Outros. Quais?
5- Quais os principais sites você acessa quando usa a internet com orientação do professor?
() Google () Hotmail () Facebook () Dia-a-dia Educação
() Blogs () Wikipédia () Outros. Quais?
6- Quanto ao acesso à internet na escola:
a) A escola em que estuda disponibiliza acesso ao Wi-Fi para os alunos?
() Sim () Não
b) A escola permite algum horário de acesso livre (não pedagógico) para você aluno acessar à internet?
() Sim () Não
c) Se existe um horário de acesso livre em quais lugares você geralmente utiliza a internet?
() Pátio da Escola () Sala de Aula () Outros. Quais:
d) O que você geralmente acessa na internet neste tempo livre?
() WhatsApp () Facebook () Jogos () Músicas () Vídeos
() Outros. Quais?
7- Qual é a sua opinião sobre o uso da internet no espaço escolar?

8- O que você entende sobre sexo? E sobre sexualidade?
Sexo:
Sexualidade:
9- Sobre a Educação Sexual na escola:
a) Você já teve ou tem aulas de Educação Sexual na escola?
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
b) A escola tem algum projeto de Educação Sexual que você aluno participa?
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
c) Na turma em que estuda, vocês alunos levantam questionamentos em sala sobre sexo e sexualidade com os professores?
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Em quais disciplinas?
<input type="checkbox"/> Português <input type="checkbox"/> Matemática <input type="checkbox"/> Ciências <input type="checkbox"/> Geografia
<input type="checkbox"/> Filosofia <input type="checkbox"/> Sociologia <input type="checkbox"/> Biologia <input type="checkbox"/> Inglês
<input type="checkbox"/> Artes <input type="checkbox"/> História <input type="checkbox"/> Física <input type="checkbox"/> Educação Física
<input type="checkbox"/> Outras. Quais?
d) Se algum professor trabalhou questões referentes a sexualidade, sobre qual assunto ele falou?
Você se sentiu esclarecido? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Por quê?
10- Sobre Sexo e Sexualidade:
a) Com que pessoas você conversa sobre sexo e sexualidade?
<input type="checkbox"/> Professores <input type="checkbox"/> Pais <input type="checkbox"/> Amigos <input type="checkbox"/> Tios
<input type="checkbox"/> Namorado(a) <input type="checkbox"/> Irmão(ã) <input type="checkbox"/> Vizinhos <input type="checkbox"/> Outros. Quais?
b) Você conversa com alguém na sua escola sobre sexo e sexualidade?
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Com quem?
<input type="checkbox"/> Professores <input type="checkbox"/> Amigos <input type="checkbox"/> Outros. Quem?
Geralmente em quais horários acontecem essas conversas?
<input type="checkbox"/> Início da aula <input type="checkbox"/> Durante as aulas <input type="checkbox"/> No recreio <input type="checkbox"/> No final da aula
<input type="checkbox"/> Outros. Quais?
c) De quem você acredita ser tarefa de fornecer informações sobre sexo e sexualidade para você adolescente? Porque?
<input type="checkbox"/> Escola <input type="checkbox"/> Família <input type="checkbox"/> Religião <input type="checkbox"/> Ninguém
<input type="checkbox"/> Outros. Quem?
Por quê?

d) E em que lugares você costuma procurar informações sobre sexo e sexualidade?
<input type="checkbox"/> Escola <input type="checkbox"/> Família <input type="checkbox"/> Internet <input type="checkbox"/> Revistas <input type="checkbox"/> Igreja
<input type="checkbox"/> Outros. Quais?
e) Que informações você geralmente busca nestes lugares?
f) Na internet quais sites geralmente utiliza para conseguir respostas para suas dúvidas?
<input type="checkbox"/> Google <input type="checkbox"/> Facebook <input type="checkbox"/> Youtube <input type="checkbox"/> Blogs <input type="checkbox"/> Outros. Quais?

APÊNDICE 08: Questionário professores.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Campus de Francisco Beltrão
Rua Maringá, 1200 - Bairro Vila Nova - CxP. 371 - CEP 85605-010
Fone: (46) 3520-4848 Fax: (46) 3520-4849 - Francisco Beltrão - PR



Estado do
Paraná

QUESTIONÁRIO PROFESSORES

TÍTULO: Sexualidade, Adolescência e Educação Sexual: o que quer, o que pode a Internet?


MESTRANDA: Franciéle Trichez Menin

*Como você gostaria de ser chamado(a) na pesquisa:
*Colégio:
*Idade: _____ Sexo: _____
1- É permitido o uso da internet pelos adolescentes na escola?
() Sim () Não
2- Em que momentos os adolescentes têm acesso à internet no espaço escolar?
() durante as aulas com orientação do professor () no início da aula
() durante as aulas sem orientação do professor () no intervalo das aulas
() no recreio () outros. Quais:
3- Este acesso se dá através de quais tecnologias:
() Computador () Tablet () Notebooks () Celulares () Outros. Quais:
4- Em qual espaço físico da escola os adolescentes fazem o uso da internet com maior frequência:
() Sala de Informática () Sala de Aula () Biblioteca () Pátio da Escola
() Outros. Quais:
5- Quais os principais sites que os adolescentes acessam no período em que estão conectados na internet com orientação do professor:
() Google () Hotmail () Facebook () Dia-a-dia Educação
() Blogs () Wikipédia () Outros. Quais:
6- Quanto ao acesso à internet na escola:
a) A escola disponibiliza Wi-Fi para o uso dos adolescentes?
() Sim () Não
b) Existe um horário de acesso livre (não pedagógico) à internet na escola para os adolescentes?
() Sim () Não
c) Se existe um horário de acesso livre em quais lugares geralmente os adolescentes utilizam?
() Pátio da Escola () Sala de Aula () Outros. Quais:
d) O que geralmente acessam na internet neste tempo livre?
() WhatsApp () Facebook () Jogos () Músicas () Vídeos
7- Qual é a sua opinião referente ao uso da internet no espaço escolar?

8- O que você entende sobre sexo? E sobre sexualidade?
Sexo:
Sexualidade:
9- Sobre a Educação Sexual na escola:
a) Os adolescentes receberam ou recebem aulas de Educação Sexual na escola?
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
b) A escola tem algum projeto de Educação Sexual para os adolescentes?
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
c) Os adolescentes levantam questionamentos em sala sobre sexo e sexualidade?
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Em que disciplina?
<input type="checkbox"/> Português <input type="checkbox"/> Matemática <input type="checkbox"/> Ciências <input type="checkbox"/> Geografia
<input type="checkbox"/> Filosofia <input type="checkbox"/> Sociologia <input type="checkbox"/> Biologia <input type="checkbox"/> Inglês
<input type="checkbox"/> Artes <input type="checkbox"/> História <input type="checkbox"/> Educação Física
<input type="checkbox"/> Outras. Quais?
d) Sente-se preparado para falar sobre sexo e sexualidade com os adolescentes?
<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Por quê?
10- De quem você acredita ser tarefa de educar os adolescentes quanto a sexualidade?
<input type="checkbox"/> Escola <input type="checkbox"/> Família <input type="checkbox"/> Religião <input type="checkbox"/> Ninguém
<input type="checkbox"/> Outros. Quem?
Por quê?

ANEXOS

ANEXO 1: Lei Municipal que proíbe o uso de celulares em sala de aula.

 **MUNICÍPIO DE FRANCISCO BELTRÃO**
Estado do Paraná

LEI Nº 4084, DE 20 DE AGOSTO DE 2013

Proíbe o uso de aparelhos celular, players, nas salas de aulas e dá outras providências

ANTONIO CANTELMO NETO, Prefeito Municipal de Francisco Beltrão, Estado do Paraná

FAÇO SABER, que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou, e eu sanciono, a seguinte Lei:

Art. 1º. Fica expressamente proibido o uso, por parte dos alunos e professores da rede de ensino público e privado da educação básica, no Município de Francisco Beltrão, de usarem aparelhos celulares, players do tipo MP3, MP4, MP5..., I-POD e Tablets, enquanto estiverem em sala de aula, exceto quando para fins pedagógicos.

Parágrafo único. Os aparelhos previstos no caput poderão ser levados pelos alunos para uso fora das salas de aula.


Art. 2º. Cada estabelecimento de ensino deverá criar um cadastro constando o telefone para contato dos pais ou responsável por cada aluno, quando da efetivação da matrícula ou re-matrícula do aluno.


Art. 3º. O aluno que for apanhado utilizando-se de qualquer dos aparelhos previsto no caput do art. 1º em sala de aula, terá o aparelho recolhido pelo professor e encaminhado a direção do estabelecimento de ensino.

Parágrafo único. O aparelho recolhido será devolvido para o aluno juntamente com a presença de um dos pais ou seu responsável.

Art. 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Gabinete do Prefeito Municipal de Francisco Beltrão, em 20 de agosto de 2013.


SAUDI MENSOR
SECRETARIO MUNICIPAL DA ADMINISTRAÇÃO


ANTONIO CANTELMO NETO
PREFEITO MUNICIPAL

Rua Odaciano Teles da Silva, 1000 - Caixa Postal 51 - Fone: (07146) 3520-2121 - Fax: (07146) 3523-1947 - CNPJ 17.916.610/0001-86 - CEP 85601-030
e-mail: beltrao@franciscobeltrao.com.br - webpage: www.franciscobeltrao.pr.gov.br

ANEXO 2: Lei Estadual que proíbe o uso de celulares em sala de aula.

Poder Executivo

Lei nº 18.118

Data 24 de junho de 2014

Súmula: Dispõe sobre a proibição do uso de aparelhos/equipamentos eletrônicos em salas de aula para fins não pedagógicos no Estado do Paraná.

A Assembleia Legislativa do Estado do Paraná decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Proíbe o uso de qualquer tipo de aparelhos/equipamentos eletrônicos durante o horário de aulas nos estabelecimentos de educação de ensino fundamental e médio no Estado do Paraná.

Parágrafo único. A utilização dos aparelhos/equipamentos mencionados no *caput* deste artigo será permitida desde que para fins pedagógicos, sob orientação e supervisão do profissional de ensino.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Governo, em 24 de junho de 2014.

Carlos Alberto Richa
Governador do Estado

Paulo Afonso Schmidt
Secretário de Estado da Educação

Cezar Silvestri
Chefe da Casa Civil

Gilberto Ribeiro
Deputado Estadual